

Mitos e Neuroses

Desarmonia da vida moderna



Paul Tournier

Paul Tournier

Mitos e Neuroses

Desarmonia da vida moderna

A B U
E D I T O R A



Editora Ultimato

Digitalizado por id



www.semeadoresdapalavra.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

SEMEADORES DA PALAVRA e-books evangélicos

Copyright © 1947, Delachaux et Niestlé, S.A., Neuchatel, Suíça

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

Publicado originalmente sob o título *Désharmonie de La Vie Moderne*. Traduzido do espanhol com permissão e com todos os direitos reservados a ABU Editora e Editora Ultimato.

PRIMEIRA EDIÇÃO:
Julho 2002

TRADUÇÃO:
Yara Tenório da Motta

REVISÃO:
Milton Azevedo Andrade Délnia M. C. Bastos

CAPA:
Sônia Couto
(Sobre foto de Kléos M. Lenz César Jr.)

Catologação na Fonte do Departamento Nacional do Livro

Tournier, Paul. 1898-1986
T725m
2002

Miros e neuroses; desarmonia da vida moderna / Paul Tournier:
tradução de Yara Tenório da Motta. — São Paulo: ABU Editora ;
Viçosa : Ultimato, 2002. 160p.

Tradução de: Mitos y neurosis.

ISBN 85-86539-52-X

ISBN 85-7055-039-1

1. Psicologia social. 2. Neurose. 3. Mitos. 1. Morra, Yara Tenório da. II. Título.
CDD: 157.7

ABU Editora

Caixa Postal 2216 - 01060-970 São Paulo, SP Telefone: (11) 5031-6278-
www.abub.otg.br/editora

Editora Ultimato

Caixa Postal 43 - 36570-000 Viçosa. MG Telefone: (31)3891-3149-Fax: (31)3891-1557 —
www.ultimato.com.br

* * *

Para nossos dois filhos, Jean-Louis e Gabriel, e para essa
geração jovem, à qual a nossa geração deve pedir perdão,
por lhe haver legado um mundo tão enfermo.

Sumário

Apresentação.....	5
O Conflito Interior do Homem Moderno.....	6
A Hierarquia na Pessoa.....	21
A Separação entre o Espiritual e o Temporal	35
O Mito do Progresso	48
O Mito do Poder.....	60
A Cura.....	69
Obras Citadas	79

Apresentação

Uma foto de Tournier mostra um senhor meio calvo, de fisionomia bondosa, sentado ao lado da lareira de sua casa, batizada de "Le grain de blé" (O grão de trigo), na cidadezinha de Troinex, subúrbio de Genebra, o mesmo local em que nasceu e terminou seus dias, aos 87 anos, em 8 de outubro de 1986. Pois bem, sempre que leio (ou releio) algum de seus livros, tenho a sensação de estar naquela sala, conversando com um velho amigo. Seus textos são todos assim — escritos com um tom de intimidade que torna a leitura agradável e fluente.

Mas não nos enganemos. Esse estilo coloquial, essa humildade intelectual convivem com grande sabedoria e cultura privilegiada; de forma que, se você se der ao cuidado de reler algumas de suas páginas, vai encontrar certamente idéias que passaram despercebidas em leituras anteriores.

Assim é o livro que o prezado leitor tem em mãos. É sem dúvida obra profunda, embora não difícil. Nele, Tournier chama a atenção para um tema de transcendental importância: o "espírito desta época" está doente. Isso quer dizer que os problemas emocionais do homem e da mulher modernos não são gerados, na maioria das vezes, apenas por suas experiências e traumas infantis, nem por qualquer outro fator individual. Não. É toda uma cultura que padece de uma enfermidade cuja origem está na repressão do espiritual, no abandono de suas fontes cristãs (sem, com isso, ter-se esquecido dos valores cristãos). Assim, as pessoas estão divididas: guardam no mais profundo do seu ser um anseio por uma vida mais elevada, ao mesmo tempo que se deixam arrastar pela onda de egoísmo cínico que caracteriza nossa época e que as leva a reivindicar uma liberdade quase irrestrita, mas desvinculada da correspondente responsabilidade. E eis um ponto a realçar: embora escrito antes da metade do século passado (1947), o livro é mais pertinente hoje do que quando foi publicado pela primeira vez, já que os problemas que Tournier aborda não fizeram mais do que se agravar.

E a cura? E esse o grande desafio atual da Igreja, não apenas como instituição, mas também como comunidade daqueles que foram tocados por Jesus. "Vivemos — diz Tournier — a hora da Igreja". E como a enfermidade do mundo afeta cada um de nós, "a cura do mundo depende da nossa cura pessoal". Este livro se propõe a auxiliar nessa cura.

Quero terminar esta breve apresentação, relatando um fato interessante, que mostra como os escritos de Tournier, embora aparentem dirigir-se mais ao intelecto, produzem efeitos profundos no coração. O caso é narrado pelo psicólogo cristão Gary Collins em seu livro *The Christian Psychology of Paul Tournier* (A Psicologia Cristã de Paul Tournier). Ao terminar seu primeiro livro, havendo-o submetido à crítica de amigos cristãos, viu-se frente a opiniões tão contraditórias, que resolveu procurar um antigo professor e amigo, homem descrente mas de profundo bom senso, em quem nosso jovem autor depositava grande confiança. "Leia o livro para mim", pediu o professor. Depois de várias horas de leitura, o homem interrompeu-o com um pedido: "Está bem. Agora vamos orar." Espantado, perguntou Tournier: "Mas, como? O senhor agora é um cristão? Quando se converteu?" "Agora", respondeu o professor. Que nosso Pai de toda a bondade abençoe sua leitura para que ela o ajude a crescer mais e mais na maravilhosa graça do Senhor Jesus.

São Paulo, junho de 2002

Zenon Lotufo Jr.

*Pastor e psicoterapeuta, coordenador do Curso de
Especialização em Aconselhamento Pastoral do CPPC
(Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos)*

CAPÍTULO 1

O Conflito Interior do Homem Moderno

Não é preciso ser muito perspicaz para perceber que o mundo moderno não goza de boa saúde. Seus males são inumeráveis; ele está tendo convulsões. É evidente que precisa restabelecer-se.

O que o aflige?

Este é o problema que se apresenta todos os dias para um médico diante de seu paciente. Enumerar os sintomas, discernir os mecanismos que desencadeiam tais sintomas e examinar de perto as lesões dos órgãos mais afetados não significa, entretanto, fazer um diagnóstico.

Muitos homens lúcidos procuram hoje em dia formular um diagnóstico desse modo, e a maioria o faz com prudência, sem dissimular a dificuldade de que esses exames se revestem. Além disso, tais diagnósticos muitas vezes são contraditórios, o que faz aumentar a nossa perplexidade. Os esforços despendidos, no entanto, não são em vão: eles procuram, e nada encontra quem não procura. É neste sentido que me uno a eles, não como alguém que creia já ter obtido o diagnóstico correto. Como eles, eu também quero obtê-lo.

Quando nos deparamos com um "caso difícil", constituímos uma junta médica. Em conjunto examinamos o paciente para fazer um diagnóstico preciso. Cada um dos médicos formula a sua hipótese particular. Depois voltamos a examinar o paciente e verificamos se a hipótese corresponde aos sintomas observados.

É com este espírito que escrevo este livro; vou submeter ao julgamento do leitor as hipóteses que me ocorrerem quando estiver procurando compreender a doença do mundo moderno.

Atualmente cada uma de nossas disciplinas passa por uma crise: a ciência, a medicina, o direito. Há também a crise política e econômica, a crise filosófica e a religiosa. Os especialistas poderiam manifestar-se e descrever, muito melhor do que eu, cada uma dessas crises, e muitas outras mais.

Não sou historiador, nem teólogo, nem sociólogo. Inclusive em minha própria área, sou o menos especializado dos médicos. Não sou mais do que um observador dos seres humanos, dos homens que são infinitamente diferentes e ao mesmo tempo infinitamente iguais entre si, que dia após dia abrem o seu coração para mim. Para eles escrevo, porque por trás de todas essas crises particulares está a crise do homem moderno. Temos que especificá-la, e isso será uma tarefa difícil de se fazer.

Procurei encontrar o início do fio da meada, e creio tê-lo encontrado em Pascal, quando escreve: "A sucessão de todos os homens, ao longo dos séculos, deve ser encarada como se fosse um único homem, que sempre subsiste e que aprende continuamente." Consideraremos assim a história da humanidade como sendo a história da vida de um homem.

Quando um paciente nos procura, a primeira coisa que fazemos é interrogá-lo sobre a sua infância e adolescência. Procuramos compreender como ele se desenvolveu.

A infância da humanidade é a Antigüidade. O nosso paciente foi uma criança-prodígio. A Antigüidade tem todas as características de uma criança-prodígio, que parece descobrir, espontaneamente e sem qualquer esforço, os tesouros mais puros, mais verdadeiros e maiores. Isto ocorre especialmente no campo da arte, da poesia, dos sonhos, como se todas as obras-primas tenham brotado da sua cândida alma.

Entre os doentes de quem tratei nos últimos anos, conheci muitos que haviam sido crianças-prodígios mas que, quando adultos, pareciam estar passando por uma crise bem profunda, na medida que suas dificuldades atuais divergiam dos êxitos da infância. Lembro-me de um deles, em particular, que na sua juventude havia tido muitas vitórias que foram fáceis, em comparação com a mediocridade de tudo o que conseguia empreender então em sua vida adulta. Tal era o seu desespero que se refugiava na mais completa inação, e tinha uma obsessão pela idéia de suicídio.

A infância, a Antigüidade, é a idade da poesia.

Depois a humanidade passou pela Idade Média, que podemos comparar com a idade escolar. A criança de 8 a 15 anos aprende criteriosamente - tudo o que lhe ensinam. Acredita em tudo o que lhe dizem que deve crer. Aceita sem discussão a autoridade dos pais e dos professores. É a idade da religião aprendida. Do mesmo modo, na Idade Média os homens cresceram no sistema de pensamento que o seu mestre, a Igreja, lhes impôs. Tudo aceitaram sem a menor crítica, sem sequer se dar conta — tal como uma criança — de que o mestre tinha seus defeitos. E a idade em que se crê que aqueles que instruem sabem tudo e são perfeitos. A criança considera-os como sendo deuses. Aceita a fé e a moral que lhe ensinam e, ainda quando desobedece, não questiona a autoridade que eles têm.

Depois vem o período da adolescência. Grande quantidade de conhecimentos novos, a embriaguez do saber e a aspiração à experiência pessoal apresentam ao adolescente uma infinidade de problemas que seus pais parecem ter-lhe ocultado. Ele se levanta então contra os pais; rebela-se. Reivindica o direito de pensar por si mesmo e não segundo um sistema de pensamento tradicional; reclama o direito de conduzir-se a partir do seu próprio entendimento e não sob alguma autoridade. Também julga os pais e vê que eles não aplicam em sua vida a moral que lhe ensinam. Discute com eles acerca de todas as coisas e vence a discussão quando lhe confessam não terem respostas para as insaciáveis perguntas que lhes faz.

Não podemos comparar essa crise da adolescência com a que foi causada pelo Renascimento?

O que caracteriza o adolescente é que essa afirmação de si mesmo, entretanto, é negativa. Ele acredita estar livre e que pode provar a sua liberdade infringindo a tudo aquilo a que documente se subordinara até então. Contudo a sua liberdade tem mais palavras e discussões do que atividades criativas. Dizer *não* a todas as coisas que antes tinha aceitado, não é isso que significa ser livre.

Do mesmo modo, depois do Renascimento a humanidade assumiu a posição oposta à cosmovisão que a Antigüidade e a Idade Média lhe haviam ensinado. Substituiu a visão espiritual, religiosa e poética do mundo por uma visão científica, realista, econômica. Tal como o adolescente, a humanidade lançou-se, apaixonada e tumultuosamente, ao estudo de doutrinas extremistas e contraditórias. Foi uma violenta reação contra a pretensão que tivera, no fim da Idade Média, de colocar toda a cultura e a vida num sistema rígido e lógico, proveniente da fé.

Assim como o jovem rebelde acusa seus pais, o mundo moderno acusa a Igreja de ter sido o grande obstáculo que o impediu de chegar a ter uma identidade própria, de pensar livremente. São palavras de Nietzsche: "A idéia de Deus foi, até o presente momento, o maior obstáculo contra a existência." Uma outra característica do nosso jovem adolescente é a injúria. Ele denigre os valores em que foi educado. Zomba dos pais. Vê neles hipocrisia no seu conformismo moral e social. Neste ponto nos lembramos de Sartre, *esse* homem tão característico da época moderna, que vê uma farsa em tudo. "Consideremos este garçom — escreve ele — ... que brinca de ser garçom." E o que ele denigre são fundamentalmente os valores tradicionais. Para ele, "ser pai de família é ser, sempre, e de modo inevitável, alguém que brinca de ser pai de família..." — como escreve também Gabriel Marea, enfatizando ainda "o ressentimento que anima Sartre contra tudo a que se possa chamar de 'ordem social' ou, simplesmente, de 'ordem'."

A visão do mundo que Sartre tem é, assim, exatamente igual à do nosso jovem rebelde, que denuncia o que há de encenação nas personagens admiradas em sua infância, das quais tem agora um amargo ressentimento.

Assim, podemos comparar os séculos em que o homem viveu, a partir do Renascimento, com os anos críticos da adolescência.

Essa crise é necessária e normal. Antes de chegar à maturidade, o jovem tem de passar por *esse* tempo de ebulição em que questiona tudo. Chegará um dia em que recobrará os tesouros da infância e voltará às crenças dentro das quais foi educado e aos princípios que lhe foram transmitidos, porque eram verdadeiros. A vida fará com que os redescubra. Mas então lhes dará um tom pessoal, assumindo-os como se tosem convicções próprias, fundadas em suas experiências mais íntimas. E

o que se chama, na psicologia, de integração.

Entretanto, a integração às vezes tarda a aparecer, e a crise da adolescência adquire proporções de uma doença. E o que os psiquiatras chamam de "neurose de oposição".

Creio que foi isso o que aconteceu no desenvolvimento da história humana. E o diagnóstico que proponho acerca do nosso mundo moderno. Assim, antes de prosseguirmos com o nosso exame, vou esclarecer melhor o que é neurose de oposição.

O doutor A. Maeder, de Zurique, descreve um caso, com a exatidão e os detalhes que lhe são peculiares, em seu bom livro *Vers la Guérison de l'Âme* (Para a Cura da Alma).² Vou resumir-lo brevemente, mas recomendo ao leitor que leia a narração detalhada do autor.

Um certo professor envia ao doutor Maeder um aluno de 17 anos, a cujos graves fracassos escolares somava-se uma atitude de rebeldia. Esse adolescente, a quem Maeder chama de Max, só pensava *em jazz*; chegou a roubar dinheiro de seu pai para cobrir os gastos com uma orquestra com que se envolvera, em vez de trabalhar. Max mostra-se reservado diante do médico, respondendo laconicamente a suas perguntas. No entanto, deixa entrever que há um grave conflito entre ele e o pai, o que faz com que constantemente o enfrente. Isso explica a sua frieza, já que perante qualquer autoridade — e o médico é uma autoridade, assim como são os professores — o que ele faz é demonstrar uma atitude de rebeldia, tal como a que vinha tendo para com o seu pai.

Diante da boa disposição do médico, porém, o jovem se desarma um pouco e explica as críticas que faz de seu pai: este o tinha decepcionado muito; não tomou a defesa de sua mãe quando seus avós paternos a acusaram injustamente. Essa fraqueza havia destruído a autoridade do pai sobre o filho.

No dia seguinte o médico vê que Max está um pouco mais aberto. Não está mais arrogante. Confessa com sinceridade que se sente infeliz, que seus fracassos pesam-lhe muito e que se acha impotente para mudar de atitude; e lamenta as decepções que causou ao pai. Mas quando o médico sugere que diga isso a ele, Max rebela-se:

— Você não vai exigir que eu faça o contrário do que tenho feito até agora, não é?

E fica pasmado quando o doutor Maeder replica:

— Você me disse ontem que era um revolucionário. Então, fazer o contrário do que você fazia antes, isso não é agir como um revolucionário?

— Pode ser... — foi sua breve resposta.

Quando questionado sobre sua fé, o jovem responde que não acredita mais em Deus. Diz ter adotado a esse respeito uma atitude de independência.

O médico chama depois o pai do rapaz, para preparar um encontro entre os dois. O pai mostra-se também bastante reservado. Forçando a situação, Maeder pergunta-lhe se ele não reconhece ter também alguma responsabilidade diante do problema familiar. Após o choque inicial, o pai acalma-se. Seus olhos ficam úmidos; o gelo se quebra. Reconhece os seus erros e se diz disposto a dar uma explicação completa e sincera ao filho.

A conversa que Max tem com seu pai leva umas quatro ou cinco horas. O pai segue os conselhos do médico e trata o filho com benevolência. Assegura-lhe que quer ajudá-lo e que o seu desejo é deixar que escolha livremente entre os estudos e a música. Max fica consternado e volta a procurar o médico: agora que se sente livre percebe que suas dificuldades têm raízes em si mesmo; ele tem, na verdade, "medo de si mesmo". Espontaneamente confessa suas mentiras, o sentimento de culpa por masturbar-se, os pensamentos "sujos"... Acrescenta que duvida de si mesmo, já que, apesar de todos os seus esforços, nunca chegou a nada.

O médico explica-lhe então o importante papel que o conflito com seu pai desempenhou em seus fracassos: atrelada à atitude de rebelião contra o pai estava, de um lado, a rebelião escolar, o conflito com os professores, do qual, em última instância, ele mesmo fora a vítima. E, por outro lado, havia também a rebelião contra Deus, a autoridade suprema, mas que é, ao mesmo tempo, a fonte que pode lhe dar toda a vitória sobre si mesmo. "A situação central do homem está representada na parábola do retorno do filho pródigo".

Assim a entrevista passa, sem se perceber, do campo da psicoterapia para o campo da cura da alma. E o médico compartilha suas próprias experiências religiosas, mostrando ao rapaz como, na presença de Deus, submetendo-se à vontade dele, é possível aceitar-se tal como se é, aceitar o combate da vida com maturidade, aceitar a sexualidade e dominá-la.

E Max compromete-se a seguir esse novo caminho com grande empenho. "O realismo quase cínico de outros tempos na verdade ocultava a fonte de um 'idealismo' que agora ele professa abertamente" — acrescenta Maeder.

Mas por que dizemos que se trata aqui de uma neurose, e não de uma simples crise normal da adolescência?

Em primeiro lugar, o que caracteriza a neurose é a angústia. Esse jovem, que inicialmente se mostrava tão seguro de si mesmo, deixou transparecer, na segunda sessão, por trás da fachada de petulante, uma angústia profunda. Confessou que não estava contente consigo mesmo. A primeira tarefa do médico foi ajudá-lo a tomar consciência dessa insatisfação secreta.

De igual modo, há no homem moderno uma oculta insatisfação consigo mesmo, uma angústia da qual nem sempre tem consciência. Ele também se mostra ora inocente, ora acusador; denuncia os culpados: *sua* esposa, o partido adversário, ou *um Estado* vizinho. Mas se conversarmos com ele com maior intimidade, não tardaremos a ver que todas as suas críticas escondem uma angústia interior. Lembro-me agora de uma outra expressão de Sartre, muito típica de nossos tempos: "O homem é angústia"³

Uma outra característica da neurose é a esterilidade. Os grandes sonhos daquele rapaz, inclusive seu autêntico interesse *pelo jazz*, eram apenas fugas e compensações; não deram frutos e não o livraram da sua angústia. Da mesma maneira podemos encontrar no mundo atual valores, elites literárias, artísticas e espirituais que estão, porém, de algum modo, fora de foco, e que não desempenham nenhum papel que contribua para o destino da sociedade.

O que há de realmente trágico nas neuroses é que o esforço que se faz para escapar dela é o que acaba provocando-a. Podemos *comprovar* isso diariamente com nossos pacientes: é como se a doença os levasse a cortar a corda que os mantém suspensos. Se depositam toda a sua confiança em alguém, um impulso os leva a destruir, com a sua própria conduta, essa confiança. Se desejam abrir-se com alguém e acabar com os mal-entendidos, agem de tal maneira que os desentendimentos, pelo contrário, se multiplicam, o que lhes agrava a solidão. Se precisam ir bem numa prova, estudam com tanto ardor e com tanta angústia que na hora da prova perdem completamente o sangue frio e ficam totalmente aturdidos.

Percebo este paradoxo também no mundo moderno. Os esforços feitos para superar situações negativas são a causa da própria perdição. Tudo o que é feito para evitar a guerra é o que a precipita. Os esforços para que haja estabilidade na produção transtornam a economia e aumentam a miséria. O trabalho que se faz para conhecer a fundo os segredos da natureza e captar suas forças levam às armas nucleares, que ameaçam destruir tudo o que se construiu ao longo dos séculos. Os esforços para livrar o homem da servidão social o fazem cair em lutas em que sofre mais do que na situação anterior.

Tendo este ponto de vista, a crise do nazismo não teria sido um ato de neurose semelhante, que o precipitou justamente para a sua própria ruína, com os mesmos meios que foram escolhidos para dela tentar escapar? "O nacional-socialismo — escreve Röpke⁴ — foi, em larga escala, a forma alemã de uma doença mental internacional". E interessante comprovar, por outro lado, como a aventura nazista evoca certos conflitos próprios da adolescência, tais como a fuga. "O fugitivo — nos diz o Dr. Allendy⁵ — arremete-se, sem pensar, à realização de um projeto que o fascina, não se preocupando com o que depois possa acontecer; ele é refratário a qualquer argumentação em contrário." Consideremos as palavras de Goebbels: "Se vencermos, todos quererão ser nossos amigos." Tal como acontece com os neuróticos, o desejo de ser amado leva a fazer precisamente o que é necessário para gerar o ódio.

Este comportamento oposto ao que se deseja é uma das características próprias da neurose; é o que lhe confere uma aparência de maldição, de um aprisionamento fatal, de levar à autodestruição, de ser uma força demoníaca. Foi justamente com o campo de concentração de Buchenwald que o psicanalista Jung restaurou a velha noção bíblica de demônio.⁶ André Malraux,⁷ numa entrevista, também a evocou dessa mesma forma, assim como em relação à bomba atômica. São conhecidas as palavras de Valéry: "Nós, os civilizados, sabemos agora que somos mortais".⁸ E o físico George acrescenta, um dia depois de Bikini (ilha em que foram feitas experiências com a bomba atômica, em 1946): "A mortalidade das civilizações aumentou bruscamente".¹

Esta impressão que se tem do mundo correndo para a sua total perdição evoca muito bem a idéia de um impulso inconsciente. Gabriel Mareei¹ escreve acerca da obra de Sartre, dizendo que a seguinte questão paira no ar: "Será que essa filosofia não se dirige para os abismos onde a nossa desventurada espécie corre o risco de ser exterminada pelo poder da autodestruição?"

Definitivamente, o que caracteriza a neurose é que ela tem origem num conflito interior inconsciente. Segundo Jung, "a neurose é uma doença porque não é consciente de seus problemas". Isso ficou claro no caso relatado pelo Dr. Maeder. A base da cura residiu no esforço do médico em ajudar o paciente a passar do plano de seus problemas aparentes para o verdadeiro problema em seu interior.

Será que o homem moderno não sofre também de um conflito interior inconsciente, ignorando totalmente qual é o seu verdadeiro problema? Será que, apesar da busca febril para afastar o perigo das dificuldades políticas e econômicas — que vê como a única causa de seus males, não obstante o aumento constante de poder, o desenvolvimento da ciência e o recrutamento em massa de indivíduos para incrementar a produção —, a angústia do homem moderno não diminui porque o seu verdadeiro problema está em outra parte?

Será que ele não expulsou da consciência o seu real problema, a verdadeira causa do seu tormento, e por isso mesmo o projeta sobre tudo que toca?

Voltemos ao que estávamos dizendo sobre o Renascimento. De repente a humanidade rejeitou aquilo pelo que vinha se orientando até então e decidiu não levar em conta os juízos de valor, não confiar em nenhuma intuição metafísica, em nenhuma inspiração poética, em nenhuma revelação transcendental. Resolveu construir sua civilização somente a partir das realidades materiais e do conhecimento objetivo. Aparentemente ela se preocupa bem pouco, na atualidade, com problemas de ordem filosófica, artística, moral ou religiosa. Deixou que os especialistas nessas áreas batessem em retirada, como se *esses* problemas tivessem mais importância em relação ao seu destino, que estar agora sendo regido pela economia, pela ciência, pela técnica e pela política.

Acrescente-se a isso o fato de não ter podido eliminar os problemas de ordem qualitativa e afetiva, mas apenas os reprimiu em seu inconsciente. Jung mostrou a extrema importância do inconsciente coletivo da humanidade, onde dorme tudo aquilo que tinha animado o seu espírito no passado: o mundo do símbolo, da poesia, da verdade e da justiça. Assim como Freud revelou o inconsciente animal, dos instintos, Jung estudou o inconsciente espiritual, que o Dr. Stocker¹⁰ denomina inconsciente superior, e que permanece intacto e ativo no *homem moderno, sem* que ele perceba. "As religiões... foram escolas de vidas" — escreve Rougemont.¹¹ "Não resta a menor dúvida de que as grandes religiões universais *tiveram sob sua* responsabilidade a educação da humanidade" — afirma Maeder.²

Chega-se à neurose quando se reprime algo que não foi *eliminado*. O homem moderno acredita ter suprimido deste mundo os valores, a poesia, a consciência moral, mas não fez mais do que uma repressão, e por isso sofre. E tal como o jovem paciente do Dr. Maeder que — por compreender que a moral, que para ele o pai encarnava, e contra a qual ele lutava, na verdade era por ele levada bem no fundo do seu coração — vê que lutar contra ela significa lutar contra si mesmo.

E isto que é a neurose: uma luta interior.

"Cada época tem a sua doença típica" — diz o Dr. Gander.¹² A doença típica do nosso tempo é a neurose, que para muitos médicos aflige mais da metade da sua clientela. E não é por acaso. A nossa civilização materialista e amoral já não responde às profundas necessidades da alma. As experiências *de* Pavlov com animais provaram que a neurose está relacionada com um estado de indecisão da alma ou, como se diz em psicologia, *com uma* ambivalência. A *alma* moderna titubeia. A evolução da sociedade a partir do Renascimento destruiu os tradicionais marcos de referência, e o homem contemporâneo *está perdido*, cambaleando entre as doutrinas mais contraditórias. O mundo lhe dá a sugestão de que o sentimento, a fé e a verdade filosófica não têm importância. Mas este homem conserva no fundo do seu coração a correta intuição de que estas são as questões realmente importantes. O mundo nada lhe diz sobre a sede de amor que ele sente, nem sobre a sua solidão moral, nem sobre a sua angústia diante da morte, nem sobre o mistério do mal, nem sobre o mistério de Deus. Estas questões são totalmente reprimidas pelo mundo, mas elas lhe causam uma obsessão.

Stocker¹⁰ definiu com muita perspicácia a neurose: "um conflito interior que se estabelece entre uma falsa sugestão e uma intuição justa". A falsa sugestão é a que é dada pelo *mundo moderno*; e a *intuição justa* é a que tem a alma apaixonada por coisas totalmente diferentes da ciência, *do poder e dos bens materiais*.

O homem moderno sofre de uma repressão na consciência.

Vamos esclarecer isso um pouco mais.

Muitas vezes me perguntam o que penso sobre a relação que há entre pecado e doença. Creio que o esquema a seguir pode dar uma visão clara a respeito:

- O filho que ama o pai é justo e são.
- O filho que odeia o pai é injusto, mas é são.
- O filho que ama e odeia o pai ao mesmo tempo e' neurótico, pois isso implica numa contradição interior.

É isso o que faz com que certos médicos digam ao paciente que ele ficará curado se deixar de lado seus escrúpulos morais e o odiar com todas *as suas forças*. *Outros médicos, porém*, dizem ao paciente que ele nunca poderá extinguir o seu ideal de amor, e que somente ficará são se abandonar o ódio.

Do mesmo modo, creio que se a humanidade, a partir do Renascimento, tivesse conseguido realmente acabar com o espiritual — "matar Deus", como acreditaram alguns — ela estaria certamente menos enferma. Não estou dizendo que isso seria um procedimento verdadeiro e justo. Estou dizendo que sua alma não estaria dividida, não haveria ambivalência.

O homem coletivo a que Pascal se referiu rejeitou a sua infância. Em vez dos critérios morais da Antigüidade, escolheu a razão, o metro e a balança. Entretanto, o que fez foi lançar fora do campo da sua consciência os conceitos de beleza, de bem, de justiça, e a necessidade de comunicar-se com o seu Criador.

Freud viu apenas a repressão do instinto. Para ele a vida espiritual e a consciência moral provêm de uma ilusão: o medo instintivo de perder o afeto dos pais ou da sociedade faz com que o homem se submeta aos imperativos morais que *se lhe impõem*. "Entre os psicanalistas de primeira geração, — escreve o Dr. Maeder² — Wilhelm Stekel teve uma evolução interessante... As inúmeras obras que publicou em seus vinte primeiros anos de atividade destacam-se pela importância que dão ao instinto. Empirista nato que era, com o passar do tempo foi aprendendo e, pouco a pouco, foi reconhecendo a lei moral inerente à vida e à consciência. Terminou afirmando que as psiconeuroses são doenças da consciência." E Maeder acrescenta: "Sabemos agora que não existe apenas a repressão do instinto, mas também a do ideal, a da consciência." E refere-se aos homens que "imaginam ter superado a religião", mas cuja análise psicológica revela que na verdade estão dominados por uma preocupação religiosa inconsciente. Sua agressividade contra a religião, como também a de alguns psicanalistas ateus, procede justamente dessa luta inconsciente. E eles liberam em seu interior a projeção dessa luta insuportável para calar a voz da consciência e da fé. Posso acrescentar o meu próprio testemunho ao de meus colegas. Muitas vezes surpreendi-me com o fato de que os que tinham a atitude mais incrédula eram, na verdade, os mais perseguidos por um problema espiritual, que não tinham conseguido extirpar. Um deles, que era comunista, veio procurar-me com as seguintes palavras: "Hesitei em vir porque sei que o senhor é crente. Venho com a condição de que não me fale de Deus." Fiquei um bom tempo respeitando a condição que ele me havia imposto, mas era ele que me falava de Deus o tempo todo!

Também Ernest Jolowicz, segundo Stocker,¹⁰ dizia que certos neuróticos "não resolveram seus problemas transcendentais, apenas os reprimiram".

Um psiquiatra francês, o Dr. Baruk,¹³ diretor do sanatório de Charenton, em Paris, esclareceu maravilhosamente o fenômeno da repressão da consciência e suas conseqüências. Num livro muito interessante confessa sem rodeios que, baseado em fundamentos científicos, clínicos e experimentais, chegou a descobrir o importante papel da consciência moral.

De modo algum, como pretenderam os freudianos, a consciência moral se reduz no homem a Rincões psíquicas e mentais. Ela difere destas. A prova que o Dr. Baruk traz é o fato de que numa pessoa "alienada, completamente incoerente e de aspecto demencial, pode subsistir uma personalidade moral surpreendentemente perspicaz, com um agudo senso de justiça, e do bem e do

mal..." Inversamente descreve, com Trélat, as "loucuras lúcidas": "a inteligência, as faculdades intelectuais mostram-se intactas nesses indivíduos"; essa integridade contrasta com a alteração da consciência moral, o que em muitos sentidos é ainda mais perigoso para a sociedade.

"Pois bem — acrescenta Baruk — quem quer que se oponha à sua consciência moral e que viole as leis da equidade e da natureza humana expõe-se a sentir um mal-estar muito especial, um juízo interior insuportável... tão insuportável que, com frequência, é sumariamente reprimido por uma espécie de reação defensiva muito violenta, que elimina da consciência *esse* sentimento intolerável. É claro que essa eliminação é apenas aparente e o desaparecimento do sentimento de culpa não é mais do que uma ilusão: subsiste camuflado e inconsciente, e assim vai tornando-se cada vez mais temível. Não mais expressando-se oficialmente no psiquismo do indivíduo, expressa-se por reações exteriores aparentemente incompreensíveis e, com frequência, aterrorizantes."

O Dr. Roger Reyss,¹⁴ também psicanalista, acrescenta: "Quantos de nossos pacientes são atormentados por sentimentos de culpa! Quantos mostram, durante o processo analítico, problemas da vida não resolvidos; quantos têm delírios de um tema fixo... Recordo-me da doença de um de meus professores que procurara, sem êxito, um mito redentor 'para expiar a sua culpa, mas que acabou descobrindo, em meio à sua loucura, por uma estranha conversão, a impossibilidade e a inutilidade do esforço humano..."

Para justificar-se, prossegue o Dr. Baruk, aquele que reprime a sua consciência "costuma desviar o seu descontentamento para vítimas inocentes... artificialmente criando culpados. Os mais fracos passam a desempenhar o papel de bode expiatório, e contra eles recairá tanto mais excitação e ódio quanto maior for a sua inocência... É *esse* o mecanismo do bode expiatório, e ele é tão importante que desempenha na história social e na história dos povos o papel tão fundamental que é o instinto de agressividade."

E é assim que, a partir da observação dos alienados, Baruk consegue demonstrar que a agressividade e os conflitos de sangue da humanidade procedem de uma repressão da consciência. Servem de cobertura à má consciência humana. E neste ponto o literato une-se ao médico: "O drama da Europa — escreve Malraux — é a má consciência."⁷

Como se explica então que a ciência, que tem estudado tão minuciosamente o homem, tenha permanecido cega por tantos séculos a fenômenos tão capitais? É que, na verdade, desde Descartes a ciência impôs a si mesma um preconceito absoluto: deixou de levar em conta as realidades morais e espirituais.

De algum modo isso foi causado pelos cristãos. Em nome de valores morais e espirituais foram cometidas as maiores atrocidades. "Esses horrores — escreve Baruk — atingiram o apogeu no fim da Idade Média." E ele cita Esquirol: "O que se via por toda parte eram excomungados, condenados e feiticeiras. Impuseram o terror, criaram tribunais, o diabo foi chamado a comparecer, os possessos foram julgados, erigiram-se cadafalsos, fogueiras foram acesas; endemoninhados foram queimados, acusados de bruxaria e possessão, duplamente vítimas dos erros reinantes, depois de um interrogatório para que renunciassem a seu pretenso pacto com o diabo."

Infelizmente não foram apenas os doentes que foram perseguidos desse modo, mas também homens como Galileu...

Como se sabe, Descartes tinha uma obsessão pela sorte de Galileu. Ao ver que as controvérsias metafísicas e religiosas punham os homens uns contra os outros, imaginou que poderia conciliá-los, deixando de lado, numa atitude arrojada, todo juízo de valor de ordem moral. Assim instituiu como válidos unicamente os critérios da razão, do bom senso, das medidas de peso, de longitude e de tempo, que não podem ser questionados.

Superando os abusos a que tinha sido conduzida, a humanidade reprimiu o cristianismo que a vinha dominando até então. Reprimiu-o, mas não o eliminou. Tenho a impressão de que aqui reside a essência do drama dos tempos modernos. O homem moderno vive como se o cristianismo fosse apenas uma hipótese que se pode deixar de lado, e que não tem relação alguma com a realidade concreta do mundo e da sociedade. Mas este homem permanece impregnado de cristianismo no fundo do seu coração, de modo que desta forma ele vive numa perpétua ambivalência.

É o que quero demonstrar agora, por uma série de casos.

Um certo homem proclama que a única lei da sua vida é progredir economicamente e ter sucesso; que é impossível ser honesto nos negócios; e que não tem o menor escrúpulo em lesar o fisco e os concorrentes. Pois bem, ao chegar em casa e surpreender o seu filho dizendo uma

mentira, repreende-o asperamente:

— Posso perdoar qualquer coisa, menos uma mentira. Você já deveria saber que a verdade é uma lei absoluta, um princípio sagrado que nenhum homem de honra deve violar.

Isso é ambivalência! Como se dá em toda a sociedade moderna, ele demonstra crer que a honestidade exigida pela moral cristã é inaplicável à vida dos negócios. Guarda, porém, *esse* ideal no fundo do seu coração e o põe para fora quando se trata da educação do filho.

E fica com ambivalência e desassossego: afasta-se da Igreja porque, apesar de todas as doutrinas que professa, tem a consciência pesada. Teme parecer ser hipócrita — uma noção cristã! — se seus colaboradores, que conhecem suas mentiras nos negócios, o virem na igreja.

Há alguns anos pediram-me para dar uma conferência sobre o seguinte tema: "Por que há mais mulheres do que homens na Igreja?" Fiz então uma pesquisa em diversos meios e cheguei à conclusão de que isso se devia essencialmente ao mal-estar da consciência. O homem é dado à ação; a mulher, ao sentimento. Os pecados da ação manifestam-se visivelmente; os do sentimento, em geral, permanecem inconscientes. O homem desonesto em seus negócios não pode ir à igreja e ouvir a pregação do evangelho sem sentir-se mal. Entretanto a mulher, que é ciumenta, ou que detesta a sua nora, pode ouvir um sermão sobre o amor e recebê-lo, sem sentir mal-estar algum.

É óbvio que essa descrição é por demais esquemática! (Que isto seja dito para não ferir minhas leitoras!) Eu, que sou homem, descubro diariamente em mim pecados de que não tinha consciência, e há muitas mulheres com uma consciência mais delicada do que a minha. Isso não muda o fato de que, se há em nossas igrejas mais mulheres do que homens, isso se dá por causa do mal-estar espiritual que os homens têm sentido. Enredados que foram em morais sociais contrárias ao cristianismo, continuam secretamente vinculados a ele. "Já se observou muitas vezes — escreve o pastor Durand-Pallot¹⁵ — que, em sua maioria, as pessoas que atualmente as congregações evangélicas conseguem recrutar são os que vivem de rendas, os funcionários, os empregados administrativos... Por que é assim? Em larga escala, isso se deve a que o empregado administrativo, o professor etc. estão protegidos das tentações que recaem impiedosamente sobre quem precise estar sempre pensando e fazendo uso de toda astúcia para conquistar um lugar ao sol e ali manter-se."

Um outro caso é o que passo a descrever. Um homem casado é infiel à sua mulher. Proclama em alto e bom som que deixou para trás todos os falsos escrúpulos, que o ideal de pureza do cristianismo tem de ser guardado no armário dos preconceitos, que a condenação ao adultério deu lugar a repressões perigosas. E repete as palavras de Sacha Guitry: "O homem é polígamo, a mulher é monógama. Todo o mal tem sua origem nisso." O que se pode fazer? Ele é assim. Se sua mulher lhe faz alguma crítica, põe-se na defensiva com uma agressividade que nos faz lembrar o que disse o Dr. Baruk.

No entanto, ele mostra-se extremamente cuidadoso no que diz respeito à conduta e aos relacionamentos de sua filha. Teme que ela "dê um passo em falso", expressão com que se refere exclusivamente à moral sexual. Suas suspeitas deixam-no de tal modo alterado que provocam na filha um medo da sexualidade, o mesmo medo que, segundo ele, foi a Igreja que propagou pelo mundo.

Há ainda o caso de um ouro homem que pratica indevidamente o controle da natalidade (pelo coito interrompido) e guarda remorsos no coração por causa disso. "Com toda certeza — diz Durand-Pallot — o motivo de termos tantas pessoas idosas em nossos templos também se deve ao fato que assinaiei."¹⁵

Por que tantos homens que se destacam, que se interessam pelo bem público, abstêm-se de participar da política? Porque quem se integra à vida pública por um ideal social costuma ser muito rapidamente enredado por uma engrenagem que o leva a fazer concessões contrárias à sua consciência. Para justificar-se, repete, como todo o mundo, que a política é a arte dos compromissos, que é preciso assumir essa realidade. Sua situação é de ambivalência e desassossego. Para fugir desse desconforto, deixa de participar. E com que veemência os mais entusiastas das doutrinas da *Realpolitik* denunciam as negociatas e os arranjos de seus adversários políticos! Por mais que proclamem ter superado o cristianismo, conservam no fundo do coração um ideal de lealdade e justiça que dele receberam.

O ateísmo militante e coerente de Sartre pelo menos serve para explicar a estranha contradição que há em nosso mundo atual. E Buisson,⁸ típico representante do "laicismo" dominante, escreve: "Aceitamos a idéia de que um povo pode viver sem religião, e há trinta anos

estamos trabalhando para dar maior força a esta idéia." E Sartre cita a célebre expressão de Dostoiévski: "Se Deus não existisse, tudo seria permitido." Ele se engana com um "certo tipo de moral laica que gostaria de eliminar Deus com o menor esforço possível..." E a que diz: "Deus é uma hipótese inútil e custosa, vamos suprimi-la... é necessário, porém, ter em conta alguns valores... como ser honesto, não mentir, não bater na esposa, ter filhos."

Com efeito, este mundo "laicista", que persegue a Igreja, conserva no fundo de sua alma concepções que dela recebeu.

Mas o próprio Sartre, que pretende ser o mais lógico possível, que proclama que, não havendo Deus, não há também o que seja um valor normativo, e que moral alguma pode prescrever aos homens um determinado comportamento e não outro, o próprio Sartre apela constantemente à "boa fé" do leitor, em suas demonstrações! De onde foi que ele tirou esse valor da boa fé?

Vejam agora o problema do direito. Kaegi¹⁶ escreve que se chega "à negação da idéia do direito" *a partir* do "processo de secularização progressiva da noção do direito como sendo conseqüência da secularização geral da cultura." Com efeito, o direito transformou-se, nos tempos modernos, em "direito formal", um problema puramente técnico. Livrou-se de suas origens divinas e morais. O juiz deve abstrair-se de sua consciência "subjéctiva" e depender somente da lei, que deve aplicar automaticamente, como um técnico. Jamais deve pronunciar-se sobre o que é justo, mas unicamente sobre o que é conforme a lei.

Não obstante, quando os juizes alemães, partindo dessa concepção de direito, começaram a aplicar leis "raciais" instituídas por um regime anticristão, choveram protestos de todos os lados. Em nome do que se protestava? Em nome de um ideal de equidade vivo e divino que, se já não se professava, conservava-se no fundo do coração, provindo do cristianismo que se tinha renegado.

Vejam agora o problema do respeito à pessoa humana. "Nós marxistas — escreve o historiador soviético Pokrovsky¹ — não cremos que a personalidade seja a criadora da história. Para nós, ela é só o instrumento por meio do qual a história trabalha. Chegará o momento em que poderemos produzir esse instrumento artificialmente, assim como construímos agora nossos acumuladores elétricos." Esta consideração do homem como uma coisa não é prerrogativa do comunismo. O capitalismo fez isso muito antes. No entanto, tanto um lado como o outro valem-se de argumentos em que há a exigência de respeito pela pessoa humana, e isso tem sua origem na fé cristã. Quando os operários são explorados pelos capitalistas como simples instrumentos de produção, quando os comunistas não vêem no homem senão um objeto da história, quando os seres humanos servem de cobaia nos campos de concentração, em nome do que se protesta, não sendo em nome de uma concepção cristã do homem?

A medicina materialista moderna considera o homem como um animal. Não vê no homem mais do que um "conglomerado de vários trilhões de células onde cada uma representa um conjunto de moléculas diversas, ou seja,... de átomos"¹⁷ agrupados ao acaso. Entretanto, os mesmos médicos que negam que o homem é um ser espiritual e que afirmam não terem outro ideal senão o progresso da ciência, ficam indignados quando algum colega seu pratica a eutanásia ou torna-se um instrumento de pesquisa nos campos de extermínio. Apesar de todas as suas teorias materialistas, conservam uma concepção de homem que provém justamente do cristianismo que combatem.

Vejam ainda o que ocorre em outras situações como, por exemplo, no casamento. Muitos homens e mulheres professam uma doutrina completamente oposta à concepção cristã do casamento: dizem que se trata de uma livre associação feita por dois seres humanos independentes. Não fazem a menor concessão. Pretendem viver a vida sem que o laço conjugal lhes imponha qualquer limite. Mas com que veemência denunciam o egoísmo do cônjuge! É mais, no sigilo do consultório, durante a análise psicológica, descobrimos neles uma louca e secreta saudade de um casamento verdadeiro, de uma verdadeira comunhão conjugal. Terminam por confessar que, assim como a raposa mostrou-se indiferente diante das uvas, agarraram-se à sua desalmada independência por despeito, por não terem conseguido realizar, com o cônjuge, a união profunda que desejavam. Se chegaram a cometer adultério, confessam que isso foi feito pela sede de terem um relacionamento que os satisfizesse, de poderem fazer a entrega total de si mesmos, o que não conseguiram no casamento. Esses casais também conservam em si um ideal conjugal que vem do próprio cristianismo que parecem renegar.

Assim, podemos chegar à conclusão de que o homem da atualidade padece de um conflito mais ou menos inconsciente. Esse conflito interior é seguramente a fonte profunda das neuroses contemporâneas, bem como das inúmeras reações individuais e sociais que têm envenenado a

atmosfera familiar, nacional e internacional.

Insisto no caráter inconsciente desse conflito, porque creio que é justamente aí que reside a doença. Ele não deve ser confundido com a eterna luta moral do homem, da qual não é possível escapar, que o apóstolo Paulo descreve na Epístola aos Romanos. O que caracteriza o homem moderno, como vimos através dos diversos casos apresentados, é não reconhecer a voz da consciência, que o atormenta interiormente. Acredita tê-la feito calar-se, acredita ter elaborado uma nova moral. Seu conflito é então inconsciente: é uma doença, um drama que destrói a sua personalidade. Entretanto a luta moral consciente, a luta contra o pecado em nome de uma lei reconhecida conscientemente é, pelo contrário, construtiva, por mais derrotas que possa sofrer.

Este homem moderno passa a aderir-se, sucessivamente, a novas doutrinas extremamente contraditórias entre si: individualista, totalitária, nietzscheana, existencialista, científica ou freudiana. Em seu comportamento obedece a elas, mas no fundo da alma conserva um ideal e uma concepção de vida provenientes do cristianismo: a noção de uma lei divina; os remorsos por sua violação; o temor ao castigo; a necessidade de ser perdoado, de receber a graça e de reconciliar-se com Deus e com os homens; a necessidade de uma renovação total do seu ser para receber, ao mesmo tempo, uma satisfação pessoal e uma comunhão com os outros. Todas estas noções ele recebeu de Deus pelos ensinamentos da Igreja e, por isso, não pode apagá-las da consciência.

Por mais que o intelectual demonstre ter-se livrado das preocupações metafísicas e deixado de lado fatos imponderáveis, por mais que o doente só peça ao médico um remédio para a insônia ou uma receita psicológica para ser bem-sucedido socialmente, por mais que o médico se restrinja a seu papel técnico e impessoal — todos conservam o confuso sentimento de que nem o progresso do conhecimento, nem remédio ou sucesso algum poderão livrá-los da sua verdadeira angústia: a que provém da sua culpa moral, a que se refere ao seu destino espiritual.

E bem verdade que não falam dessa angústia porque convém ao mundo moderno dela prescindir, mas todos pressentem que ela está oculta por trás de seus males físicos, psíquicos e sociais. Não falam dela, mas pensam nela secretamente.

Jung revelou-nos que, na análise psicológica, os homens maiores de 35 anos mostram-se — se não de um modo consciente, ao menos inconscientemente — dominados pela angústia da morte e pelo problema religioso.

Muitos colegas me dizem: "De fato estou de acordo com você: o verdadeiro tormento de nossos pacientes não é o que eles contam; é o que impede a ação das forças de cura, que neles procuramos despertar. No entanto, não sei como abordar com eles o importante tema da fé." O que ocorre na realidade é que esses médicos também são prisioneiros da convenção moderna pela qual as convicções mais profundas devem ser ocultadas. Temem extrapolar os limites estritos da objetividade a que a ciência lhes impõe e ingressar num território-tabu. Tal como seus clientes, eles parecem viver num mundo em que os males só têm origem fora do homem: os micróbios, a esposa, o governo. Mas tão logo estejam vendo a si mesmos como são, com toda a sua miséria interior, vêem como seus pacientes também podem abrir-se ao que trava o desenvolvimento da vida deles. Uma vez que por si mesmos encontrem a cura da sua própria desordem interior, e consigam restaurar a harmonia que Deus restabelece na pessoa humana, voltando-se a Ele em submissão, então poderão ajudar seus pacientes a passarem pela mesma experiência. "Assim que o homem expulsa Deus de si mesmo — escreve Thibon¹⁸ — tudo nele (cada fragmento do seu ser) é chamado a transformar-se em Deus e, ao mesmo tempo, em guerra."

E certo que, para livrar-se dessa angústia interior, o artista moderno assumiu um ideal de sinceridade. Se for sincero, tudo lhe será permitido. Gide, a quem retornarei mais à frente, mostra-nos como esta saída é imprópria para a solução do conflito interior. "Não basta — escreve Guilloin¹⁹ — que um autor seja sincero, é preciso que seja verdadeiro. Mas no plano elevado em que se move a arte autêntica, a verdade não pode estar mais separada do bem do que da beleza."

E, sem dúvida, para escapar dessa angústia interior, o homem forjou com Rousseau, Nietzsche, Marx e Freud doutrinas que o livrassem de seus sentimentos de culpa, mas que não surtiram efeito. "Ninguém pode ser considerado responsável — proclama Nietzsche — só isso é a grande libertação." E Sartre³ diz: "Não podemos escolher o mal, nunca."

"Muitos homens modernos — escreve Maeder² — desembaraçam-se dos sentimentos de culpa, discutindo-os, procurando reduzi-los, por meio da razão, ao estado de um simples contrapeso. Minimizam-no ou resignam-se: 'o que é que se vai fazer, é assim mesmo, não tem jeito; não adianta amargurar-se na vida por causa disso...'" E acrescenta: Pergunto a mim mesmo se um médico que

adota tal atitude pode ajudar o seu paciente "Baruk" demonstra que esse sentimento de culpa reprimido não faz senão piorar o estado dos que se acham enfermos, constituindo a fonte oculta da sua agressividade, do seu delírio e dos seus conflitos. Baruk não hesita em estender a toda a sociedade o mecanismo que Maeder observa em seu jovem paciente neurótico. O homem moderno luta secretamente contra o sentimento de culpa: esta é a verdadeira causa dos conflitos que pervertem a sociedade.

Também é a causa de um fenômeno observável por todos: que o nosso mundo moderno é um mundo sem convicção. Na política, por exemplo, ou na economia, no direito, na arte, na medicina, tudo é improvisação. Aquele que sai na frente, o mais rápido, é premiado. Ante a premência dos males tomam-se apressadamente medidas superficiais e, com frequência, contraditórias, que só pioram as coisas. Se a esses homens forem feitas perguntas — as mais elementares — sobre o verdadeiro sentido da política, da economia, do direito, da arte ou da medicina, eles não saberão o que responder. "A cultura — diz Malraux⁷ — deve transformar-se, sem saber para onde vai."

Hoje em dia existe em cada um de nós uma profunda incerteza que procede do nosso conflito interior, dessa dissociação entre a vida espiritual e a vida prática.

O resultado disso tudo é um mundo que tem medo. Sem Deus reina o medo, o medo com os dois tipos de reações que ele desencadeia: as fortes, ou seja, as ameaças, a agressividade, a injustiça; e as fracas, isto é, o pânico, a pusilanimidade, a fuga. É uma guerra universal. Sabe-se que o desenvolvimento da ciência se deve em grande parte ao anseio humano de escapar do medo. Dominar a natureza, compreender para não ter medo, dissipar o mistério é o que a ciência busca. Ouçamos o que diz um dos cientistas que estão na vanguarda dessa epopéia, Harold Urey, detentor do prêmio Nobel e um dos físicos cujos trabalhos levaram à bomba atômica: "Escrevo para atemorizá-los. Eu mesmo sou alguém que tem medo. Todos os intelectuais que conheço têm medo."¹

* * *

Desenvolvamos agora a noção de repressão da consciência. Voltemos ao homem eterno e coletivo, a que se referia Pascal, e à crise de adolescência que o Renascimento representa. Ele não somente pretendeu ignorar a lei do bem e do mal, como também todas as regras da sua infância, todo o mundo do espírito. Pretendeu ignorar não somente o que é abrangido pela palavra "moral", como também tudo que as palavras "filosofia", "religião" e "poesia" evocam, tudo que se convencionou chamar de "valores", como até mesmo Freud ou Sartre, que os questionam, também os denominam.

Até o fim da Idade Média havia homens imorais, filósofos contraditórios, guerras religiosas e espíritos fechados à poesia. Entretanto ninguém negava a importância primordial desses valores, ninguém negava sua função essencial para a natureza humana. "Um imperativo que se dirige a todo o mundo — escreve Bergson²⁰ — apresenta-se a nós de alguma maneira como uma lei da natureza."

A natureza aparece de um outro modo na era científica moderna. É vista exclusivamente sob a perspectiva dos fenômenos, sob o aspecto de um jogo de forças, de pesos, de grandezas, de tempo, ou seja, de fatos mensuráveis, objetivos, quantitativos. A ciência tem sua lei em si mesma, proíbe qualquer juízo de valor, fecha *os olhos* ao aspecto qualitativo das coisas, repudia tudo o que procede de um ponto de vista subjetivo. Assume a atitude contrária à de Montaigne. "O valor da ciência — diz Bréhier²¹ — provém do valor do homem que a domina e a utiliza. E por isso que Montaigne tem como tema perpétuo o estudo do homem... tal como o encontra em si mesmo."

Essa inversão é particularmente clara no campo da medicina, em que o homem é só um desenvolvimento de fenômenos físico-químicos; o exame do paciente e a comunhão com ele estão em segundo plano; o diagnóstico é feito no laboratório a partir de um registro elétrico ou de uma dose química. E o reino dos números. Que surpresa para nós o que disse recentemente o clínico parisiense Noël Fiessinger: "Quando a matemática entra na medicina, deve entrar na ponta dos pés."²² Segundo ele, muitos médicos contemporâneos denunciam a primazia do trabalho em laboratório como um retrocesso intelectual, ao passo que, não há muito tempo, o que a ciência parecia consagrar era o triunfo intelectual da humanidade. Proclamar a autonomia da razão, pretender eximi-la de valores qualitativos, isso é o mesmo que negá-la. "Os valores são a base de

qualquer julgamento racional" — escreve Arnold Reymond. A razão sem esses valores não é mais do que uma crítica, uma crítica a Renan, o doutrinário da ciência.

Nós mesmos, que nos dispomos a reagir contra esta falsa visão de mundo, continuamos impregnados dos preconceitos que a ciência nos inculcou. Negamo-nos a basear a nossa concepção de homem no que a religião ou a filosofia nos ensinam sobre ele, negamo-nos a dar ao conhecimento metafísico um valor superior, ou pelo menos igual, ao conhecimento científico. "Gosto não se discute" — dizemos.

* * *

Convém observar com que ar de desprezo muitos de nossos colegas nos alfinetam quando falamos do aspecto espiritual do homem: "Isso é filosofia" — dizem. Os currículos dos cursos de medicina são sintomáticos. O futuro médico, que terá de enfrentar diariamente o homem em sua totalidade, que deverá compreendê-lo em suas reações mais íntimas, e aconselhá-lo em seu comportamento, não aprende na universidade senão sua anatomia e sua fisiologia. De sua psicologia só conhece as localizações cerebrais e os reflexos, que é o que o homem tem em comum com os animais.

Se um de nossos professores, um clínico experiente, se dá a alguma digressão sobre os problemas da vida e os sofrimentos morais dos pacientes, ele tem consciência de estar fazendo algo fora de contexto, uma transgressão ao princípio sobre o qual a universidade se apoia: nada de filosofia. Felizmente há professores que agem assim, e o exemplo pessoal que dão vai preparando o estudante para o seu futuro trabalho ou, pelo menos, o põe em condições de pensar. Mas eles precisam agir de forma bem sutil, como se entrassem no assunto de forma não intencionada, incidentalmente! Caso insistam, são acusados de terem deixado o papel de homem de ciência; são acusados de "filosofarem", de "caírem na literatura" ou de fazerem propaganda religiosa. A universidade oficialmente não pode ocupar-se das concepções morais e religiosas dos estudantes, por mais que elas os levem a um mercantilismo cínico ou a comprometerem seus futuros clientes com o adultério ou com o divórcio.

O mesmo vale para os estudos de direito e de sociologia.

Ainda que esta extraordinária carência filosófica não seja vista de um modo especial na França, por exemplo, o Dr. Tzanck,²³ um dos pais da medicina francesa, escreve: "Ao longo de minha experiência busquei o que a escola não me havia dado. A filosofia não é apenas algo transcendente, uma 'crítica da razão pura', só para os iniciados... Ela pode ser resumida na pergunta de Montaigne, que ocorre tanto no espírito mais vulgar quanto no de um sábio: 'O que é que eu sei?'"

É claro que ainda há filósofos, mas eles são considerados especialistas inofensivos que podem continuar discutindo eternamente acerca de coisas sobre as quais nunca chegarão a um acordo, e que não têm importância alguma para a vida real. E isso como se os dados da ciência não fossem constantemente questionados depois de terem sido admitidos universalmente. É por puro preconceito que o mundo moderno pretende que os "valores" — as noções morais, religiosas e filosóficas — sejam mais incertos e arbitrários do que as noções científicas.

Sobretudo a partir de Kant desconfia-se do conhecimento metafísico.

Nossos médicos têm a pretensão de não fazerem metafísica. Na realidade, porém, sem que se dêem conta, o seu pensamento está implicitamente vinculado a uma metafísica; eles têm uma metafísica inconsciente. Eis aqui a repressão! A mais recente de nossas disciplinas médicas, por exemplo, a psicologia, com que orgulho passou de "psicologia metafísica", segundo a expressão de Ribot,²⁴ para "psicologia biológica", isto é, puramente animal!

O resultado disso é deixar de gostar das idéias gerais e do verdadeiro pensamento intelectual, no corpo médico.

A especialização *transforma os médicos* em autômatos *técnicos*. Na realidade, quanto mais indispensável for a especialização, mais necessária será a formação intelectual e filosófica do médico. "Queira ou não — escreve o doutor Mentha²⁵ — o médico se vê obrigado a tomar partido. Seus conselhos inspiram-se necessariamente numa ética, que pode não ser a sua. Aconselha o divórcio ou a paciência, o perdão ou a separação, a vida em família ou a solidão, os prazeres ou a sublimação."

"A psicoterapia — afirma o professor von Weizsäcker²⁶ — demonstrou sem perceber que, em alguns casos, a doença não pode ser avaliada unicamente a partir da medida objetiva de uma escala de economia social, tal como a capacidade de trabalho, por exemplo, nem a partir da medida subjetiva de um desejo da consciência, como o prazer ou a alegria. Pelo contrário, temos visto que a doença depende de uma certa realidade profunda, em virtude da qual a saúde está, de algum modo, relacionada com a verdade, e o sofrimento com uma negação da verdade."

A Universidade de Genebra deu a cada professor de suas faculdades o encargo de tratar, perante o conjunto de estudantes, o problema da verdade e do homem. Essa iniciativa parece quase revolucionária nos dias atuais. Com efeito, a universidade, fundada para ensinar a verdade, esqueceu-se de perguntar o que é a verdade e se há uma verdade que ultrapasse as verdades particulares de cada disciplina e de cada especialidade.

Ao reprimir o que é espiritual, a universidade perdeu a sua unidade. As faculdades tratam-se entre si com deferência e cortesia, todas se dizem científicas, mas não há uma verdadeira integração entre médicos e teólogos, entre juristas e homens de letras, entre economistas e artistas. A filosofia é que conseguia estabelecer uma unidade na cultura.

* * *

Repressão da poesia.

"Vivemos em dois mundos diferentes, — escreve A. Carrel²⁷ — a saber, o dos fatos e o dos símbolos." O mundo dos fatos é atualmente o único com direito à cidadania. O homem moderno perdeu o sentido dos símbolos, que foram reprimidos em seu inconsciente. Somos obrigados a estudar seus sonhos para reencontrá-los. Mas nem sempre foi assim. Em outras épocas a poesia, a música e a mitologia alimentavam a alma e contribuíam para o seu desenvolvimento, tanto quanto as ciências matemáticas. Falavam-lhe na linguagem intuitiva que lhe é própria, e que a ciência não pode falar. E a alma moderna, apesar da tecnologia, sofre de inanição artística. Até a arte abandona o símbolo pelo realismo. Há uma pintura que se faz racional, uma música que imita o ruído de uma locomotiva em movimento.

O homem moderno rejeita a mitologia e o símbolo porque vê neles uma explicação do mundo ingênua e superada. A mitologia, porém, não procurava ser uma interpretação do mundo — esta é uma preocupação moderna. Ela evocava realidades que o pensamento lógico nunca poderá expressar, e que dão ao espírito um alimento muito mais rico do que as demonstrações científicas.

"Jean Piaget — escreve Ferrière²⁸ — mostra o importante papel do simbolismo na criança... Os povos jovens valem-se tanto de símbolos, ou até mais, do que as próprias crianças." Se pensarmos na sede de símbolos e de poesia que a criança tem, compreenderemos que a escola moderna, estruturada segundo a ordem do mundo dos fatos, inclusive na literatura, que se transformou em filologia, não poderá responder às suas verdadeiras necessidades. O mesmo ocorre em relação à necessidade dos povos que, afligidos pelos conhecimentos de divulgação científica, sentem uma secreta saudade do que lhes possa fazer vibrar a alma.

Certamente ainda existem *poetas e artistas*, mas estão fora da sociedade, assim como os filósofos. A poesia foi relegada a uma função de diversão. Já não se contam às crianças as lendas que contêm verdades *eternas*; o que lhes é explicado é o processo da extração do petróleo. Já não se ensina a poesia aos escolares, mas sim a história *da literatura*. Eles são obrigados a ler os poetas de noite, secretamente. Entretanto, a necessidade mística do homem é tão grande que estão surgindo símbolos de segunda categoria em substituição aos antigos. Já não se fala de anjos natalinos cantando para os pastores maravilhados, mas do pinheirinho de Natal e de Papai Noel. E esta humanidade, que acredita ter superado a idade da credulidade ingênua, devora as publicações da astrologia e aclama os *astros do esporte e os ditadores*.

Eu *disse* que a filosofia é que dava unidade à cultura; de igual modo, a poesia dava unidade ao homem. "Houve várias civilizações — escreve Pierre Hervé¹ — sem relação entre si... Se o destino da humanidade unifica-se na atualidade, se existe uma tendência ao que constitui uma natureza humana... é porque o conjunto da civilização no planeta unifica-se." Mas isso não é verdade! O faro de *se usar* o mesmo trator nas estepes russas e nos pampas americanos não dá aos homens um sentido de unidade. Trata-se de uma outra coisa. Em seu livro sobre o simbolismo *dos contos de fadas*, Leia³⁹ mostra-nos como nas lendas da Índia, da Finlândia e dos Incas são dados os

mesmos símbolos. Essas civilizações "sem relação entre si" tinham no entanto um vínculo, um vínculo espiritual que marca os homens de todos os tempos com um selo interior que os *torna irmãos*. "Os 'contos' e as 'fábulas' — escreve Rougemont"—serviram para a educação do espírito que, agora, em particular, deixou-se de lado". No final de sua obra *Leia* mostra que a cruz aparece milhares de anos antes de Jesus Cristo, como símbolo do encontro entre o divino e o humano.

Ao reprimir os símbolos, ao reprimir a arte, que é a linguagem da sua unidade, a humanidade perdeu o sentido dessa unidade, e sofre por isso. Os símbolos acham-se agora em seu inconsciente, mas a civilização racional já não responde a eles. Uma civilização em que a arte *volte* a encontrar o seu verdadeiro lugar contribuirá, com certeza, mais do que o petróleo, para a restauração da solidariedade numa humanidade que se acha totalmente desgarrada.

Só se produz uma verdadeira obra de arte quando se estabelece um vínculo de comunhão espiritual entre o artista e o seu público, um vínculo decorrente das ressonâncias de seu inconsciente comum. O que faz com que um quadro seja mais do que uma *fotografia*, uma escultura mais do que o seu modelo, uma sinfonia mais do que um conjunto de sons, um livro mais do que um quebra-cabeças dialético de idéias, uma obra teatral mais do que um diálogo? *É* que, em cada caso, são despertadas essas ressonâncias inconscientes. Os espectadores num cinema sentem essas vibrações. Sua emoção deixa de ser individual e passa a ser coletiva. Cria-se uma unidade indefinível entre eles, porque *é despertado o que lhes é comum: sua vida inconsciente*, simbólica, poética.

As idéias conscientes dividem sempre os homens, elas os confrontam. No plano consciente não há senão discussões e conflitos. O que aproxima os homens não são só os sentimentos, mas também as idéias inconscientes, tanto as do inconsciente inferior como as do inconsciente superior. Pode-se unir uma multidão tanto mobilizando seus instintos, seus ódios e seus pavores como despertando *seu espírito e seu* sentido de beleza e de amor. Uma obra burlesca pode ser tão eficaz nesse sentido quanto um mistério. E os homens têm tanta necessidade de comunhão que se uma civilização os priva de uma unidade por cima, eles se lançam a paixões que *os unam por* baixo.

Tratei profissionalmente de muitos artistas. Há entre eles tantos neuróticos, que se chegou a supor que não é possível ser artista sem ser neurótico. Encontrei neles o conflito interior característico do homem moderno: o conflito entre uma intuição justa (a importância primordial da sua vocação para os destinos da humanidade) e um pensamento falso-, o de que a arte é um luxo supérfluo. O que une os homens não é o que produzem, mas as verdades *eternas* que *só* podem assimilar, geração após geração, por meio do coração. Um químico formado na árida escola da ciência de laboratório relatou-me recentemente a experiência mística que tivera: "De repente, senti que falta ao homem de hoje algo essencial — disse-me ele — o entendimento, em síntese, de tudo o que o excede." Parece-me que a esta nova geração — da qual espero que os filósofos e poetas se sintam tão úteis à humanidade quanto os industriais e os cientistas — compete dar ao homem este sentido.

* * *

Pode-se observar atualmente três tipos de reações a essa repressão do espiritual; e as três têm conotações com a psicologia do adolescente.

Já me referi à reação supersticiosa: o que é reprimido reaparece em outro lugar, com uma outra forma. Quando o homem *se* separa da verdadeira fé, ele cai no Iluminismo. Assim, por exemplo, em nossa época, que pretende ter rejeitado toda crença irracional, enraíza-se uma superstição que faz lembrar a decadência romana. Isso acontece até mesmo nos círculos científicos. O Dr. Dubois³⁰ ri "dos cientistas, muitas vezes até dos que se acham entre os mais renomados, por caírem em redes de superstições grosseiras, como são o espiritismo e a telepatia."

Por outro lado existe a superstição da ciência, dos medicamentos, da técnica, do progresso. Com a negação dos "valores", chega-se a conceder, inconscientemente, um valor absoluto a simples produções do homem.

Desenvolve-se também um falso simbolismo. Rejeita-se o "mito bíblico da queda, por sua ingenuidade ultrapassada", mas constroem-se mitos nacionais, como o do nazismo.

Um segundo modo de reação é o ceticismo. Como um adolescente rebelde, o homem moderno esconde a sua confusão sob a capa de *um* cinismo cético. Não me refiro apenas à incredulidade religiosa, mas sim a uma espécie de amargura desiludida em relação ao homem e à

vida. "Não há natureza humana porque não há um Deus para concebê-la" — escreve Sartre.³ E Nietzsche, ao retomar de Heráclito o tema do eterno e o de que todas as coisas se tornam vãs, amputa a perenidade do *logos* que Heráclito opunha a esse fluir perpétuo. E a atitude de Gide, o seu ideal de disponibilidade, de não compromisso. E, por último, esse estranho "deus acaso" em que crêem cegamente os cientistas modernos. "O acaso — escreve Abauzit³¹ — não explica nada, não é mais do que a negação do espírito, o contrário da razão, a destruição de toda inteligibilidade." E, contudo, é a palavra final dada pela ciência em sua explicação do mundo. "A teoria científica clássica — escreve Lecomte de Noüy³² — nada mais faz do que substituir Deus pelo acaso. E uma simples troca de palavras." Bem, diriam os psicanalistas, eis aqui o "retorno do que foi reprimido", disfarçado como nos sonhos.

Por fim, temos a reação sectária. Tal como o adolescente rebelde que professa doutrinas revolucionárias — e *não há quem possa* contradizê-lo — o homem moderno entrega-se sucessivamente a sistemas de pensamento opostos entre si, mas que têm em comum o seu dogmatismo. Allendy evoca o pregador que fala bem alto no púlpito para *esconder-se* das dúvidas que o *perseguem*. *Creio que em nosso* mundo atual se dá um mecanismo de compensação semelhante: a confusão é tal que muitos, para se sentirem seguros, apegam-se a qualquer doutrina extremista com um fanatismo sectário. Para aplacar a angústia interior lançam-se a uma intolerância que *enfrenta, sob todos os aspectos*, qualquer oposição. Quando não estão seguros de si mesmos, aí é que se dão por convencidos.

E conhecemos muito bem o dogmatismo religioso. Quanto mais a fé viva debilita-se *no seio* da Igreja, mais ela se refugia *no* formalismo e na intolerância. Não obstante, o sectarismo anti-religioso, o do laicismo, o anticlericalismo, o materialismo científico, o de Nietzsche ou o dos Sem Deus, nenhum deles é menos dogmático. E existe o sectarismo religioso de *todos os* iluminismos que dividem a Igreja, a *oposição entre* diferentes confissões e entre todas as comunidades que pretendem ser as únicas possuidoras da verdade.

No terreno político voltamos a encontrar esse espírito sectário que põe *os* partidos e as "ideologias" *uns contra os outros numa* luta intolerante. Há também um sectarismo científico; para constatar isso, basta ver a forma como brigam as diversas escolas psicanalíticas. E, no entanto, se houvesse uma doutrina que ensinasse a seus adeptos a relatividade das doutrinas humanas, esta seria a psicanálise.

A tolerância é patrimônio das verdadeiras convicções.

* * *

Como se fosse um adolescente em plena crise, o homem moderno parece apresentar uma mescla estranha e contraditória de superstições ingênuas, de um ceticismo desiludido e de um espírito partidarista. Com efeito, ao reprimir os valores sem ter se libertado deles — porque na verdade deles nunca poderá libertar-se — o homem reprimiu o verdadeiro princípio da sua harmonia interior: o espírito.

CAPÍTULO 2

A Hierarquia na Pessoa

Para que possamos analisar com maior propriedade o problema que estamos discutindo, examinemos agora os efeitos da repressão do espírito sobre a nossa concepção do que é a *pessoa* humana. "O indivíduo, como homem, está subordinado à espécie humana, à sociedade e, em consequência, ao Estado... Mas a pessoa, no homem, está subordinada a Deus...¹", escreve G. de Reynold.⁸⁶ Ao negar Deus, a humanidade perdeu a noção de *pessoa*. Já não há nada mais do que indivíduos e Estados no mundo, e um debate perpétuo entre estas duas realidades que são incompatíveis: o liberalismo e o comunismo, que proclamam a suprema da sua posição sobre a outra, mas nenhum dos dois tem uma concepção do homem conforme a natureza. Ao fechar os olhos ao mundo espiritual, o homem tornou-se incompreensível para si mesmo. E não Prendendo a si mesmo, fica em confusão. "A confusão do homem moderno — escreve Stocker³³ — deve-se à perda do sentido de *pessoa*."

A nossa civilização científica é uma civilização impessoal, seja individualista ou comunista. Spoerri escreve: "É preciso refazer o Renascimento, como disse Monier; mas não no sentido do indivíduo, e sim *às pessoa*"¹

O que é a *pessoa*? O que é o homem?

Já sabemos como há mais de cem anos a ciência médica responde a esta pergunta: partindo do ponto de vista materialista. Segundo essa perspectiva, o homem assemelha-se a uma máquina ou, mais precisamente, a um conjunto de máquinas. Assim como um automóvel é um conjunto de diversas máquinas, de cilindros, gerador, carburador, radiador, diferencial etc, o homem seria um complexo conjunto de diferentes máquinas: dos sistemas digestivo, respiratório, nervoso, urinário etc, solidários entre si, porém independentes. O ideal da ciência, para melhor compreender o funcionamento de cada uma dessas máquinas, é isolá-las do conjunto e estudá-las em si mesmas. Cada uma delas será reduzida então a fenômenos físico-químicos que não têm nada do que seja propriamente vivo e humano.

A fabricação sintética de substâncias que, como os hormônios, durante muito tempo foram consideradas próprias de organismos vivos, parece ter sido uma confirmação definitiva dessa tese. A vida seria então simplesmente a resultante global de todos esses fenômenos inorgânicos. Uma única diferença subsiste entre a máquina humana e a máquina industrial, com a qual é comparada, e que faz com que a primeira (vale o paradoxo) seja mais materialista do que a segunda: *no* caso do automóvel, o agrupamento das diferentes peças foi concebido por um engenheiro, tendo em vista o rendimento do conjunto; no homem, ao contrário, segundo a explicação científica clássica, a colocação dos diversos órgãos no organismo humano, bem como suas diversas funções físico-químicas, devem-se ao acaso. A ciência rejeita totalmente a finalidade das coisas que estuda. Fundamenta essa posição com um fato inquietante: se existem no organismo órgãos e funções indispensáveis ao conjunto, há também alguns que parecem ser inúteis.

O fígado, por exemplo, seria um laboratório de química cujos diversos "serviços de fabricação" tínhamos de estudar meticulosamente em nosso preparo acadêmico. A ciência se fez assim cada vez mais analítica, distinguindo ainda em cada órgão uma quantidade crescente de funções independentes umas das outras. As pesquisas feitas nessa direção foram férteis na produção de determinados conhecimentos, mas ao mesmo tempo a medicina perdeu o sentido da *pessoa*, o sentido do homem em seu todo.

É um erro atribuir, como tem sido feito, essa tendência a Claude Bernard, o genial fundador da fisiologia moderna. Ele abriu, é verdade, a possibilidade do estudo experimental de funções isoladas, mas não se deixou ser pego pela ilusão que esses trabalhos poderiam sugerir. "A força vital — escreve — dirige fenômenos que não produz; os agentes físicos produzem fenômenos que

não dirigem." Não poderia haver explicação melhor para o fato de que por mais fértil que seja o estudo dos fenômenos físico-químicos que se verificam no organismo, ele nunca permitirá sondar o mistério da vida que não reside nas partes, mas no conjunto, na direção que é dada a cada parte. No entanto, "o conhecimento do homem em sua totalidade é o objetivo final da medicina", continua dizendo Claude Bernard.

A influência do fator moral, que a ciência materialista ignora completamente, e sua influência, não só nos sentimentos ou nas idéias do indivíduo, mas na matéria que compõe o seu próprio corpo, tampouco escapou a Claude Bernard: "Uma impressão moral mais ou menos forte — escreve ele — é o suficiente para determinar a aparição temporária de açúcar na urina."

Na realidade não é responsabilidade nem dos franceses — que sempre conservam um certo sentido das idéias gerais —, nem dos fisiólogos, o fato de a medicina ter se deixado levar definitivamente para o campo materialista. Isso se deve mais à ciência alemã, aos anatomistas, a Virchow,¹² e posteriormente a Erlich e suas tentativas de dar uma explicação puramente química a fenômenos biológicos tão complexos e misteriosos como o da imunidade.

De modo algum quero ignorar ou depreciar as incomparáveis contribuições dos estudos da anatomia, da patologia e da química fisiológica ao nosso conhecimento do homem. Essas disciplinas, porém, propagaram um dogma: toda doença resulta de uma lesão. Como assinala oendrail,³⁵ este dogma era universalmente aceito pelos médicos no final ao século XIX. Como em inúmeros casos patológicos não se localizava a lesão, a questão era superada com uma hipótese: a de que os instrumentos de pesquisa eram ainda insuficientes.

E a doutrina "organicista", da localização orgânica. Aqui a imagem da máquina aparece em todo o seu rigor; como o mecânico com o automóvel, o médico moderno tem uma preocupação dominante: localizar no paciente onde está a parte afetada.

A doença geral desaparece, e só há doenças locais, inclusive a lesão de um órgão repercute secundariamente em outros. Deste modo a medicina, segundo a expressão de Sendrail, move-se "numa perpétua referência ao cadáver".

No final do século XIX, a descoberta dos micróbios por Pasteur abre uma nova brecha no "reduto" das doenças gerais, considerando a infecção como um conjunto de combates locais, a fagocitose e as intoxicações celulares ficando relacionadas com as toxinas microbianas. Restavam as neuroses. Poder-se-ia dizer que o médico do princípio do século XX abordava o paciente neurótico como se fosse "inorgânico", e com uma certa irritação, sentida pelos neuróticos muitas vezes, já que o seu caso não se enquadrava no sistema de pensamento médico difundido universalmente. Foi uma vitória para os fisiólogos a vinculação do mal de Basedow, até então considerada uma neurose, a uma lesão na glândula tireóide. Daí a acreditar que o incômodo campo da neurose seria progressivamente desvendado foi um passo.

A descoberta das localizações cerebrais trouxe esperanças maravilhosas, entre as quais a vitória do organicismo, quando conseguiu determinar a base orgânica de todas as funções físicas e mentais.

Uma vez reduzida a vida a fenômenos físico-químicos, a ciência, logicamente, precisava retrair-se do pensamento, da consciência, do espírito. E isso ela fez. "De algum modo o cérebro dirige as impressões — escreve Cabanis — e realiza organicamente a secreção do seu pensamento."³⁶ Será necessário nos dias de hoje demonstrar que esta é uma explicação puramente verbal? Tanta pregação havia na onda materialista que o cientista, sem perceber, ia abandonando o campo da rigorosa observação científica, que havia proclamado como sendo a única legítima. "A concepção materialista da consciência epifenomênica — escreve Baruk³ — a partir da qual a consciência seria como o raio de luz que sai de um motor em funcionamento sem ter relação alguma com a marcha desse motor, é tão contrária a todos os dados da clínica que nem sequer merece ser discutida."

Não obstante, em seguida à fisiologia, a psicologia por sua vez integrou-se resolutamente dentro desse mesmo âmbito, e abriu os laboratórios onde se passou a estudar analiticamente cada função da alma, reduzindo-a a fenômenos objetivos. Lembro-me bem na minha infância do barulho que se fez em torno dos cavalos de Elberfel. Por não poder assemelhar por completo o homem à máquina, por causa de suas funções psíquicas e mentais, Elberfel assemelha-o a um animal. Através de experiências com o animal, procura penetrar nos mistérios da inteligência. "Dubois, de Berna, — recorda Mentha²⁵ — ironizava a respeito da medicina materialista, dizendo: 'Entre a medicina e a veterinária só há uma diferença: a da clientela'."

Sob certo aspecto a obra de Freud também se insere nesta evolução. É uma extensão do racionalismo científico. Estende-o a toda a psicologia, instituindo uma análise puramente racional do comportamento humano, procurando reduzi-lo totalmente a impulsos animais: os instintos. "Freud — escreve Dalbiez³⁷ — quase chega a considerar que a única coisa natural no homem é o que ele tem em comum com os outros animais... desconhecendo a sua natureza humana."

O homem de Freud é ainda uma máquina, no sentido de que está reduzido a seus automatismos, respondendo a um rigoroso e pretensioso determinismo psicológico. Dalbiez mostrou com a maior clareza que esse determinismo psicológico é, não obstante, absolutamente diferente do determinismo físico-químico, uma vez que as relações de causa e efeito que observa se demonstram posteriormente, não permitindo assim a menor previsibilidade.

Entretanto, sob um outro aspecto, a obra de Freud é uma revolução. Rompe a linha da evolução organicista da medicina, redescobrando a importância do psiquismo. Já antes de Freud a escola de Nancy, ao estudar os fenômenos da sugestão, tinha aberto uma brecha no dogma materialista: certas doenças não são causadas por uma lesão, mas por uma idéia.

Dubois,³⁰ ilustre representante dessa escola, descreve no começo do século XX a grande miséria dos neuróticos. Havia numerosos casos de tratamentos sem sucesso, segundo as concepções médicas da época — que faziam uso de drogas, operações, tratamento do fígado, dos rins ou das glândulas endócrinas — mas que ele curava pelo espírito.

A medicina havia redescoberto a importância da idéia, da razão, da vontade, da imaginação, do sentimento. A escola psicanalítica, ao demonstrar o poder da associação de idéias inconscientes, ampliou consideravelmente o alcance desta mudança. Em seguida veio Pavlov. Como no caso da psicanálise, podemos distinguir dois aspectos aparentemente contraditórios: de um lado, a descoberta de Pavlov acentua a semelhança do homem com o animal, sua redução aos automatismos maquinais e, por outro lado, mostra que as associações de idéias regem não só os sentimentos subjetivos como também os fenômenos fisiológicos objetivos.

De qualquer modo, a evolução contemporânea da medicina consagra o fracasso das esperanças anteriores que procuravam explicar o homem exclusivamente pelos fenômenos físico-químicos. "A vida psíquica — escreve o Dr. Ponsoye³⁸ — não se submete à medição... Os fenômenos fisiológicos e... psicológicos continuam não mensuráveis." E acrescenta: "A antinomia que existe entre os fatos psíquicos e os fatos físicos, apesar dos esforços que foram feitos, continua sendo... irreduzível."

É o que Loeb, representante da escola materialista, sinceramente reconhece.

* * *

E, então, o que acontece?

Acontece que, se por um lado há doenças orgânicas, devidas a lesões, e, por outro, há doenças inorgânicas, funcionais, provocadas por idéias, então a medicina divide-se em duas medicinas. Tal é nossa situação atual. É surpreendente que numa época racional como a nossa os médicos não prestem muita atenção ao problema. Diante de cada caso clínico é necessário fazer uma pergunta prévia: é orgânico ou funcional? Esta diferença é fundamental; o tratamento terá de ser diferente conforme tenha sido classificado numa ou noutra categoria. Há que se reconhecer que, em certo sentido, a concepção organicista, que não via doença sem lesão, era melhor. A unidade do homem e a concepção da *pessoa* talvez fiquem mais ameaçadas por este dualismo contemporâneo do que pela doutrina materialista.

Voltamos a encontrar aqui o grande abismo entre o mundo dos fatos materiais e o do espírito, a que nos referimos no primeiro capítulo. Isso se deve justamente, creio eu, a que o pensamento moderno acomodou-se de tal modo a essa oposição entre matéria e espírito, em toda a sua concepção do mundo, que nem os médicos escapam dessa dualidade fundamental. "O erro de Descartes — escreve o Dr. Carrell²⁷ - roí acreditar na realidade das abstrações (corpo e alma, matéria e espírito) e olhar o físico e o moral como heterogêneos. Esse dualismo pesou grandemente na história do conhecimento do homem. Não tem sentido examinar a natureza dessas relações, já que não observamos nem alma nem corpo, mas um ser complexo cujas atividades dividimos arbitrariamente em fisiológicas e mentais."

Haveria uma ponte sobre este abismo? Penso que sim. Já vejo indícios de sua existência nas duas margens: há trabalhos que questionam a concepção de que os fenômenos físicos podem ser

concebidos abstraindo-se o espírito, e há outros que tendem a reabilitar o papel do corpo nos fenômenos psíquicos.

Entre os primeiros está o livro do Dr. J. de Rougemont, professor de cirurgia em Lyon: *Vie du Corps et Vie de l'Esprit* (Vida do Corpo e Vida do Espírito). Mostra que a lei da vida, mesmo em seus aspectos físicos, é a mesma lei do espírito: "A vida modela as formas, anima-as; não constrói, cria... A vida... usa alguns materiais e deixa outros de lado; ...faz, portanto, uma escolha (na qual há) uma evidente memória, mas principalmente inteligência." Vemos assim que, ao estudar a vida do corpo, um cirurgião reconhece que ela não é compreensível sem as noções de criação, escolha, memória e inteligência, que são procedentes do mundo do espírito.

Neste grupo encontram-se também as observações que o Dr. Tzanck,²³ diretor-médico do hospital Saint Antoine em Paris, expõe em seu livro *La Conscience Créatrice* (A Consciência Criadora). Este autor, segundo a expressão de Baruk, "constrói uma biologia psicológica"; isto é, demonstra que não se pode explicar a vida sem dar à matéria viva, à menor de nossas células, uma qualidade psicológica — a memória — e, conseqüentemente, em sua origem, uma consciência. "Com a memória encontra-se uma unidade em última instância, quando se estudam os fenômenos biológicos... Da vida só se vê a memória" — escreve ele.

Em seus estudos especializados sobre anafilaxia, intolerância e imunidade,³⁹ ele chega às mesmas conclusões: "A imunidade não pode ser explicada com teorias materialistas, mas com a noção de memória celular... as células aprendem a reconhecer uma determinada substância e só reagem a ela." Assim, acrescenta-se ao cirurgião o homem de laboratório, o especialista em transfusões de sangue, que precisa recorrer a noções psíquicas para explicar os fenômenos orgânicos.

Pode-se juntar a este grupo de textos os do Dr. Menkès,⁴⁰ de seu livro *Médecine sans Frontières* (Medicina sem Fronteiras): "A imunidade é um fenômeno que interessa ao sistema nervoso (...) (implica em haver) uma memória." O Dr. Menkès mostra que "o sistema nervoso desempenha em patologia um papel muito importante, particularmente no aparecimento das doenças infecciosas e na evolução das doenças degenerativas". Ele ressalta que, "de fato, as profundas leis da infecção escapam ao nosso conhecimento... Por que um resfriamento dos pés pode aumentar a virulência dos micróbios que habitam normalmente em nossas amídalas?"

Ele cita o Dr. Allendy, que narra o episódio de seus soldados na Primeira Guerra Mundial. Para evitar a frente de batalha, eles deitavam-se junto com os companheiros que estavam com escarlatina, mas não chegavam a contrair a doença. E refere-se aos surpreendentes trabalhos do médico russo Speransky e sua escola que, por meio de determinadas irritações dos nervos, conseguia reproduzir à distância lesões orgânicas exatamente iguais às produzidas por uma lesão local. Seus alunos chegaram a engolir culturas de vibriões do cólera, sem contrair a doença. Cita também as experiências de Speransky com coelhos: associando injeções preliminares de toxinas com raspagens na orelha, este médico criou um reflexo condicionado tal que os coelhos, cujas orelhas não tinham sido raspadas, morriam quando uma dose mortal de toxina era injetada; mas os coelhos com orelhas raspadas sobreviviam, recebendo dose igual. Cohn chegou a resultados semelhantes, assustando suas cobaias. Tudo isso, acrescenta o Dr. Menkès, "lança dúvidas sobre o valor real da classificação das doenças por órgãos..."

Funciona igualmente como uma ponte entre o orgânico e o funcional o que destacou o professor Abrami, também citado por Menkès: "Os problemas funcionais são os que dão às enfermidades orgânicas as diferentes formas com que se apresentam. Não é surpreendente a desproporção que há entre uma lesão e os seus sintomas?" De fato, a idéia preconcebida que temos desde os dias em que éramos estudantes universitários — de haver uma demarcação básica entre enfermidades orgânicas e funcionais — nunca é confirmada pela observação clínica. Todos os nossos doentes padecem de males orgânicos e funcionais. O espírito influi na saúde do corpo e não só produz problemas psíquicos como também problemas físicos, que podem ser materialmente observados pelo exame clínico e laboratorial. Em outra oportunidade eu mesmo vi inúmeros exemplos. Acabo de citar o Dr. Menkès para deixar claro que um médico não ligado a uma concepção espiritual do mundo chega também às mesmas conclusões, a partir da observação científica. Podemos acrescentar ainda as palavras do Dr. Allendy: "Cabe perguntar em que medida as doenças consideradas como sendo as mais orgânicas não são também devidas a problemas psíquicos."

Esta ponte entre o orgânico e o funcional constrói-se, como eu disse, a partir das duas

margens do abismo. O Dr. Kressmann,⁴¹ por exemplo, citou trabalhos que chegam a mostrar a presença de lesões na histeria. Baruk,¹³ a cujo pensamento já nos referimos, deu uma explicação completamente fisiológica às perturbações psíquicas e mentais. Isso implica num paradoxo cuja importância meus leitores médicos não deixarão de perceber. Até o presente tem havido discórdias entre os psiquiatras "organicistas" e os psicanalistas; os primeiros sustentando a organogênese das perturbações mentais, e os psicanalistas sua psicogênese. Os psicanalistas, como vimos, despontaram como pioneiros de uma nova descoberta da importância do espírito. Mas, e os freudianos, a que espírito se referem?

Referem-se a funções animais, a automatismos psíquicos.

Baruk tinha uma visão muito mais espiritual, se é que podemos usar esta expressão: ele refere-se à consciência moral, ao juízo sobre o bem e o mal, ao sentimento de justiça e de humanidade. Entretanto, sem questionar os mecanismos estudados pelos psicanalistas, particularmente a repressão parcial do instinto, Baruk acrescenta: "O problema que fica ainda por esclarecer é a causa dessas más repressões... (cujos) mecanismos são bem mais complexos do que Freud imaginou quando invocava o 'freio social'." E sobre esses fatores complexos diz: "Para começar, há causas de ordem fisiológica... mecanismos tóxicos, vasculares." Baruk evidencia-se assim como simultaneamente mais organicista e mais espiritualista do que os psicanalistas. "É preciso estudar sem preconceitos — escreve R. Reyss¹⁴ — não esquecendo que o homem, por mais alienado que esteja, é corpo e alma: deixar de lado um aspecto é desencarnar ou animalizar o outro."

Assim é que esse grande abismo entre matéria e espírito, entre o orgânico e o funcional, tende a ser tanto quanto possível evitado na Medicina atual.

No livro citado,² o Dr. Maeder fala de um caso "parecido com o mal Basedow". Diz "parecido" porque o médico que o tinha enviado ^va comprovado, de forma incontestável, "os olhos típicos de Basedow, com exoftalmia, escassos movimentos de pálpebras, rigidez e debilidade dos músculos adutores,... taquicardia...", mas o metabolismo basal só havia aumentado em 12,5%. Era o que se podia chamar de um "Basedow toscano". A esse respeito Maeder questiona: "Cabe perguntar se um caso assim deve ser considerado como o mal de Basedow na sua forma toscana ou no seu estágio inicial." E acrescenta: "Assim como a intervenção psicoterapêutica descrita pode exercer uma ação tão rápida e eficaz sobre o sistema neurovegetativo autônomo, tal como foi comprovado depois da segunda sessão, inversamente, ao fixar-se e intensificar-se uma indigência física e psíquica, isso poderia contribuir para tornar orgânico um processo devido em sua origem à psiconeurose e à neurose atual (inflamação da glândula tireóide e aumento do metabolismo basal)."

Eis aqui uma noção muito rica e assaz satisfatória para o nosso espírito. Muitas doenças começam sendo funcionais e depois tornam-se orgânicas. Com o tempo o corpo acaba demonstrando, com suas lesões, o que a princípio não passava de uma perturbação funcional. Se estou triste e caminho encurvado, poderei endireitar-me, se eu quiser; mas, se eu permanecer com essa postura por muitos anos, a minha coluna vertebral se modificará e minha posição incorreta se fixará organicamente, o que a princípio fora algo simplesmente moral. Não ocorre o mesmo com as rugas das mãos e do rosto, com o alcance da respiração, e seguramente com o metabolismo do fígado ou dos glóbulos no sangue? De início são perturbações funcionais que não podem ser diagnosticadas nem pelos sintomas físicos nem pelos exames clínicos e laboratoriais; depois passam a ser lesões estabelecidas, que podem ser observadas e medidas.

Preencher o abismo existente entre o orgânico e o funcional será uma etapa para uma nova concepção do homem.

* * *

O que temos diante de nós é o desafio de voltarmos a encontrar uma concepção satisfatória do homem. O médico tem uma noção precisa do metabolismo do cálcio, da digestão de gorduras ou do mecanismo dos sonhos, mas não da pessoa humana. Depois da era materialista, que considerava o homem como uma máquina; depois da epopéia psicanalítica, que somava aos mecanismos físico-químicos mecanismos psicológicos, e tomava o homem como um animal; depois de ter admitido um abismo entre a matéria e o espírito, a medicina precisa de uma síntese. O Dr. Roger Reyss¹⁴ conta o caso de um "jovem de 22 anos que caiu bruscamente num delírio persecutório incoerente: não conseguia dormir, acreditava que a qualquer momento iriam matá-lo, via homens vestidos de

preto que vinham com o propósito de o fuzilar, e lançou-se por uma janela para fugir deles... Depois de uma diarreia aguda o rapaz voltou à normalidade em dois dias, conservando apenas uma pálida lembrança do que se passara... Ele já tivera inúmeras erupções de urticária, um histórico pulmonar estranho mas passageiro, crises de colite com dores horríveis, e por muito tempo vinha se tratando, sem êxito, de um problema de parasitas intestinais." E o Dr. Reyss acrescenta as seguintes palavras, muito significativas: "É provável que tudo isso tenha se dado em conjunto, que seja possível relacionar o seu episódio mental com a urticária, por exemplo, na história da sua enfermidade."

Com efeito, somente estaremos de fato satisfeitos quando a medicina nos permitir compreender por que uma mesma doença manifesta-se às vezes por meio de fenômenos físicos e, às vezes, por fenômenos psíquicos ou mentais. Por outro lado, que médico ainda não comprovou, em inúmeros casos, uma melhora física acompanhada de um agravamento psíquico, ou o contrário, como se o mal se expressasse alternativamente de um modo ou de outro? Seguramente, como diz Mentha,²⁵ para melhor compreender o doente é necessário "antes de mais nada... renunciar a um diagnóstico precipitado, a qualquer classificação definitiva... num compartimento estanque", que é para onde nos levam as tendências analíticas da medicina atual. Esta precisa descobrir a influência do corpo sobre a mente e a influência da mente sobre o corpo, o que os antigos não haviam perdido de vista. Há mais de um século, Trousseau citou o caso de uma mulher asmática tão sensibilizada pelas violetas que entrava em crise quando via um ramo de violetas artificiais. "O corpo — escreve Ponsoye — pode receber da alma a saúde, a enfermidade ou a morte... A morte por síncope... é suficiente... para dar uma idéia da dinâmica potência do córtex cerebral." E Rougemont diz: "É preciso aceitar que um mesmo poder assegura as secreções das glândulas e anima os mais belos pensamentos."

Seria este poder algo mais do que a alma dos fisiólogos e dos Psicanalistas, isto é, um conjunto de funções nervosas, animais? Não se questiona a importância das funções nervosas que a psicologia estuda. "É impossível uma separação categórica entre o corpo e a alma — escreve o Dr. Maltarello⁴² — hoje todos os médicos o admitem. A negação da alma pertence a um materialismo definitivamente superado. Claro que isso não significa que todos os médicos aceitem a concepção cristã da vida, que creiam na imortalidade da alma e no destino sobrenatural do homem."

Bem, ainda que todos os médicos na atualidade admitam a existência da alma, eles não chegaram ainda a um acordo em relação ao significado do termo "alma". Melhor dizendo, muitos pensam que, além da alma, no sentido psicológico da palavra, existe no homem uma alma no sentido espiritual da palavra. Pois, segundo a narrativa bíblica, não foi o homem objeto de uma criação especial de Deus, o que lhe confere um caráter específico e o distingue dos animais? O que é a *pessoa* humana? Um corpo, funções psicológicas, ou algo mais?

Estas são questões para as quais muitos autores dos nossos dias procuram encontrar respostas. Este "algo mais", para o Dr. Ponsoye,³⁸ é o amor, no sentido metafísico do termo. Para Stocker,³³ é o coração, no sentido pascalino. Para Rougemont, como para mim, é o espírito. Mas, não importando como este "algo mais" seja chamado: de amor, coração ou espírito, entenda-se com isso uma realidade que não é apreendida pela ciência, uma das realidades "reprimidas" pelo mundo moderno, por ele reduzidas à posição de hipóteses que podemos e devemos deixar de lado em nosso estudo do mundo e do homem. í, uma realidade religiosa. "A religião — escreve Rougemont — é o reconhecimento da principal energia da vida."¹¹

Assim, para muitos autores, só se poderá voltar a encontrar uma noção completa *àz pessoa*, abandonando-se resolutamente o antagonismo do mundo do espírito, da religião, da filosofia e da poesia com o mundo do corpo, da matéria e da economia.

Trata-se então de se encontrar uma espécie de esquema da *pessoa*. Rougemont propõe em seu livro *Vie du Corps et Vie de l'Esprit* (Vida do Corpo e Vida do Espírito)" o esquema descrito a seguir.

A vida humana manifesta-se mediante:

1. Fenômenos corporais, físicos. Todos sabem o que se entende por isso;
2. Fenômenos psíquicos: a imaginação, as representações mentais, o sentido interior;
3. Fenômenos mentais: idéias abstratas, juízo, raciocínio, vontade;
4. Fenômenos inconscientes;
5. Fenômenos espirituais: ideal, razão, amor."

Na realidade os fenômenos inconscientes não constituem um grupo em particular; os

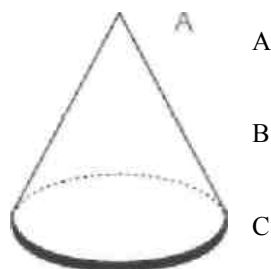
fenômenos agrupados em 2 e 3 — incluindo-se ainda os do grupo 5, para o Dr. Baruk — são os que podem ser conscientes ou inconscientes. O esquema se reduz assim a quatro estratos: vida corporal, vida psíquica, vida mental e vida espiritual.

Parece-me ser oportuna a distinção entre os grupos 2 e 3, já que os fenômenos mentais e intelectuais são próprios do homem, enquanto que os fenômenos psíquicos são comuns ao homem e aos animais. Por outro lado, os fenômenos mentais são muito diferentes dos fenômenos espirituais.

Rougemont insiste de modo especial na unidade indissolúvel do conjunto: "Somos 'homens' por nosso corpo, nosso psiquismo, nossa mente, nosso inconsciente e nosso espírito... não há um limite definido."

Comparemos agora este esquema com o de Stocker, em *Désarroi de l'Homme Moderne* (Desordem do Homem Moderno).³³

Ele o representa por um cone cuja ponta A representa o coração, no sentido pascalino do termo (o que Rougemont e eu chamamos de espírito); a parte intermediária B representa a mente (o intelecto, o terceiro grupo de Rougemont) e a base C, o corpo.



Os dois esquemas podem ser sobrepostos:

1 de Rougemont = C de Stocker

2 e 3 de Rougemont = B de Stocker

5 de Rougemont = A de Stocker

Há três modos de conhecimento, acrescenta Stocker: por meio do corpo, da mente (intelecto) e do coração (amor).

Seguindo o método literário que o caracteriza, Stocker ilustra o seu esquema com exemplos tomados de Valéry e de Gide. Em *La Velada com M. Teste, Carta de un Amigo y Carta de Ia Sra. Teste* (Vigília com o Sr. Teste, Carta de um Amigo e Carta da Sra. Teste), Valéry simboliza o coração A na Sra. Teste, a mente B no Sr. Teste, e o corpo C pelo amigo. Em *La Puerta Estrecha* (A Porta Estreita) Gide representa o coração A por Alissa, a mente B por Jerôme e o corpo C por Juliette.

Por que Stocker usou a forma cônica?

Sem dúvida ele foi inspirado pela expressão "fina ponta da alma" com que São Francisco de Sales designa esse "algo" que faz do homem um ser espiritual distinto dos animais, e que Stocker chama de coração, e Rougemont, de espírito. Esta "fina ponta" é a ponta do cone. De fato, um médico católico como Stocker está vinculado à filosofia tomista e ao seu "hilemorfismo"; à afirmação de São Tomás de Aquino de que o homem é composto por apenas dois constituintes: corpo e alma — em que a alma é, segundo a concepção aristotélica, a "forma do corpo".

Esse médico católico não pode, portanto, dar ao espírito um âmbito especial. Como sabe, porém, que a alma psicológica dos fisiólogos e dos psicanalistas não pode ser confundida com a alma espiritual própria do homem, denomina esta última de "fina ponta da alma".

Seja como for, é evidente que, em que pese o seu tomismo, Stocker distingue o espírito da alma ou, em sua terminologia, o coração da mente; designa-os com duas letras distintas A e B. Isso nos permitiu sobrepor os dois esquemas e mostrar que o médico católico e o protestante chegam à mesma visão do homem.

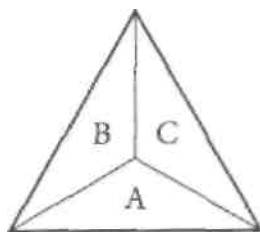
Seria possível fazer uma objeção a estes esquemas. A disposição em grupos pressupõe que o elemento espiritual próprio do homem é da mesma ordem dos outros e comparável a eles, uma parte agregada por cima do bloco ou ao tronco do cone da parte animal do homem (1,2c 3 de Rougemont;

B e C de Stocker).

Entretanto, o espírito é de natureza diferente. Os estratos inferiores são acessíveis à ciência, ao exame objetivo; pode-se experimentar com o corpo, com o psiquismo e com a mente. O espírito, ao contrário, é inacessível à ciência; só pode ser percebido intuitivamente pela introspecção ou, melhor ainda, pela graça.

Além disso, a ordem desses esquemas indica que o espírito está em contato com a mente ou com o psiquismo, e não com o corpo, e que assim só pode atuar sobre o corpo por meio da alma. Esta idéia parece-me contrária à concepção cristã do homem sobre a encarnação. Por ocasião de uma conferência na Academia Evangélica de Bad Boll sobre o tema "O médico moderno perante os dogmas da Igreja", o Dr. Küttemeyer, de Heidelberg, diz a *esse* respeito uma frase que me parece muito importante para a discussão da nossa concepção do homem: "Para o cristão, o espírito não se distancia mais do corpo do que da alma." A deformação intelectualista do nosso mundo, que também chegou à Igreja, como a de que os fatos espirituais só podem ser explicados por meio de palavras, de idéias abstratas, isto é, por meio de "fenômenos mentais" e a velha oposição platônica entre a matéria perecível e a alma imortal, ainda vigente tanto na filosofia moderna como na igreja cristã, nos levaram a uma perigosa concepção de que a alma é mais espiritual do que o corpo.

Na realidade o espírito, o "sopro" que Deus insuflou nas narinas do homem, encarnou-se no homem-animal em sua totalidade, tanto em seu corpo como em seu psiquismo ou em sua mente; e ele os anima e expressa-se neles. Se sustentarmos, por exemplo, que um dos atributos essenciais do espírito é o amor — como consideram Rougemont, Stocker e Ponsoye, é evidente que podemos manifestá-lo tanto por meio de um olhar ou por um aperto de mãos (corpo), como por meio da nossa imaginação (psiquismo), ou por uma idéia abstrata (mente). Proponho então o terceiro esquema seguinte:



É um triângulo equilátero, cujas três bissetrizes delimitam três pequenos triângulos isósceles que representam respectivamente o corpo A, o psiquismo B e a mente C. O espírito está aqui representado por um lugar geométrico" não espacial: é o ponto de intersecção das bissetrizes no centro. É o centro da *pessoa*, em torno do qual ela se organiza. É invisível, não tem dimensões, é inalcançável por via direta. De fora só se percebe por meio de um dos três constituintes A, B ou C.

De modo que só se manifesta *para* fora e apreende a realidade exterior por meio do seu corpo, da sua imaginação e das suas idéias.

O espírito seria assim a essência da *pessoa* humana. Os filósofos jogaram-me na cara o uso deste termo, que parece ser propriedade privativa deles, mas não importa. O espírito está no coração da *pessoa*: deparamo-nos assim com o termo de Stocker e sua "fina ponta" como sendo um simples lugar geométrico, mas com a diferença de que não se trata apenas da fina ponta da alma, mas também, ao mesmo tempo, ao corpo, do psiquismo e da mente.

De modo que o espírito expressa-se: por meio do corpo, A, ou seja, por meio dos seus gestos e movimentos, e das coisas materiais e econômicas, mediante a imaginação e os sentimentos; por meio do psiquismo, B, por meio da arte; e, por último, por meio do intelecto, da mente, das idéias, C, ou seja, pela teologia.

Ao basear o seu conhecimento apenas na investigação objetiva, exterior, a nossa civilização condenou-se a não tomar mais do que os seus limites exteriores (A, B e C), desconhecendo sua essência espiritual, o espírito, inalcançável de fora. Entretanto, esta essência é que dá sentido ao corpo, ao psiquismo e à mente, uma vez que assegura sua harmonia, sua articulação, sua unidade. Cada um destes três elementos está em contato com os outros dois e neles exerce influência: o corpo sobre o psiquismo e a mente, a mente sobre o psiquismo e o corpo, o psiquismo sobre a mente e o corpo. Mas é o espírito, no centro, quem determina suas fronteiras harmoniosas; ele é o centro de polarização da *pessoa*.

O Dr. Zwiebel⁴³ conta que, antes de sua conversão ao cristianismo, baseava sua ética na noção da semelhança humana. Depois já não considerou o homem como um "semelhante", mas como um "próximo". Isso significa que descobriu aquilo que dá ao homem o seu caráter pessoal, específico — o espírito — que é sua essência e a fonte de um novo vínculo entre os homens: o amor — um sentimento muito mais profundo que o sentimento de semelhança. "Os homens são diferentes, — escreve ele — mas estão próximos, são o próximo, são pessoas em que o Espírito de Deus se encarna."

Para encontrar novamente o sentido da *pessoa humana* e de sua unidade, é preciso reconhecer que o que percebemos pela manifestações "fenomenais" do seu envoltório corporal, psíquico ou mental é o espírito. O destino espiritual do homem está em jogo com o seu destino corporal e econômico, com o seu destino psicológico e artístico, com o seu destino mental e intelectual.

* * *

A partir dos três esquemas que acabo de expor pode-se deduzir uma nova noção: a de uma hierarquia *na pessoa*. Tanto nos "estratos" sucessivos de Rougemont, no cone de Stocker como em meu triângulo há uma ordem necessária nesse conjunto, há uma estrutura.

Rougemont diz que, das "cinco ordens de fatos" que enumerou, só "duas estão de acordo com a realização da lei da vida... o corpo e o espírito."

Rougemont reabilita o corpo. "Não posso aderir à opinião comum — escreve ele — que quer ver na carne um obstáculo ao desenvolvimento espiritual e a observa *com* uma grande desconfiança, se *não com* um desprezo absoluto... Entretanto, a nossa inteligência, o nosso julgamento e a nossa vontade (quer dizer, os 'estratos' intermediários) podem valer-se dos músculos e das vísceras para fazê-los cumprir atos contrários ao equilíbrio fisiológico e, ao mesmo tempo, contrários ao espírito... Se a existência do homem está perturbada, apesar da docilidade natural do corpo e do espírito, isso só pode ser por causa da interposição dos elementos psíquicos e mentais, conscientes ou inconscientes, e principalmente por seu desenvolvimento anormal."

Teríamos assim uma hipótese fundamental para explicar o "drama do eu": uma culpabilidade dos estratos intermediários, isto é, o psíquico e mental.

As necessidades do corpo são legítimas e, uma vez satisfeitas, desaparecem. São a imaginação e o desejo que, transgredindo as leis normais da vida, concebem o "desejo", a sede hipertrofiada, ilimitada, insaciável de um gozo sentimental ou intelectual. O pecado original seria um pecado mais psicológico do que carnal, como o indica o símbolo "árvore do conhecimento". O desejo de conhecer e de gozar além dos limites que as necessidades do corpo e do espírito lhe atribuíram lançou o homem em suas desgraças. Em última instância estas se devem a uma autonomia psicamental livre da autoridade hierárquica do espírito. É parecido com o que dissemos sobre a crise do Renascimento. Com efeito, esse movimento de libertação do intelecto e da imaginação para aos limites do espiritual ganhou proporções gigantescas a partir do Renascimento. Proclamou-se a autonomia da *razão*, do pensamento e da imaginação.

Rougemont considera que essa hipertrofia intelectual e psíquica é a maior causa das convulsões do mundo moderno. O desejo, a sede do prazer, lança o homem no infortúnio, uma vez que "obtem um resultado paradoxal: transtornar o próprio instrumento do seu prazer".

Com respeito à hierarquia *na pessoa*, existe então uma hierarquia normal que faz com que o corpo, o psiquismo e a mente fiquem subordinados ao espírito. Se essa ordem for perturbada, não haverá harmonia. Rougemont nos dá uma linda imagem: um binóculo com as lentes invertidas.

"O homem é um ser complexo — diz G. Liengme.⁴⁴ — Existe nele uma vida vegetativa, uma vida animal e uma vida humana que devem ser coordenadas e unificadas mediante a penetração nelas de uma vida superior... a vida espiritual." E Weatherhead⁴⁵ diz: "Só Deus... pode... permitir que a personalidade se transforme numa unidade harmoniosa."

Encontramos em Stocker a mesma noção quanto à hierarquia na pessoa. Vimos o seu cone A, B, C. Somente a ordem A, B, C é normal, bem apoiada sobre a base, e dominada por seu vértice superior. Há outras cinco combinações possíveis. As quatro primeiras pertencem aos "doentes", aos "neuróticos" que, como se sabe, são muitos no mundo, Esses tipos corresponderiam às hipertrofias dos estratos intermediários de Rougemont. Finalmente a última combinação C, B, A conserva as

relações recíprocas entre seus componentes, porém invertidas. Ela seria para Stocker o caso do "pervertido". Em lugar do cone estável temos um "pião", com a preeminência do corpo sobre a mente e da mente sobre o coração: "De todos os deformados, o pervertido é também o mais 'dinâmico'... (porém) este pião poderia manter-se 'em pé', sem 'girar', agitado pelo látego dos sentidos, pela sensualidade que aqui substituiu o coração."³⁵ Esse "pervertido" de Stocker aproxima-se das "loucuras lúcidas" de Baruk a que nos referimos anteriormente, esses seres realmente perigosos em que o eclipse do espírito contrasta com a integridade das funções físicas, mentais e psíquicas.

Deste modo pode-se obter uma concepção completamente nova para a medicina e que me parece extremamente fértil. Há doenças que decorrem de uma perturbação local, de uma alteração ocorrida num órgão ou de uma certa repressão psicológica; são as únicas que se podia conceber quando o homem era visto como uma máquina. Para elas, como solução, pode-se localizar a perturbação. Entretanto há doenças, tanto orgânicas como funcionais, que consistem essencialmente não na alteração de uma peça da máquina, mas numa desarmonia da pessoa como um todo, podendo estar ocorrendo inclusive a integridade de cada mecanismo, quando tomado isoladamente. É o que chamei de "saúde positiva" em meu livro *Médecine de la Personne* (Medicina da Pessoa).

Stocker apresenta uma bela imagem a esse respeito: uma fábrica e seu diretor. Para que a fábrica funcione normalmente não basta que cada serviço esteja bem organizado. É preciso que todos se submetam à autoridade do diretor. Quando se visita a fábrica não se vê o trabalho do diretor; só são vistos os mecanismos materiais, somente pode-se presumir o papel que lhe cabe na coordenação de todo o conjunto. Se cada setor pretender emancipar-se, mesmo que venha a funcionar bem e tenha o propósito de trabalhar melhor ainda, o que se conseguirá será apenas a desorganização da fábrica. Encontramos de novo nesta imagem o desbordo da imaginação e do intelecto, o que, segundo Rougemont, transtornou a vida moderna. Os diversos setores encontrarão a justa harmonia em sua relação mútua à medida que cumpram estritamente a função específica que lhes delegue o diretor.

Em seu estudo sobre a consciência, Baruk chega a essa mesma imagem. Para ele, relembremos, a consciência significa, além da consciência de si, a consciência moral (sendo que em alemão esses dois conceitos exprimem-se com duas palavras diferentes). A consciência como consciência moral, como juízo sobre o que é o bem ou o mal, para Baruk não é uma realidade psicológica nem mental, mas espiritual. É o elemento específico do que se costuma chamar de personalidade profunda, e que aqui chamamos de espírito. Ele escreve: "A consciência não representa... um simples instrumento de informação. Representa o pensamento que dirige e que anima todo o ser; sem ela a nossa vida psicológica não é mais do que uma máquina que não tem quem a coordene, uma fábrica sem um chefe, uma massa de forças desprovida de um líder."¹³

Stocker tira uma outra conclusão da sua imagem. Um bom diretor deve dirigir sem trabalhar nos setores, não intervindo ainda na organização particular de cada um deles. Os chefes de setor que se subordinam^a ele devem ter, sob a sua autoridade, um certo grau de iniciativa própria. Aliviam-no assim de um grande número de preocupações secundárias, dando-lhe condições de dedicar-se à tarefa que lhe compete. Do mesmo modo, o automatismo com que se desenvolvem as nossas vidas física e psicológica, e também os nossos órgãos e mecanismos psicomentais, é o que alivia o espírito, ao mesmo tempo em que submete às suas ordens a totalidade da pessoa. Voltamos a encontrar assim a idéia de Tzanck,²³ que assinala que, apesar de que na biologia tudo parece ser automático, aparentemente tudo aponta para uma finalidade escolhida por uma consciência criadora, invisível à exploração objetiva, mas indispensável para a compreensão da vida.

* * *

Deixamos assim o terreno da imagem e dos esquemas teóricos da pessoa para voltar a considerar o funcionamento concreto do organismo humano. Com efeito, tudo o que acabamos de dizer em relação à hierarquia na pessoa e à supremacia do espírito tem um sentido muito preciso e prático. É o que quero demonstrar agora, e para tanto seguirei a linha de raciocínio de Pierre Ponsoye em sua tese: *L'Esprit, Force Biologique Fondamentale* (O Espírito, Força Biológica Fundamental).³⁸

"No ouriço-do-mar — escreve Ponsoye — a atividade nervosa aparece como uma espécie de

'república de reflexos', mas nem bem aparece a simetria dos centros nervosos e surge a coordenação e a subordinação hierárquica que, no cérebro humano, é a parte final do sistema nervoso." A coordenação de todas as funções do corpo pelo sistema nervoso é muito conhecida. O sistema nervoso não só assegura as funções de relação, a sensibilidade e a motricidade, mas também rege as funções de crescimento e as funções químicas do organismo por meio de secreções internas cuja harmonia depende dele. Também é conhecida a subordinação com respeito aos diversos centros nervosos: da medula ao bulbo, do bulbo aos núcleos cinzentos centrais, e destes ao córtex cerebral. Ponsoye deduz, a partir destes fatos, uma verdade evidente, experimentável: à medida que nos elevamos na escala animal, os centros inferiores, primitivamente autônomos, passam a depender de centros superiores, sem cuja influência não poderiam continuar funcionando. Assim, o cachorro sem cérebro continua vivendo uma vida vegetativa regida por seus centros inferiores, mas o homem privado de seu córtex cerebral morre, apesar da integridade de seus centros vegetativos, uma vez que eles não têm capacidade para funcionar sem o controle do cérebro, onde se assenta o espírito.

"A ação dos centros inferiores — acrescenta Ponsoye (e com isso nos faz lembrar da imagem do diretor de fábrica) — tem como conseqüência primordial liberar o cérebro do cuidado com o corpo, submetendo-o como instrumento específico da sua função."

Ele refere-se agora ao problema da neurose moderna, à onda crescente de neuropatias que a nossa era conhece. "As manifestações emocionais representam um fenômeno de tipo arcaico, destinado na atualidade a ser dominado pelo córtex (cerebral) e... sua expressão reflete sempre um estado passageiro, leve ou grave, de insuficiência cortical e uma perturbação na atitude geral do sujeito em relação ao mundo."

É uma observação muito importante. Ao contrário do que ocorre com os animais, os centros inferiores do homem estão constituídos de tal modo que só funcionam normalmente quando submetidos à autoridade do espírito mediante o córtex cerebral. Se há "repressão do espírito", se diminui a "inibição central" que ele exerce, o que é bastante comum em nosso mundo moderno, as funções vegetativas adquirem, como os chefes de setor de uma fábrica, uma relativa autonomia que se reflete em reações emocionais desordenadas e perturbações funcionais. Assim se vê claramente o significado prático da hierarquia na pessoa, bem como por que se difundiu tanto na atualidade a neurose vegetativa: é conseqüência dessa perda da hierarquia do espírito.

Por fim, depois de ter recordado as sucessivas etapas do desenvolvimento dos centros nervosos na escala animal, Ponsoye destaca a importância do bulbo raquiano, "que no homem adquiriu uma extensão desconhecida nos animais, conservando uma plasticidade que o organismo já não tem". As localizações cerebrais, quer dizer, os centros de comando das diversas funções vegetativas e relacionais são uma pequena parte do cérebro humano. Resta "uma massa enorme de tecido não específico". Há não muito tempo os médicos formados na escola da ciência positiva diziam que "a maior parte do cérebro não serve para nada". Trata-se, sem dúvida, do local em que se assenta a onda permanentemente móvel dos reflexos condicionados que dão à nossa vida psíquica e mental, até em suas mais altas esferas, sua fisionomia propriamente humana. A destruição do bulbo favorece "a perda do Outro" e a exaltação dos automatismos e dos instintos. O organismo fechado em si mesmo, indiferente ao mundo, privado da faculdade espiritual que é o amor, funciona então como uma máquina.

Pois bem, todos esses centros nervosos, dos mais automáticos ao mais flexível, que é o bulbo, dependem da autoridade reguladora do córtex cerebral, em que se assenta a consciência. "O que acontece nesta fronteira estreita e frágil em que, para uns, a matéria gera o espírito e, para outros, o espírito se faz matéria? — pergunta Ponsoye. O espírito guarda o segredo da sua origem e essência. Guarda também o segredo da sua inserção na matéria, da qual se afirma ser independente em essência. Ficamos assim com um dado cuja fonte e cuja causa ignoramos, e com a forma de energia mais singular que caracteriza a vida."

"O que leva o espírito a encarnar-se? — perguntou Ponsoye a si mesmo. — É o instinto da vida... que, na linguagem dos homens, recebe um nome: amor."

* * *

Indo pelo longo caminho do estudo científico, voltamos ao problema metafísico da pessoa. "O problema biológico do homem — escreve Ponsoye — ... é um problema metafísico." E ele vai além: "A solução do problema biológico humano... pressupõe um deliberado retorno ao conhecimento metafísico e um evidente compromisso de se preocupar com a pessoa que sofre."

O Dr. Weiszäcker, depois de referir-se ao preceito da medicina contemporânea (ocupar-se do homem em sua totalidade), acrescenta: "Esta enorme e tão grande pretensão do médico, ainda que imposta pela necessidade do seu paciente, só se justifica se seus procedimentos e sua ação terapêutica estão alicerçados numa concepção ontológica do homem."

De modo que, para reencontrar o sentido da pessoa, será necessário não mais "reprimir o espírito, a filosofia, a poesia", como já foi dito; será preciso tomar a decisão de não mais estudar o homem somente por fora, mediante a investigação científica, mas também por dentro, por meio do conhecimento intuitivo, da comunhão espiritual, que estabelece entre médico e paciente um vínculo de pessoa a pessoa.

Evidentemente, nem todos os médicos estão convencidos disto nos dias em que vivemos. Muitos permanecem fiéis ao preconceito científico que exclui da medicina toda ingerência espiritual, filosófica, religiosa. Entretanto, quando a medicina se fecha ao campo moral, ela restringe seus horizontes de maneira arbitrária e pusilânime. Qual é o limite entre os sofrimentos físicos e morais da humanidade? "O homem sofre — escreve o Dr. Maltarello⁴² — e as causas do seu sofrimento não residem somente nas enfermidades do corpo. Há dores de ordem moral que superam em muito as dores físicas. Por outro lado, há males físicos que têm suas raízes em desordens morais, nas paixões, numa excessiva dependência dos desejos pessoais, num amor insensato por si mesmo e pelas criaturas, e ainda em sentimentos de ódio, de mesquinhez, de egoísmo e de inveja."

E mais: na fonte comum dos sofrimentos físicos e morais um observador atento vê o homem fundamentalmente abandonado, com uma angústia metafísica. E o mal que Henri Ochsenein,⁴⁶ em seu excelente livro *Les Compagnons de la Vie* (Os Companheiros da Vida) designa com a feliz expressão "o mal da vida", que ele compara com o mal do país. Diz ele: "Todos os homens buscam a vida; em vão experimentamos de tudo para conseguir possuí-la. Experimentamos todo tipo de uniforme, de máscara, de fachada, de ambiente, de costumes, alguns mudam de mulher, de religião e de igreja. Os povos mudam de governo e mudam as instituições... mas este mal misterioso, que nos acompanha tenazmente em todas as mudanças que experimentamos, subsiste inexoravelmente: o mal da vida."

É muito difícil, não obstante, definir o âmbito desta enfermidade, já que de fato está além de nossas categorias humanas. Trata-se, para usar os termos precisos do Dr. Mentha, "de um terreno vago, uma espécie de 'terra-de-ninguém', da qual não se sabe ao certo se pertence à medicina, à psicologia ou à religião". E em nossa sociedade atual, quem vier a sofrer deste mal dificilmente encontrará o terapeuta universal de que necessite.

Apesar de tudo isso, o que se vê é surgir no corpo médico uma preocupação geral pela pessoa humana. "Tanto nos cientistas como nos médicos experientes, — escreve Kressman⁴¹ — tanto nos agnósticos como nos crentes, por mais de vinte anos tem-se sentido a necessidade de uma medicina mais humana, que saiba observar o homem tal como ele é, e não como se pode imaginar ou deduzir que seja, partindo-se de experiências realizadas em animais ou de leis apressadamente generalizadas... Onde a medicina não queria ver mais do que um 'mecanismo padrão', formado por peças intercambiáveis, ela voltou a encontrar um todo invisível, em que cada uma de suas partes é função das que lhe são contíguas, com elas constituindo um conjunto de características próprias: uma pessoa."

Em conseqüência da tendência da medicina à especialização, atualmente o enfermo é tratado por vários médicos, conforme seus diversos órgãos, mas não pode confiar a sua pessoa a nenhum deles. "A medicina — escreve Mentha²⁵ — deve aceitar a noção do supervisor geral, que é habitual em outras disciplinas. Um dos médicos que participam do tratamento deve assumir esta função, ou eventualmente o psicólogo ou ainda o eclesiástico. O enfermo não pode ficar dividido por influências diversas, nem tampouco ficar à sua própria mercê, isolado, sem saber a quem recorrer...

A medicina da pessoa consiste em considerar o doente em seu corpo, em sua alma e em seu espírito, e não sob uma certa prática, um dado sistema ou como pertencente a alguém, em particular. Esta medicina supera a medicina física sem que lhe possamos atribuir limites exatos, sem que também possamos prever que tipo de colaboração requererá o médico para o tratamento de cada caso em particular."

É claro que a especialização médica necessária deve subsistir, e ainda com mais vigor; mas ao mesmo tempo o que é auspicioso é que está surgindo um novo sentido de solidariedade e de tratar a pessoa como um todo.

Nos Estados Unidos teve êxito o termo "medicina psicossomática", uma vez que se aplica, de forma bem clara, à observação clínica de um grande número de casos. "Na enfermidade — escreve Rougemont — o organismo e o psicomental são alcançados sempre simultaneamente. Convém lembrar que este médico é um cirurgião. Este movimento geral da medicina contemporânea não é um movimento de psiquiatras, não se ocupa somente de neuroses ou de problemas funcionais; ocupa-se da enfermidade em sua totalidade, e também da pessoa, da pessoa como um todo. Consiste justamente em ultrapassar o abismo que havia se formado entre o corpo e o espírito.

Não posso deixar de referir-me às inúmeras obras do Dr. Delore,⁴ médico sanitaria de Lyon, em que ele desenvolve o conceito de encarnação e de uma "psicofisiologia" ou fisiologia propriamente humana, diferente da fisiologia que é comum ao homem e ao animal-Também um outro cirurgião, o professor Gosset, de Paris, fez uma comunicação à Sociedade de Cirurgia sobre "a cirurgia e a medicina psicossomática".

Em lugar de uma desavença dos psicanalistas, que não viam mais do que "psicogênese", com os organicistas, que só viam as causas físico-químicas, estamos vendo um movimento de síntese que engloba a concepção do cristianismo, a religião da encarnação. "O espírito vive na medida em que se encarna, — escreve Ponsoye — mas morre na medida em que se deixa dominar pelo instrumento da sua encarnação." E o teólogo M. Schütz⁴⁸ diz: "Entendemos por pessoa o homem em toda a sua humanidade: corpo, alma e espírito."

De minha parte, penso que este movimento psicossomático é uma etapa importante em direção à descoberta de uma "medicina da pessoa", mas não mais do que isso. A alma, no sentido psicológico do termo, no sentido em que os fisiólogos e os psicanalistas o entendem, parafraseando Odier, não é mais do que uma série de funções. Este médico chega a admitir, contrariando Freud, que além dessas "funções" psíquicas existem verdadeiros "valores", quer dizer, valores espirituais. As "funções" simplesmente dão forma ao indivíduo, os "valores" constituem a pessoa.

O espírito, o que é divino e que está no homem, vale-se dessas funções fisiológicas e psicológicas para expressar-se. O espírito é o segredo da sua misteriosa articulação. Esta concepção já nos dá uma imagem sintética do homem, e pode devolver à medicina o caráter humano que em grande parte ela perdeu.

"A medicina — escreve Mentha²⁵ — se humanizará e se revitalizará à medida que os médicos voltarem a encontrar as fontes da verdade revelada que, diferentemente da verdade científica, não se submete a condições de tempo, de espaço e de quantidade."

Pode haver perturbações locais nas funções fisiológicas e psicológicas, e um especialista pode ocupar-se delas por algum tempo. Mas será uma cura local e não geral, superficial e não profunda. Essas perturbações locais e ocasionais são acidentes esporádicos de uma enfermidade mais geral vinculada com o destino espiritual do homem.

As enfermidades têm um significado simbólico. Pode-se encará-las cientificamente como sendo um determinado acidente, cujo mecanismo é estudado pela ciência. Mas elas também podem ser ao mesmo tempo abordadas sob o ponto de vista simbólico, como acidentes que devem correr, como elementos do destino do homem, como símbolos de todo o mal que constantemente ataca o homem desde o dia em que ele corrompeu a natureza sã e harmoniosa que Deus lhe dera. A própria morte não deixa de ser um fenômeno fisiológico e psicológico, o grande acontecimento do destino espiritual do homem.

"A fé numa Providência que governa o mundo com uma sabedoria infinita — escreve Maltarello⁴² — é certo que não nos permite ir a fundo com respeito ao mistério do sofrimento, mas nos dá uma chave para resolvê-lo em parte. Com efeito, ela denuncia o pecado como a causa profunda dos males que afligem a humanidade, de modo que qualquer patologia pode relacionar-se com a rebelião do primeiro homem." E ele ainda acrescenta: "O médico cristão... inspira-se numa

humildade profunda. Sabe que Deus permite o mal, mas em função de bens de valor inestimável; sabe que a salvação da alma vale infinitamente mais do que a cura do corpo. Deus pode escolher diversos caminhos para chegar às almas; o sofrimento físico ou moral parece ser o meio mais natural e o mais freqüente. A dor aproxima-nos de Cristo, que resgatou a humanidade oferecendo-se como sacrifício por ela. O enfermo é nosso irmão, em quem Cristo culmina, através dos séculos, a sua paixão, e produz a sua obra de salvação das almas."

A ciência e a técnica nos permitem tratar das "perturbações locais". Isso não exige compromisso algum de nossa pessoa; podemos conservar a nossa objetividade. Mas somente podemos chegar à enfermidade do homem, ao acidente ocorrido em seu destino espiritual, à medida que nos curemos a nós mesmos. "A imagem do médico do futuro — escreve Ponsoye — é a de um homem que ilumina, um homem que se purificou para poder fazer o mesmo com os outros, que assume o mal dos homens para conhecê-lo e poder curá-lo."

CAPÍTULO 3

A Separação entre o Espiritual e o Temporal

No capítulo 1 procuramos diagnosticar a enfermidade do mundo moderno. Ela foi comparada a um adolescente muito angustiado, que aparentemente está em conflito com os pais, com os professores e com a sociedade, mas que na realidade está em conflito consigo mesmo, com o melhor de si mesmo, que é a sua consciência moral reprimida. No capítulo 2 mostramos, por meio dos trabalhos de diversos médicos contemporâneos, que nos últimos séculos algo foi esquecido no estudo do homem, que os olhos foram fechados ao que é intrinsecamente humano, ao que alguns chamam de espírito; outros, de coração; e outros, ainda, de amor ou consciência moral. Mostramos que, quando se ignora o princípio hierárquico, a pessoa humana é incompreensível em sua unidade, e também que esta foi a razão da estranha impotência^a medicina — tão hábil para solucionar perturbações locais — ante a crescente quantidade de enfermidades relacionadas com uma desarmonia na pessoa.

Agora vou mostrar o modo como se articulam essas duas ordens de fatos, a do homem moderno e a do mundo moderno, uma vez que é legítimo inferir as enfermidades da pessoa da doença do mundo.

Uma vez mais vamos pedir ajuda ao Dr. Baruk,¹³ o diretor do sanatório de Charenton, por meio de seus estudos sobre o ódio. Esses seus estudos são muito importantes, porque o principal sintoma da enfermidade do mundo moderno é um encadeamento de ódios sem igual na história, a tal ponto que levou ao fracasso todos os esforços desses "médicos do mundo", que são os chefes de Estado. Se a medicina, ao tomar novos rumos, conseguir lançar uma nova luz sobre a gênese inconsciente do ódio, terá realmente algo a dizer ao mundo contemporâneo, aos chefes de Estado e aos economistas, aos dirigentes da cultura e da vida pública.

Vimos que para Baruk existe no homem uma "personalidade profunda" completamente diferente de suas funções fisiológicas, psicológicas e mentais. A ciência não basta para o seu reconhecimento; é necessário ter uma comunhão de coração. O médico precisa de "toda uma arte... para descobrir essa personalidade profunda, oculta, que não se expressa, e relacionar-se assim com uma realidade espiritual que escapa à crua luz do observador preciso e rrio". Nossa civilização exclusivamente científica não podia senão ignorar essa personalidade profunda, e esse desconhecimento é a origem das atuais desordens que há no mundo.

Nos alienados, em que as faculdades físicas, psíquicas e mentais acham-se gravemente alteradas, "permanece ainda, na parte profunda do seu ser, uma verdadeira pessoa que possui uma riqueza surpreendente". Isso prova que se trata na realidade de uma outra coisa que não o corpo, a alma ou a mente.

Esses alienados, "inclusive os mais perturbados... sentem muito bem a força ou a fraqueza, a justiça ou a arbitrariedade, e julgam com exatidão a autoridade e a consideração que merecem tal médico, tal interno, tal doente. Também percebem muito bem o que deles se pensa, e são muito sensíveis, por exemplo, à humilhação, à falta de consideração, à falta de tato e, principalmente, às zombadas. De modo que são os meios de expressão e de materialização do espírito que se mostram

ser especialmente afetados por essa enfermidade."

Baruk identifica assim esta personalidade profunda como sendo *o espírito que, escondido no coração da pessoa, expressa-se por meio do corpo, da psique e da mente. É o lugar do sentimento de humanidade*" e da "noção de equidade", do juízo do bem e do mal, e da consciência moral. "A personalidade profunda de nossos pacientes, bem como a das pessoas chamadas normais, está dominada pela afetividade e pela agitação da vida moral, com suas interações com o bem e o mal. Impressões de simpatia e de antipatia, atritos, humilhações, orgulho, ciúmes, sofrimento por injustiças, aspirações, remorsos, escrúpulos, ódio, amor — são manifestações que se observam tanto no interior da pessoa do enfermo como do homem normal."

Esta sensibilidade moral pode inclusive ser exacerbada pela enfermidade, como pude comprovar diariamente, não em contato com os alienados, mas com os emotivos, com os neuróticos hipersensíveis que vêm me consultar. Estes têm uma incrível percepção à menor falta de lealdade, à menor injustiça, à menor irritação; e reagem de tal modo que acabam atraindo para si novas humilhações e violências. É por isso que, no sanatório, quando o médico ignora as leis desta personalidade profunda e recorre constantemente a métodos que fazem uso da força, do ferrolho e da cela, quando ouve as reclamações dos pacientes pelas injustiças que sofrem, mas não lhes dá nenhuma atenção, ele os fere ainda mais e contribui desse modo para o aumento da agressividade deles. A experiência de Baruk mostra isso com clareza: ele pôde comprovar como as manifestações agressivas dos enfermos cediam bastante quando impunha a si mesmo a condição de manter respeito absoluto pela pessoa do doente, forçando-se a ser justo com eles nos mínimos detalhes.

Este mecanismo não muda, também, com as pessoas normais. Baruk relata um incidente que teve por ocasião de um serviço no exército. Escreve ele: "Destacaram-nos para um serviço com indígenas norte-africanos que estavam em estado de grande efervescência e rebeldia. Nem bem chegamos e a pessoa que até então tinha a seu encargo esse serviço, que se dizia especialista em povoados indígenas, nos disse que a melhor conduta para dirigir aquela gente era o engano combinado com a força. Encontramos uma atitude de ódio e hostilidade geral, todos os nossos cuidados e tentativas de apaziguamento não davam certo. Ao estudar a situação com maior profundidade, inteiramo-nos de que os indígenas, que tinham participado do combate com muita valentia, não eram tratados com igualdade em relação aos demais habitantes (eram negligenciados com respeito à roupa, à alimentação, aos seus hábitos de fumar, seus costumes religiosos quanto à alimentação eram ignorados, e assim por diante). Tomamos então medidas enérgicas para mudar esse estado de coisas e assegurar um tratamento equitativo. Quando eles viram o que de fato fizemos de concreto, a atitude dos indígenas mudou completamente e a hostilidade cedeu lugar a uma confiança amigável."

O mecanismo é claro: quando se ignora *a pessoa*, quando se despreza a importância da personalidade espiritual do homem e o seu sentido de humanidade e de justiça é ferido, reações agressivas são despertadas. Os conflitos resultantes provocam, por sua vez, novas situações violentas e multiplicam-se as injustiças. Vemos então que o problema da pessoa está ligado com o problema do mundo. Assim como em nossa concepção de homem ignoramos o espírito, do mesmo modo a sociedade, o Estado, a indústria e a ciência ignoram as necessidades espirituais dos homens.

Os homens são feridos e, em decorrência, resulta essa onda de reações agressivas e de conflitos que se vão agravando por um mecanismo de círculo vicioso. Não se trata de um mecanismo específico dos enfermos ou dos "indígenas norte-africanos", mas de um mecanismo universal, de algo que de fato explica o nosso mundo moderno, do qual, por sua vez, surgem os conflitos e as injustiças.

Vimos que a medicina havia perdido o sentido do que é a pessoa. Seria fácil mostrar agora que o mesmo se dá em todas as disciplinas da nossa civilização moderna. Stocker³³ observou que as "grandes épocas" da história humana foram aquelas em que a civilização respondeu à hierarquia normal da pessoa. A primazia do econômico na era contemporânea seria a principal causa do problema social.

Por ocasião de uma pesquisa feita com operários suíços acerca do mal-estar social, Lalive d'Epina⁵⁰ recebeu a seguinte resposta de um dos operários, de nome Wagenknetch: "Existe uma dignidade no homem... ele não é um 'indivíduo' para ser explorado, mas uma 'pessoa' que deve ser respeitada." Eu poderia ainda citar Daniel Rops, que vai bem fundo na exposição das despersonalizações da sociedade industrial, bem como muitos outros autores. Precisaria mencionar os esforços de Emmanuel Mounier para definir as linhas diretrizes de uma sociedade "personalista",

isto é, em que a "pessoa" fosse considerada, bem como a obra do cónego Boillat⁵¹ *La Société au Service de la Personne* (A Sociedade a Serviço da Pessoa).

O mesmo acontece com a disciplina do direito. O professor Kaegi¹⁶ refere-se à crise do direito com os seguintes termos: "...não se trata de restabelecer o individualismo, mas sim o personalismo".

Com respeito à arte, vale a pena lembrar também uma outra citação de Stocker que mostra que uma verdadeira arte tem como requisito unia harmonia interior, e não uma desarmonia na pessoa do artista. Ele escreve: "G. K. Chesterton observa acertadamente que 'os artistas vigorosos e são produzem arte com a mesma tranqüilidade com que respiram e transpiram'. Só nos artistas menores essa função transforma-se em opressão e causa um sofrimento definido, que é o que se denomina temperamento artístico."

De maneira que, para curar a sociedade, do mesmo modo que para curar o enfermo, é necessário voltar a ver no homem *uma pessoa*, restituindo-lhe sua hierarquia normal, que havia perdido com a repressão do espírito. O professor Ellul⁵² salienta o fracasso com que foram coroadas todas as tentativas atuais de resolver os problemas políticos, econômicos e sociais de um modo puramente técnico. As conferências dos entendidos nas diversas áreas do saber multiplicam-se, mas a desordem no mundo aumenta, porque, diz ele, "os problemas da nossa época são, em primeiro lugar, problemas espirituais".

A cura do homem moderno, seja de nossos pacientes ou da humanidade, a cura da sua desarmonia não pode ser somente fruto da ação da ciência. "A experiência convenceu-me — escreve Maeder² — de que uma atitude puramente científica não basta para oferecer ao paciente toda a assistência que ele espera receber e de que necessita."

Não pretendemos dar as costas à ciência e à técnica. Somente procuramos fazer com que, para que possam dar melhores resultados, elas venham posicionar-se segundo a hierarquia normal da pessoa, ou seja, subordinem-se ao espírito. Do mesmo modo que o espírito anima e dá sentido a nossas funções fisiológicas e psicológicas, ele dá à ciência e à técnica o seu lugar preciso e o seu significado. Procuramos assim superar o abismo criado entre o mundo da matéria e o mundo do espírito. A prece — escreve Rougemont" — é uma cura pelo silêncio, um isolamento necessário, tão indispensável para o corpo como para o pensamento... Carregara nossa cruz é aceitar em nós a união do corpo com o espírito, e também que o todo inseparável não se separe em nós."

Vimos que a agressividade surge onde há injustiça. Vimos que ela invade inevitavelmente todas as suas numerosas vítimas numa civilização que perdeu o sentido do que seja a pessoa. Mas algo mais poderia ser acrescentado: aquele que comete injustiça, aquele que viola e reprime a sua própria consciência moral, também esconde a sua má consciência com suas reações agressivas. "Ao contrário do que se costuma acreditar — escreve Baruk" — o encadeamento dos conflitos mais intensos e intermináveis que arrasam a humanidade resultam bem menos de um excesso de força ou de um instinto de agressividade, e muito mais de um mal-estar moral."

"Uma fera selvagem devora suas vítimas sem odiá-las, agindo assim simplesmente para atender a uma necessidade que se extingue tão logo tenha sido satisfeita. O mal-estar moral e o sentimento de culpa inconsciente, ao contrário, dão lugar a reações de perversidade maligna, e a essa forma tão particular de impulso refinado e insaciável, que constitui o ódio... Nada como os que têm culpa para se tornarem polemistas violentos e demonstrarem, pela difamação, acusação ou calúnia, uma violência, uma tenacidade e um dinamismo fora do comum."

* * *

Creio ver no que estivemos considerando uma profunda explicação do nosso mundo moderno e de suas convulsões. Em reação aos abusos da Idade Média quando, em nome dos valores espirituais, foram cometidas as maiores atrocidades, a época moderna deixou de lado esses valores. Nossos contemporâneos nos países de civilização ocidental têm, em sua grande maioria, uma vida física, psíquica e mental, mas carecem de uma vida consciente. Alimentam o corpo, dão vida a seus sentimentos e instintos, cultivam o intelecto, mas já não dedicam parte do seu tempo ao desenvolvimento do espírito. Não compreendem que o aprisionamento dos conflitos, dos ódios e das injustiças — do que se lamentam constantemente — é o preço doloroso que pagam por essa omissão.

Os governos fazem de tudo para alimentar o povo, para prover suas necessidades materiais; a universidade o instrui meticulosamente; e a televisão cultiva a sua imaginação — mas o povo continua inquieto e atormentado. Tratei de muitos neuróticos que tinham um complexo de reivindicação afetiva, isto é, davam a impressão de não terem sido amados pelos pais na infância, permaneciam como que com um déficit afetivo. Entretanto, se dissessem isso a seus pais, eles se surpreenderiam e se indignariam: "Do que você se queixa? Você teve tudo de que precisava, você teve um quarto bem arrumado, uma boa alimentação; sacrificamo-nos para cuidar da sua saúde e para dar-lhe uma boa educação" — diriam. E verdade. Mas no consultório o meu paciente prossegue: "Sim, deram-me tudo, exceto o que eu mais precisava: uma carícia, um gesto amoroso de quando em quando, um presente que não fosse previsto pela tradição, ou um desses momentos em que os pais verdadeiramente ouvem o filho para compreender o que é que o entristece e o que é que o emociona, quais são suas esperanças, suas dúvidas, e de modo a compreender o seu tormento de sentir-se sempre decepcionado consigo mesmo."

Essa omissão no campo afetivo, moral e religioso foi de fato decidida pelo mundo moderno. Em meio a uma verdadeira crise mística em 10 de novembro de 1619, Descartes entreviu uma nova civilização em que os homens entrariam em acordo, dando início, com base na razão e no senso comum, a uma ciência segura e livre dos juízos e valores morais que ele considerava serem a origem de todas as controvérsias de até então.

Era a proclamação da neutralidade moral da ciência, que posteriormente veio a ser a neutralidade moral da escola, da economia, da política e da arte. A filosofia, a religião e a poesia ficaram então fora da vida real da humanidade.

E muito típica a concepção do mundo que o Dr. Zwiebel⁴³ diz ter tido antes de sua conversão; é a concepção que professa a maioria dos médicos contemporâneos: "Não tendo Deus, nenhuma realidade objetiva tinha lugar no universo; o divino era uma criação da mente humana. O mundo, portanto, não tinha nenhum sentido em si mesmo. Os homens é que buscavam um sentido para o universo. E, na procura desse sentido, chegávamos a dar uma finalidade ao nosso mundo, à nossa existência, mas era uma finalidade de caráter subjetivo e estritamente humano. Eu negava todo tipo de existência ou de valor, de ordem transcendente."

Ao leitor pode parecer que eu estava exagerando, no capítulo 1, ao descrever esta repressão do espírito. Não existem em nossos dias filósofos, poetas, homens de fé de grande destaque? Não se costuma invocar, inclusive nas assembléias políticas, apesar da onda dominante de laicismo e de ateísmo, as necessidades morais do homem e as exigências de Deus? É isso mesmo. De modo algum sustento que se tenha conseguido desarraigar a fé, despojar o homem de suas necessidades espirituais passar o ferrolho em sua consciência moral. O que digo é que houve uma *separação*. Por um lado temos a vida real dos homens, regida unicamente por suas necessidades materiais, suas reações instintivas, seus brilhos intelectuais: pela economia, pela ciência, pela técnica. Por outro lado, à parte, fechado, ineficaz, acha-se o mundo do espírito, um esconderijo para o coração ou para as capelas fechadas, onde piedosamente se conservam valores espirituais imortais. Quando um cientista um economista, um político aludem às coisas do espírito, isso fica fora do seu discurso; não há a menor relação entre essa referência e as considerações técnicas que empreendem depois. É uma profissão de fé a título pessoal que se respeita, e a tal ponto ela é respeitada, que ninguém se refere mais a ela ao abordar problemas concretos.

Portanto, o que caracteriza a nossa humanidade moderna não é tanto a carência de valores espirituais — visto que ela possui uma *elite* espiritual, tesouros de fé e de poesia — mas sim o fato de que *esses* valores já não têm uma influência decisiva nos destinos da civilização. Florescem num belo parque onde se pode distrair um pouco, quando as avenidas da vida política, econômica e cultural parecem estar demasiado áridas.

Os próprios crentes vão à igreja aos domingos ou oram à noite, mas no que concerne à sua vida profissional e familiar, à sua vida prática e à sua atividade científica, submetem-se unicamente aos critérios da razão, do interesse e das técnicas aprendidas numa escola laica, fazendo como todo o mundo faz.

Até mesmo *nós*, que procuramos, cada vez mais, acabar com esta separação, que sustentamos que a nossa fé não se refere somente à nossa salvação pessoal, mas que deve nos trazer a inspiração para se ter uma medicina mais completa, uma economia mais justa e uma arte mais abundante, nós mesmos podemos comprovar diariamente que também estamos impregnados deste

erro moderno. Vacilamos freqüentemente em procurar na Bíblia não só as leis do nosso destino espiritual, mas também as normas para a organização da sociedade e para o desenvolvimento da cultura. Ainda há em *nós* dois homens distintos que nos dão muito trabalho para reconciliá-los: o homem da ciência, que exerce sua profissão unicamente a partir dos conhecimentos objetivos adquiridos na universidade, e o homem de fé, que só aparece quando o técnico é deixado de lado. Muitos crentes autênticos reconhecem essa divisão em compartimentos que fazemos da vida. Pensam que essa distinção fundamental entre os dois campos, o da vida espiritual e o da vida prática, é uma condição para o progresso da ciência e da técnica: "Aonde iríamos parar se abandonássemos a autonomia do pensamento?"— perguntam a si mesmos. "Seríamos estrangulados por um sistema filosófico ou por um preconceito religioso, pela escolástica ou pelas guerras religiosas."

Não obstante isso, os homens modernos, que tanto temem uma nova iniciativa da Igreja, que permitem que ela se ocupe da vida espiritual de seus adeptos, mas que com muito ímpeto a proíbem de imiscuir-se na cultura ou na vida política ou econômica, estes homens conservam em si uma saudade secreta da justiça, percebem que a sua civilização não pôde criar a unanimidade com que Descartes sonhava, sofrem de ansiedade espiritual, são infelizes.

Por várias vezes aconteceu de eu conversar em meu consultório com alguém em franca rebeldia contra a religião de seus pais. Com agressividade e firmeza denunciava o mal que lhe haviam feito na infância com um formalismo moral e seus preconceitos religiosos. E dizia-se ateu.

Entretanto, quando a conversa tornava-se mais profunda, ele confessava a sua confusão interior, sua vida atroz emparelhada com o seu ceticismo. Sentia que não podia alcançar uma vida harmoniosa e a verdadeira finalidade da sua existência sem recorrer a algum princípio transcendente, mas todas as suas recordações da infância apartavam-no desse caminho. A maior crítica que fazia a seus pais era a de lhe terem feito com que rejeitasse a religião! Sempre tive uma grande simpatia por essas almas prisioneiras de um conflito interior, desse mesmo conflito de que padece o mundo atual.

Uma jovem, por exemplo, foi educada por um pai muito piedoso que presidia as solenidades da igreja e que mantinha diariamente um culto familiar, mas que, ao mesmo tempo, fazia imperar o terror em sua família: agredia a esposa e tiranizava os filhos como ninguém. Qualquer palavra religiosa provocava naquela jovem uma forte reação de defesa e, entretanto, ela me confessou, o que ela queria era voltar a encontrar a fé cristã; e era justamente pelo fato de crer tão profundamente nesta fé que o comportamento de seu pai a tenra tanto. Do mesmo modo, a humanidade viu em sua infância fogueiras acendidas por aqueles a quem Cristo enviara ao mundo para pregar o amor. E se a humanidade fica indignada diante de qualquer tortura, isso não é a prova de que recebeu a mensagem do amor cristão? Esta fidelidade, apesar de todas as culpas da Igreja, não é a melhor prova da verdade do cristianismo?

Assim, o homem moderno rejeita a religião, mas tem saudades dela. Reprimiu-a, banuiu-a de sua vida, proclamou a exclusão da transcendência, consumou uma grande separação entre o mundo espiritual e o mundo temporal. E desde então vive uma trágica dualidade.

* * *

Esta separação manifesta-se por meio de uma dupla corrente: de um lado, a *desespiritualização* do mundo; e, por outro, a desencarnação da Igreja. Enquanto o mundo pretende libertar-se de toda regra moral ou transcendente em sua cultura e em seus costumes, a Igreja debruçou-se sobre si mesma, e perdeu o sentido do que é real. Ela fala teológica e psicologicamente sobre sentimentos e dogmas, mas não ajuda os homens em suas dificuldades reais, uma vez que já não as conhece. Refugiou-se na piedade, restringiu sua ação à predica da salvação. De modo algum quero dizer que esta não é a sua missão essencial, mas Deus criou o mundo material, além do mundo espiritual. A linguagem do mundo e a linguagem da Igreja separaram-se tanto em seu conteúdo como em seu estilo. A Igreja pronuncia sermões magníficos, porém as massas não os escutam, uma vez que acreditam que eles se destinam a especialistas interessados em teologia, e ainda porque não esperam nada da Igreja no que tange à solução dos problemas reais da vida social,

econômica e cultural que as afligem. Os pastores — conheço menos a Igreja Católica, mas suponho que com os padres ocorre algo semelhante — são considerados idealistas pela maior parte dos homens do nosso tempo. Eles são considerados como pessoas que não compreendem profundamente a vida prática e que dissimulam com fórmulas piedosas os problemas culturais e sociais, cuja complexidade técnica vai além de sua capacidade. Recentemente um de meus pacientes me disse : "A Igreja está fora da história."

Certamente é de se esperar que a política instaure a justiça, mas só se espera que a solução venha das sumidades de cada área do saber e da perfeição técnica dos contratos estabelecidos entre os homens.

Entretanto, — diz Rougemont — há 'contratos sociais' sem qualquer 'incorreção jurídica', sem 'falta de lógica, mas cujo 'sistema impecável'... produz o erro." E de se esperar, certamente, que o político e o economista salvaguardem a paz e a segurança, mas isso só é esperado provindo de sua competência técnica.

Nunca se levou em conta, na escolha da pessoa que presidiria o destino da sociedade, sua vida privada ou suas concepções morais e religiosas. Trata-se de um dogma do mundo moderno, que teve origem na separação a que nos referimos. E assim vemos homens divorciados ou adúlteros elaborando leis para a proteção da família, bem como escusos homens de negócios serem chamados, em razão de sua experiência, para participarem de comissões de entendidos em economia. Não obstante tudo isso, é evidente "que as desordens públicas — como escreve Edouard Burnier⁵³ — apenas seguem a desordem das pessoas".

Religion ist Privatsache, dizem os alemães, mas *esse* lema foi adotado pelo mundo moderno em sua totalidade. As convicções pessoais do político, do artista, do cientista não contam na apreciação da sua obra. É o sonho da *Realpolitik*, da "arte pela arte" e da autonomia da ciência.

* * *

"A ciência levou-nos — escreve Baruk — a considerar que os problemas morais são inúteis." Até mesmo os cientistas crentes aderiram sinceramente a esta idéia, de que há uma delimitação fundamental entre ciência e religião. "Os dois âmbitos são distintos — escreve Pasteur — e infeliz é aquele que os queira sobrepor."⁵⁴ Inclusive em matéria de psicologia e de psicologia religiosa, tal como proclamava Théodore Flournoy,⁵⁵ a exclusão da transcendência é a condição fundamental da investigação científica. A ciência pretende edificar um conhecimento pedra sobre pedra, em perpétuo desenvolvimento, que necessariamente se opõe ao conhecimento metafísico e religioso, o qual se refere a valores fixos e eternos. "O grande progresso da reflexão moderna — escreve Kenan em *H Avenir de Ia Science* (O Futuro da Ciência)⁵⁶ — foi o de substituir a categoria do ser pela categoria do *vir-a-ser*, o conceito de absoluto pelo conceito de relativo, a imobilidade pelo movimento."

Este dogma científico é quase que unanimemente admitido na atualidade. O homem pode crer no que queira; mas como homem de ciência e como construtor da civilização não deve prestar a menor atenção ^a sua fé. Deve permanecer exclusivamente no terreno da objetividade. A fé pertence ao campo das hipóteses sobre as quais se pode discutir eternamente; somente a objetividade dá lugar a conhecimentos seguros e eficazes.

Pode-se fazer cinco objeções fundamentais a este dogma moderno:

1. O conhecimento objetivo só alcança uma parte da realidade; não chega à essência das coisas. No começo do século XX o grande matemático Poincaré⁵⁷ demonstrou que de modo algum a ciência procurava o saber incontestável que Descartes tinha imaginado, que ela não era mais do que uma linguagem, uma espécie de álgebra, uma maneira de raciocinar a partir de uma primeira hipótese tão hipotética quanto qualquer hipótese filosófica. A ciência não escolhe a hipótese mais certa, e sim a mais "cômoda". "As proposições 'a Terra gira' e 'é mais cômodo supor que a Terra gire' — dizia Poincaré — têm um único sentido; nada há a mais numa dessas duas afirmações que não esteja na outra."⁵⁸

Assim, a famosa controvérsia de Galileu, que tínhamos encontrado justamente nas origens dessa separação, fica reduzida a nada, e isso por um ato da própria ciência! A ciência não pode, absolutamente, provar que a Terra gira, mas apenas que ela gira em relação ao conjunto do universo. A Igreja, por outro lado, não tem nenhuma razão para negar que a Terra gira. É evidente

que o fundo da discussão não é de ordem intelectual, mas sim afetivo. Isso faz lembrar muito bem a discussão de um adolescente com seus pais, ao zombar deles por serem demasiadamente absolutas as afirmações que eles faziam, e sentindo-se os pais totalmente ofendidos por qualquer opinião contrária às suas, feita pelo filho.

Meu mestre, o físico Guye,⁵⁹ costumava repetir a expressão de um matemático célebre: "Só se retira de uma equação o que nela se pôs. Isso pode explicar por que os que supõem que não há nada espiritual no homem não encontram, de fato, o espírito. Não anotam em suas observações nada além dos dados físico-químicos e, por fim, só têm uma explicação físico-química dos fenômenos. Mas é uma descrição dos mecanismos dos fenômenos e não da sua causa, uma visão das relações recíprocas entre as coisas, mas não da sua natureza.

2. A verdadeira objetividade não existe. É impossível fazer abstração do observador, como estabeleceu Planck ao formular o princípio da indeterminação.⁸ Numa determinada escala, a da ciência clássica, cabe ainda a ilusão da objetividade, porque a margem de indeterminação inerente ao instrumento de observação é relativamente desprezível em relação aos fatos observados; mas na escala da física moderna essa margem não é desprezível, e é impossível escapar dessa situação. Isso mostra claramente o caráter relativo do conhecimento científico, já que o que parece certo numa escala não o é em outra. "A escala cria o fenômeno", escreve Guye.⁵⁹

3. Não obstante tudo isso, é evidente que a física moderna foi mais além. Na escala nuclear os fenômenos podem ser encarados alternativamente segundo a sua natureza corpuscular ou segundo a sua natureza ondulatória, "dois aspectos que a princípio parecem inconciliáveis, mas que na realidade nunca entram em conflito direto". É o princípio da complementaridade de Bohr, que volta a considerar o nosso clássico conceito de matéria como um aspecto, provavelmente, do espírito. "O tecido do mundo é o tecido do espírito" — escreve o físico Eddington.³⁸

4. A exclusão da fé não tem, por outro lado, nenhum fundamento lógico nem experimental. E um postulado filosófico e, portanto, não científico. Tzanck²³ mostrou, num trabalho muito bem feito, como pelo menos em biologia humana precisamos apelar necessariamente ao "crer" tanto quanto ao "saber". Fazemos isso sem percebermos, o que nos faz pensar que estamos respeitando o dogma científico de exclusão da fé. Entretanto, por exemplo, não temos nenhum meio de "saber" se um outro homem, que não nós mesmos, está dotado de consciência. Somos obrigados a acreditar nele, a confiar em seu testemunho e em sua introspecção. "O crer — escreve Tzanck — tem seu lugar legítimo na ciência e, em particular, nas ciências biológicas." Assim também escreve Ponsoye: "A realidade central da vida psíquica é que o conhecer implique no crer e seja condicionado por este, o que foi ignorado pelos mecanicistas."³⁸

Esta pretensão da ciência de excluir o crer baseando-se exclusivamente no saber teve como resultado uma debilitação intelectual do homem moderno. Foi o que mostrou Bergson, quando voltou a pôr em evidência a importância da intuição em toda obra de pensamento fértil. Entretanto, "... a intuição — escreve Tzanck — relaciona-se com a consciência no âmbito do 'crer', enquanto que a inteligência relaciona-se com a consciência no âmbito do 'saber'."

A grande ambição do positivismo — que reduziu o que é moral, o que é religioso e o que é estético a um subjetivismo puro, e que quis edificar o conhecimento sobre a base única do saber objetivo — não era assim mais do que uma utopia. "Segundo os métodos objetivos — escreve o Dr. Baruk — o observador estuda os fenômenos externamente, não participando de modo algum da vida íntima que os anima... Como compreender, tendo como base esse método, os sentimentos interiores que fazem os indivíduos e as sociedades agirem?"¹⁸

5. Por último, mais uma utopia: o não-compromisso do homem de ciência com a moral. Até há alguns anos admitia-se universalmente a neutralidade moral do trabalho científico e também que o homem de ciência deveria prosseguir suas investigações sem a menor preocupação com a sua repercussão na ordem moral. Entretanto, assim como a bomba atômica possui uma força física explosiva considerável, pode-se dizer que ela causou uma explosão moral e espiritual da mesma gravidade no mundo científico. Isso ainda não é evidente para as pessoas comuns, mas foi o que provocou nos cientistas, de uma vez, questionamentos a respeito de sua devoção à ciência. "Será que a cada empreendimento eles vão perguntar a si mesmos se têm o direito, perante toda a humanidade, de prosseguir com investigações que podem trazer como conseqüência, num futuro mais ou menos distante, catástrofes inauditas?" — Esta foi a pergunta que fez L. de Broglie. E a resposta é dada pelo físico George: "O homem de ciência jamais poderá dizer: 'a mim se deve tudo o que tem valor, que acontece na história da humanidade' e, ao mesmo tempo, 'não tenho nada a ver

com as catástrofes, a culpa é de outras pessoas'."

Vale a pena refletir sobre as implicações dessas afirmações. De acordo com o pensamento do século XIX, a neutralidade moral do cientista era condição para o progresso da ciência, e o progresso da ciência era condição para a felicidade da humanidade. De repente, porém, o cientista se dá conta de que, por querer ser neutro, ele deixou de o ser, e fez-se cúmplice do mal, cúmplice das forças que destroem a possível felicidade da humanidade.

"A ciência — escreve ainda George — talvez esteja acima da moral, como a arte está. Mas não o cientista... o cientista também... está comprometido."

Os próprios homens de ciência contemporâneos, de todas as partes, são os que atacam o postulado fundamental em que se baseia a ciência moderna: a existência de dois compartimentos estanques: no primeiro, o mundo do espírito, da filosofia, da moral e da fé; e, no segundo, o mundo da matéria, da ciência e do conhecimento objetivo. Os matemáticos, a partir de seu estudo crítico sobre o raciocínio científico; os físicos, por suas pesquisas sobre a constituição da matéria; os biólogos, por suas reflexões sobre o mistério da vida; e todos os cientistas, pelos inquietantes resultados históricos a que conduziu o mito dos benefícios da ciência, todos propõem a mesma questão: foi legítima esta separação do âmbito moral em relação ao âmbito material e intelectual, consagrada pelos tempos modernos? Teria sido possível, sem incorrer em erro e em impotência, deixar de lado o mundo dos "valores", em que se acreditou com sinceridade durante três séculos?

Porque é evidente que a civilização moderna foi construída a partir do postulado do Renascimento.

Antes do Renascimento certamente houve selvagens, imorais e hereges; e depois também houve poetas, filósofos e santos. Mas não se trata disso. O homem sempre teve e continuará tendo impulsos que o levam a rejeitar as leis do espírito e a reprimir a consciência moral, eco dessas leis que há em seu coração. Não obstante, até o Renascimento ninguém havia questionado a supremacia das leis do espírito, por mais que as violasse ou que delas duvidasse durante sua investigação. Ninguém punha em dúvida a existência de "valores", ou seja, de realidades que não são produto de mãos humanas nem do cérebro humano, verdades que o ultrapassam, que ele pode manejar com a sua dialética, mas das quais não pode abstrair-se. Podia-se discutir valores, mas não a própria noção do valor.

A partir do Renascimento, na embriaguez da sua adolescência, a humanidade atacou esta noção.

Desde então há três atitudes possíveis, que veremos sucessivamente: pode-se pôr entre parênteses os valores, pretender fabricar novos valores, ou negar em geral a sua existência.

* * *

1- Valores entre parênteses.

É a atitude que vimos na ciência moderna. A ciência não questiona a transcendência, ela a põe entre parênteses. Estuda o mundo como se os valores transcendentais estivessem ausentes e não desempenhassem nele papel algum. Não é necessário resgatá-los.

É também a atitude do laicismo, que tolera a Igreja desde que ela "que quieta no seu canto sem interferir na vida real do mundo, na educação, na política, na economia". Ele pretende desenvolver essas atividades com base numa total neutralidade moral e religiosa. Proclama a "moral laica", cujo fundamento é o estudo científico da sociedade que pretende dirigir. Ressaltei anteriormente a pertinente crítica de Sartre³ a essa moral laica. Sartre mostrou a fragilidade e a inconseqüência dessa primeira atitude. Quando se pretende pôr os valores entre parênteses, quando se vive como se eles não existissem, o natural é finalmente chegar a negá-los e viver segundo seu próprio gosto e prazer.

É também a atitude do liberalismo. O magnata da economia liberal dá grande importância a esses valores. Normalmente é um homem piedoso que pode inclusive chegar a preocupar-se com o destino espiritual do seu pessoal. Mas não acredita que esse campo espiritual tenha relação com a vida econômica, que é regida unicamente pelas leis materiais da competição e das necessidades, como crê. Sempre me surpreendeu o fato de os liberais aplaudirem as doutrinas personalistas e sinceramente acharem que elas não trazem nada de novo. Surpreende-me que as apliquem e ao mesmo tempo considerem sagrado o respeito à pessoa humana. O que lhes falta, sem que cheguem

a suspeitar, é o sentido da encarnação, já que o espírito que veneram forma uma unidade com o corpo e não se pode respeitá-lo sem submeter-lhe também a vida econômica.

E, por fim, a atitude do liberalismo literário, tão característico da nossa época, representado por Gide. Por exemplo, pode-se citar o tema da "disponibilidade", "essa repugnância a comprometer-se, essa rejeição a ter limites" a que se refere Archambault.¹ É necessário que os valores estejam "entre parênteses", que estejam fechados num armário para que se possa provar de tudo livremente — contanto que haja sinceridade. Sabe-se que essa atitude levou o próprio Gide ao desespero. "Asseguro-vos — escreve ele — que o sentimento de liberdade pode lançar a alma numa espécie de desamparo... Dai-me razões de ser; eu agora não as posso encontrar... libertei-me, é possível, mas o que importa? Sofro por causa dessas liberdades sem ocupação."⁶⁰

2. Valores fabricados.

Assim como se pode pôr os valores "entre parênteses" e viver como se não existissem, também se pode adotar novos valores, fabricar os próprios valores. É a atitude de Nietzsche. "Todas as finalidades foram destruídas. É errôneo pensar que os homens têm uma finalidade: todas lhes foram dadas." Devemos tornar-nos "assassinos de Deus" para substituí-lo por novos valores: o "super-homem", a "vontade de poder". O nazismo não é, certamente, um resultado direto da pregação de Nietzsche, que detestava o Estado e que desprezava o nacionalismo alemão. Entretanto, quando se passa a fabricar valores, outros valores também poderão ser fabricados, como os da raça e da missão histórica da Alemanha, devidos a Hegel. E foi a combinação dos valores de Nietzsche e Hegel que deu lugar ao nazismo. O próprio Nietzsche tinha pressentido isso: "A Europa contemporânea... não suspeita que, graças a mim, está se preparando para uma catástrofe cujo nome conheço, mas que não vou dizer."¹

A ciência também fabricou valores, por mais que pretendesse superá-los; em especial, o do "progresso" a que nos referiremos no próximo capítulo.

3. Valores negados.

Completemos a curva iniciada no Renascimento. Somente durante o século XX é que se ousou concluir logicamente a respeito da grande separação dos tempos modernos: se é possível fazer abstração de valores, eles acabam sendo negados. São as atitudes de Marx, de Sartre, e de Freud.

A doutrina comunista é conhecida. A religião não é mais do que "o ópio do povo", uma invenção humana a serviço das potências capitalistas. Somente as leis e as necessidades econômicas determinam a história. "A relação que nos parece fundamental — escreve o teórico comunista P. Hervé¹ — é a relação entre o homem e o universo... O homem deve viver às expensas do planeta em que se encontra... Esta relação... não é especulativa mas prática, é uma relação que se estabelece mediante uma atividade material; não é individual, mas coletiva." Aqui se podem ver os dois dogmas do comunismo: só há realidade material e coletiva.

E também a atitude de Sartre: "O existencialismo... não é senão um esforço para extrair todas as conseqüências de uma posição ateia coerente..." E acrescenta, sem muita lógica: "... ainda que Deus existisse, isso não mudaria nada." Não se poderia revelar com maior clareza que a Posição ateia é uma posição de princípio. Sartre termina caindo numa dificuldade igual à de Gide: "... é muito incômodo que Deus não exista, já que com ele desaparece qualquer possibilidade de encontrar valores num céu inteligível." E também: "A minha liberdade é o único fundamento dos valores, e nada, absolutamente nada, justifica que eu adote um determinado valor, esta ou aquela escala de valores... E a minha liberdade se angustia por ser o fundamento sem fundamento dos valores." Ou ainda: "Estou condenado a ser livre." A partir deste ponto compreende-se o seu cinismo desiludido do homem: "Esta obscena e vaga existência lhe é dada para nada." Sem Deus não é possível compreender o homem. "Uma filosofia do nada" — escreve Gabriel Mareei.¹

Finalmente, a atitude de Freud. Refiro-me à sua doutrina filosófica. Embora o reconheçamos por sua obra científica, deve ficar claro que não há necessariamente vínculo algum entre ela e as visões filosóficas que ele acreditou dela extrair. Sua obra científica deu luz, de maneira genial, aos mecanismos psicológicos que se desenvolvem no inconsciente, a que o seu discípulo Odier chamou de "funções". Entretanto, Freud pretendeu reduzir a essas funções todos os valores espirituais, a

religião, a moral, a poesia. "A consciência moral — diz ele — visivelmente não é senão uma angústia desencadeada pelo risco de não ser amado, uma angústia 'social'."⁶¹

Freud chegou inclusive a negar todos os valores. Por isso Gustave Thibon¹⁵ considera que "Marx e Freud são irmãos." Deus, o bem e a beleza são meras projeções de estados afetivos, racionalizações de funções psíquicas animais. Essa atitude é tão difícil de sustentar que um freudiano autêntico, como o Dr. Odier,¹⁹ chegou a admitir "duas fontes da vida moral": as funções (a única para Freud) e os valores. Perguntei-me se não se tratava neste caso de uma evolução excepcional, mas, por ocasião de uma mesa redonda de psicanalistas freudianos, para a qual fui convidado, com muita clareza fiz a seguinte pergunta aos participantes: "Há alguém entre os senhores que ainda sustente a opinião de Freud sobre este ponto, que pretende reduzir qualquer valor a funções psíquicas?"

A resposta foi unanimemente negativa, e um dos médicos presentes acrescentou: "Ser fiel a Freud é continuar indo pela estrada da observação objetiva do homem, a qual ele nos abriu. É, portanto, reconhecer que os valores desempenham na vida da alma humana um papel independente de suas funções, se isso nos for mostrado por essa observação..."

É evidente que, em todos os setores, a separação feita pelo Renascimento vai dar num beco sem saída. Quer se trate da ciência, com sua pretensão de assegurar a felicidade para a humanidade, dando as costas às realidades espirituais; quer se trate da liberdade espiritual de Gide ou de Sarrre; quer se trate da tentativa nietzscheana de dar ao homem novos valores; ou ainda dos esforços de Freud para demonstrar que não há tais valores, não se encontrará senão contradições, angústias e catástrofes.

Não pretendo fazer uma acusação e tomo cuidado para não adotar atitudes partidárias. Muito menos falo em nome dos crentes que, diante da aflição do mundo, gritariam ironicamente com ares de triunfo: "Que bom!" E preciso que nos escutemos. Nossa fé prescreve que tenhamos amor para com os outros e, para conosco, um fiel reconhecimento de nossas faltas. Ela nos diz que compreendamos o homem moderno, e não o acusemos. Podemos compreender muito bem que, cansado de uma tutela abusiva da Igreja, decepcionado com os excessos cometidos em nome dos valores espirituais, o homem tenha buscado novos caminhos, agindo com total sinceridade. Ele procurou primeiramente deixar de lado as coisas do espírito, sujeitas a tantas controvérsias, o que fatalmente o levou à organização do mundo como se essas coisas não existissem, e atualmente o homem está morrendo de inanição espiritual. "Uma doença muito difundida na era moderna — escreve o Dr. MatareHo⁴² — é a falta de inferioridade."

Nós crentes somos, porém, plenamente coniventes com esse erro histórico. A Igreja fechou-se em si mesma, deixou de interessar-se pelo mundo real e só lhe ofereceu um pão puramente espiritual que já não satisfazia sua fome.

É provável que esse erro histórico tenha sido uma crise necessária, como a da adolescência, que antecede uma integração. Mas para pôr fim a essa separação que foi criada, será necessário fazer um auto-exame, tanto por parte da Igreja como por parte do mundo.

* * *

Poderemos agora descobrir a extensão dessa inanição espiritual se considerarmos todos esses movimentos sob um outro ponto de vista: não mais como erros, mas como tentativas de cura. Durante muito tempo combateu-se a febre como se nela residisse a enfermidade. Atualmente a medicina tende a considerá-la como um sintoma, não só do mal, mas também da luta do organismo contra o mal. Essa luta faz parte da doença, com certeza, mas é também a prova da vitalidade do organismo e o caminho necessário à cura. Do mesmo modo podemos considerar o comunismo, o nazismo, o existencialismo ou o freudianismo como sintomas de um profundo mal que há no mundo, mas também como sinais de sua reação a esse mal.

Essa separação causada pela modernidade privou o homem da alimentação que lhe era necessária. Disseram-lhe que o espírito era uma hipótese supérflua que podia ser ignorada, exortaram-no a relegar a fé ingênua de seus antepassados ao plano dos velhos preconceitos, asseguraram-lhe que para a vida bastava a razão e o conhecimento positivo, que poderia viver só de pão. O homem, porém, tem tanta necessidade de fé que, privado da fé no verdadeiro Deus, depositou-a sucessivamente, e com a maior ingenuidade, em novos deuses: na ciência, no super-homem, na

ditadura do proletariado.

Há um parágrafo de Sartre muito sintomático a esse respeito: "O materialismo implica em considerar todos os homens, inclusive a si mesmo, como objetos... em nada os diferenciando do conjunto de qualidades e fenômenos que constituem uma mesa, ou uma cadeira, ou uma pedra. O que queremos é exatamente isso, constituir o reino humano como um conjunto de valores diferentes do reino material."³ O campeão do ateísmo está aí confessando que o seu objetivo é vencer o materialismo; aquele que nega os valores está reconhecendo que quer restaurar um valor propriamente humano!

Deste ponto de vista todos os movimentos característicos do mundo moderno a que nos temos referido parecem ser dignos da nossa maior simpatia. São a demonstração viva de que o homem não pode prescindir *do* espírito. O que se quis foi privá-lo do espírito, e forjaram-se então sucedâneos; convidaram-no a não mais falar de Deus; e ele expressa então suas aspirações espirituais de forma camuflada. No comunismo o homem busca menos uma doutrina econômica e mais um substituto do amor; na ciência, menos o poder material e mais um substituto do conhecimento; no nazismo, mais do que um poder político, busca um substitutivo do que é místico; no existencialismo está buscando mais um substitutivo para o humanismo do que o ceticismo; na psicanálise o homem busca um substitutivo para a confissão e a salvação; e, finalmente, os religiosos buscam no formalismo o que substitua a justificação. Desde que se tirou da ciência a coroa do espírito, desde que se desvinculou a ciência da fonte espiritual de qualquer conhecimento verdadeiro, ela prosseguiu febrilmente em sua busca de novos conhecimentos; a partir do momento em que se pretendeu assassinar Deus, as multidões passaram a correr atrás de qualquer ideologia que lhes trouxesse valores que transcendessem o homem. A partir do momento em que decidiu "ser forte e racional", deixando completamente de lado os sentimentos, o homem ficou, em toda a sua desolação, à mercê de seu próprio medo. Como disse Eliul, ele está "disposto a lançar-se em direção a qualquer religião para preencher *esse* vazio que o cristianismo deixou."⁵²

Tanto é assim que esses movimentos do mundo contemporâneo têm aparecido, sucessivamente, como diversos messianismos. No caso da ciência, por exemplo, Descartes já encarava messianicamente a sua filosofia, quando a via alicerçada num "saber indubitável". "Descartes

— escreve Bergson — criou uma atitude espiritual que haveria de se impor tanto à filosofia como à ciência... uma confiança ilimitada no poder da inteligência."⁶² Esse sentido messiânico firmou-se triunfalmente no século XIX. "Um homem que saiba ler é um homem salvo"

— escreve Euq. Manuel. Advertia-se, de fato, que o homem tinha necessidade de salvação; então a sua perdição era vista nos sentimentos e nas paixões, que se opunham à instrução pública e à razão. No entanto, diz Moréas, "se há paixões, a razão é uma delas, e das mais desordenadas".¹⁹

Renan escreveu o seu *L'Avenir de la Science* (O Futuro da Ciência)⁵⁶ com a paixão de um profeta. Proclamava-se sacerdote de uma nova religião: a ciência. Dizia ele: "Somente a ciência pode melhorar a desditosa situação do homem na terra." Seu programa consistia em organizar cientificamente a humanidade. Taine também se referiu a uma "religião da ciência". Hoje está claro que, desgraçadamente, as esperanças desses bons espíritos não têm nenhuma sustentação.

A ótica da técnica já substituiu a da ciência que foi a sua origem. Povos inteiros vibram com um verdadeiro impulso místico ao se elevarem os planos de uma indústria, cada vez mais vigorosa. Também podemos vincular a esse misticismo técnico todo um tipo de literatura psicanalítica que trata de fazer da psicanálise não só um procedimento terapêutico, mas o instrumento de uma verdadeira libertação humana.

Não vale a pena destacar o evidente sentido messiânico da obra de Nietzsche ou da epopéia nazista.

Devo acrescentar a esta lista o messianismo naturalista de *Jean Jacques Rousseau*. "O triplo dogma cristão do homem (ter saído perfeito das mãos da providência, ter-se corrompido pelo pecado e ser redimido pela graça)" — escreve Guillouin,¹⁹ ...foi substituído por uma outra tríade inventada por ele: a do homem que saiu perfeito das mãos da natureza, foi corrompido pela sociedade e redimido pelo retorno à natureza.

Por fim, o comunismo é um *mito*, *um mito "cujo fator místico* — diz Guillouin — *é a fé na vocação messiânica do proletariado"*.¹⁹

De modo que quem observar com atenção verá que o nosso mundo moderno sofre de uma terrível saudade. Há um tormento interior do qual *todos esses movimentos* e seu efêmero êxito dão testemunho. Este mundo reprimiu o que é espiritual, mas não pôde ir além disso, e conserva um desejo, bem no fundo do coração, pelo que é espiritual. Freud ensinou que uma idéia ou um sentimento reprimido voltam à consciência disfarçados. Neste caso o disfarce triunfou. Mas, se por um lado a vida do espírito reaparece sob a capa de doutrinas econômicas, de filosofia ateia, de materialismo científico, por outro há uma fé espiritual que *é justamente* a que assegura o crédito de que gozam todas essas teorias.

Vejam os que aconteceu durante o nazismo. Uma *Alemanha* que seguramente teria urrado aos céus se a Igreja tivesse pretendido inspirar a política, a cultura, a arte, a medicina e o direito permitiu a vitória de uma ideologia que penetrou em todas as disciplinas. Eu acredito que não apenas pôde nelas penetrar, mas também submetê-las a seus desígnios porque, apesar de tudo, os homens conservam um secreto desejo de preencher o abismo dessa separação moderna entre o espiritual e o temporal.

Os verdadeiros problemas dos homens *são* do tipo metafísico, religioso e afetivo. São os problemas que os médicos descobrem nas almas atormentadas, que cada vez em maior número o vêm consultar: o medo, a angústia da morte, o remorso, a sede de ser amado e perdoado. Nem a ciência, que permanece muda perante o irracional, nem o liberalismo indiferente à necessidade humana de comunhão, nem o socialismo cego em relação ao *pecado* respondem a esses reclamos.

Nada mais eloqüente neste sentido do que a evolução atual da Rússia. R. P. Boisselot¹ contou o que Paul Nizan disse ao voltar da ex-URSS: "Na Rússia coloca-se agora um problema de vida interior, de vida moral. Enquanto se estava na fase heróica da Revolução, o heroísmo de algum modo substituíra a moral e galvanizava todos os sentimentos; agora que as coisas se apaziguaram um pouco, os eternos problemas ressurgem... E agora, sobre o que se discute em todas as reuniões, em todas as rodas estudantis? Sobre o amor, sobre o sofrimento e sobre a morte. É impossível ocultar essa trilogia sagrada, que se nos impõe constantemente." Boisselot prosseguiu: "E o que é que propõem ante essa situação? O estoicismo, respondia Nizan. Não acredito no estoicismo para uma nação inteira. Nós, por causa da nossa concepção da cruz, *podemos* abarcar *esse* problema em nossa concepção do mundo, todo o âmbito da vida interior, da vida psicológica, da vida dos sentimentos, incrivelmente abandonado pelos homens modernos."

Assim, agora parece ser a crise final da modernidade caracterizada pela separação entre o espiritual e o material. Cansada de soluções parciais, de progressos materiais que não libertam das angústias espirituais, bem como de dialéticas espirituais que não encarnam na vida real, a humanidade precisa agora de uma concepção unitária *do homem e do mundo*. Por não estar ainda disposta a abraçar o cristianismo, do qual esteve afastada por alguns séculos, lança-se inopinadamente a quaisquer ideologias, contraditórias entre si, que pretendam resolver o problema. Depois de tantas soluções falsas, será que ainda escolherá a verdadeira?

É possível que o leitor me critique por esta última frase. Com que direito posso afirmar que a verdadeira solução *é* a cristã? Deixo para os teólogos a tarefa de uma demonstração apologética. Vou permanecer em meu próprio terreno: no da psicologia. Já mostrei que, apesar de sua rebelião contra o cristianismo, o homem moderno realmente conserva no fundo de seu coração um ideal cristão. Já teríamos então uma razão para afirmar que o retorno da nossa civilização a suas origens cristãs *é* a única solução verdadeira. Mas, em última instância, aqui se trata de fé e não de demonstrações lógicas.

Pois bem, será que as nossas igrejas cristãs estão em condições de responder às *confusas* aspirações deste mundo moderno? Evidentemente não lhe podem propor um mero *mea culpa*, uma volta atrás. Do mesmo modo que os pais do nosso adolescente rebelde não lhe podem propor voltar a ser criança e aceitar de novo a sua tutela espiritual, a Igreja não pode sonhar com anular a emancipação intelectual e temporal da nossa sociedade moderna. Depois da dominação tirânica da Igreja sobre a sociedade, depois do expediente de separação entre a Igreja e o Estado, há que se encontrar uma nova harmonia entre a Igreja e a sociedade, entre o espírito e o corpo.

É o que estudaremos em nosso último capítulo. Antes, porém, vamos examinar com mais atenção dois dos grandes dogmas modernos: o progresso e o poder, o que nos ajudará a compreender melhor o drama espiritual do nosso tempo. Justamente na época em que a ciência pretendia ter derrubado

definitivamente as antigas crenças, terminando com a idade mitológica da humanidade, ela própria, sem dar-se conta do todo, forjou para si novos mitos.

CAPÍTULO 4

O Mito do Progresso

Convido o leitor a não levar a sério todas as palavras deste capítulo. É bom sorrir um pouco em meio aos graves problemas com que nos ocupamos. Para não levarmos demasiadamente a sério, convém não poupar sorrisos diante de arrebatamentos ingênuos que possam apossar-se dos espíritos mais sérios. A extraordinária epopéia do mito do progresso constitui para nós uma saudável lição de humildade. Mostra-nos efetivamente como o homem, apesar de todas as suas descobertas e invenções, continua sendo pequeno diante do mistério do mundo. Suas invenções revelam mais problemas do que os solucionam. E os homens têm tamanha necessidade de crer em qualquer coisa que, levados pelo entusiasmo, esquecem-se rapidamente da famosa dúvida científica e do célebre bom senso sobre os quais acreditam ter-se estabelecido a sua nova civilização.

A fé no progresso é a idéia latente do nosso mundo moderno. Ela se "apagou universalmente de tal modo que, justamente quando se pretendia condenar a fé religiosa em nome da razão, até há bem pouco tempo ninguém pensava em questioná-la.

O evangelho havia trazido à humanidade a grande esperança de uma salvação procedente do céu; de uma intervenção de Deus na história, que é capaz de mudar o coração dos homens e que pode salvá-los de seus infortúnios, muito mais do que se possa calcular; e do retorno triunfal de Cristo que, durante o seu ministério histórico, deu prova evidente do seu poder e amor divinos por meio de sua morte e ressurreição.

A rejeição ao cristianismo, a que me referi, poderia ter feito com que a humanidade caísse em desespero se não tivesse se sustentado por uma nova fé: a de uma salvação proveniente da Terra. Tratava-se de uma fé enganosa, é claro, mas que, no entanto, suscitou a espantosa consagração de incontáveis homens de ciência. Acreditamos que quase todos aderiram a ela apesar dos desmentidos da história.

O mundo moderno substituiu um "mito bíblico" — o de que o homem acha-se privado de seu destino por causa de sua desobediência, e que foi redimido por um Deus que deu a sua vida para reconduzi-lo de volta a si — por um outro mito, o do progresso. E o mito de que o homem surge por acaso da matéria inerte e progride lentamente, por seus próprios meios, em direção à perfeição.

Assim, este novo mito vincula-se assim ao mito da ciência, e tem Descartes em suas origens. Este descreve, entusiasmado, a sua visão: "Assim, unindo as vidas e os trabalhos de vários homens, juntos iremos bem mais longe do que cada um de nós poderia ir, individualmente."

Este mito adquiriu forma no século XVII com os filósofos, em particular com Condorcet e Volney, e triunfou universalmente no século XIX. Já citei Renan, que se autodenominava "sacerdote da verdadeira religião" e acrescentava: "Minha religião consiste sempre no progresso da razão, isto é, da ciência."⁵⁶ Seria difícil mostrar com maior clareza que não se tratava, como pretendia Renan, de derrubar a religião para construir em seu lugar a ciência, mas sim de substituir

a religião cristã por uma nova religião. O positivismo que coroava tão paradoxalmente o seu edifício racional com o culto ao "Incognoscível" também revela, entretanto, a existência de uma discussão teológica e não científica. "A humanidade — escreve Teilhard de Chardin — converteu-se literalmente numa espécie de religião... uma fé apaixonada pelo valor e pelas possibilidades do esforço humano."¹

Todavia o que consagrou definitivamente o mito do progresso foi o pensamento de Darwin. Um mito não é uma teoria particular, é uma concepção geral que se aplica em todos os âmbitos. Deve dar uma explicação do mundo. A idéia de Descartes fora precisamente a de renunciar toda explicação geral prematura e esperar que um lento edifício, construído aos poucos sobre conhecimentos seguros, um dia levasse a essa explicação. Quando Darwin, porém, pareceu dar uma nova explanação acerca do mundo, de acordo com a fé então reinante, o processo lento de Descartes imediatamente foi esquecido. Com um excessivo entusiasmo generalizaram-se apressadamente algumas descobertas paleontológicas, que foram proclamadas como uma prova definitiva dessa doutrina. Mais do que nenhuma outra ciência, a teoria da evolução propagou universalmente a idéia de um mundo em franco progresso, que prossegue do seu ponto inicial de imperfeição até a perfeição final. Por isso vamos examinar essa doutrina da evolução, que ainda hoje continua sendo o pano de fundo sobre o qual se sobressai o ensino escolar sobre a natureza.

O que fez triunfar a doutrina de Darwin no mundo não foi a idéia, já então difundida, de uma continuidade homogênea entre as diversas espécies animais, da mais simples à mais complexa, mas sim a de um mecanismo de filiação plausível. Temos de reconhecer que é agradável a idéia de que é possível unificar a tão grande diversidade de espécies animais, o que explica a rapidez com que as doutrinas de Darwin foram aceitas. Mas a verdadeira razão do seu êxito é que, com a hipótese da "seleção natural", Darwin propunha uma explicação para essa progressiva diversificação das espécies que já não tinha necessidade de Deus: tudo acontecia por acaso.

Sabe-se, entretanto, que Darwin era crente e que, na primeira edição da *Origem das Espécies*, ele falava de Deus presidindo toda a evolução. Mas o seu livro teve tanta repercussão, foi recebido com tanto entusiasmo pelos materialistas alemães, em especial por Huxley, que Darwin, embriagado pelo êxito, apressou-se em suprimir a referência a Deus na segunda edição. De fato, sua doutrina podia prescindir de Deus. Esta foi a causa maior do seu triunfo. Sua teoria é conhecida: supõe que em qualquer momento e, por acaso, podem surgir caracteres novos numa dada espécie e que, entre as inúmeras novas variedades, somente sobreviverão aquelas mais aptas a vencer na luta pela vida. Assim instaura-se automaticamente o progresso, sem necessidade alguma de um Deus que o promova.

A doutrina darwiniana deu então ao mundo uma nova trindade: o progresso, o acaso, a luta.

O acaso termina no progresso graças à luta universal.

Uma vez desencadeado o entusiasmo, Darwin queimou etapas. O acaso e a luta, que explicam o progresso das espécies vivas e as remetem à unidade, devem explicar também a passagem do mundo inanimado ao mundo animado, e levar essa unidade ao mundo inteiro. Que linda visão! Por acaso, certamente, um dia se deu uma combinação de átomos numa molécula de albumina, de modo que ela se tornou viva e pôde engendrar daí em diante todas as espécies animais e vegetais. É uma audaz extrapolação, que com certeza nenhum cientista sério teve a pretensão de apresentar como uma verdade inquestionável, mas ela é tão agradável que todo o mundo acredita nela, graças, digamos assim, ao benefício da dúvida. Assim como hoje se afirma que a filiação das espécies por seleção natural está "provada cientificamente", só nos resta esperar que amanhã a ciência também venha provar a transformação fortuita do mundo inanimado em matéria viva.

O movimento dessas idéias tornou-se tão poderoso que chegou a conquistar inclusive os crentes. Li recentemente a tese de um médico católico francês, o Dr. Troillet,⁶³ que se deu ao imenso trabalho de procurar harmonizar essa explicação materialista do mundo com a revelação bíblica, que evidentemente a contradiz. Troillet chegou ao cúmulo de ver Agostinho e Tomás de Aquino como pré-evolucionistas!

Finalmente ele se defrontou com o problema da criação do homem, em que a conciliação é impossível. Assim como a doutrina darwiniana havia se extrapolado para explicar a passagem do mundo inorgânico ao mundo vivo, o próprio Darwin a estendeu, incluindo a explicação da passagem do animal ao homem, e teve a pretensão de explicar a formação do homem pela seleção natural. De forma totalmente diferente de como expressamente declara a Bíblia, de que o homem foi fruto de uma criação especial, ele teria surgido casualmente de algum macaco que, também por

acaso, teria adquirido características novas, aptas à postura ereta e ao nascimento da consciência. Troillet escreve friamente: "Uma mutação formou o homem"!

Por fim, essa perspectiva de progresso evolucionista foi aplicada à história do homem, que se eleva lentamente de suas obscuras origens ao triunfo da sua patente inteligência. Engelson⁶⁴ formula a doutrina, hoje difundida universalmente, das três eras da humanidade: "a animista, a religiosa ingênua e a científica."

Os homens atualmente estão imbuídos dessa concepção, desse mito de uma progressão do mundo, que do primeiro elétron passou à primeira célula viva, e depois ao primeiro homem consciente, que agora vai conduzir a humanidade a destinos maravilhosos, aos quais ela chegará sendo automaticamente transportada pelas "leis" da evolução. Há hoje no mundo muita imperfeição e injustiça? E só uma questão de tempo. A idade de ouro um dia vai chegar; ela está aí bem à nossa frente; chegará mediante a interação do acaso com a luta. A idade de ouro não está na origem, como pretendia a Bíblia; o mundo atual não é o resultado do transtorno de uma perfeição primitiva, mas é o que, a partir de um caos primitivo, está num processo rumo a um progresso sem fim.

Esta é a doutrina oficial, que é ensinada a nossos filhos na escola. O grave é que ela não lhes é apresentada como uma hipótese filosófica — uma vez que a filosofia foi rejeitada, não se pretendendo mais fazer filosofia — mas como uma verdade solidamente escorada em descobertas científicas.

Entretanto, na atualidade, o evolucionismo tem se desmoronado diante dos fatos. Longe de ser uma verdade científica, tem sido totalmente refutado pelas descobertas da ciência. A doutrina da evolução tropeça em quatro tipos de objeções maiores.

Em primeiro lugar, consideremos a paleontologia, que foi o seu berço. A ciência dos fósseis, que na época de Darwin dava seus primeiros passos, foi se contrapondo à doutrina dos evolucionistas à medida em que foi se desenvolvendo. E evidente que, se as coisas tivessem acontecido tal como pretendia essa doutrina, encontraríamos, nas camadas do solo mais arcaicas que fossem exploradas, fósseis de animais menos evoluídos que os nossos. Entretanto, um dos protagonistas de maior autoridade do evolucionismo oficial, o professor Caullery,⁶⁵ escreve: "Na era câmbrica, a primeira da qual possuímos uma quantidade respeitável de fósseis, o reino animal já tem uma fisionomia que não difere essencialmente da do mundo atual." Eu poderia multiplicar as citações, uma vez que se trata de fatos reconhecidos pelos evolucionistas mais fervorosos. Mas Caullery acrescenta, com honradez: "De fato, cada espécie pôde existir durante longos períodos anteriores àquele em que a encontramos pela primeira vez."

De modo que a paleontologia, no curso do seu desenvolvimento, não encontrou apenas animais primitivos nas camadas primitivas, mas sempre uma quantidade maior de fósseis de animais evoluídos. "As épocas de aparição de cada grande grupo de animais fósseis — escreve Depéret — mesmo os animais mais elevados na escala zoológica, retrocedem cada vez mais no tempo, à medida que se vão acumulando as descobertas paleontológicas."

Os adeptos do evolucionismo viram-se obrigados a supor que a evolução das espécies concebida por Darwin aconteceu numa época tão remota que não deixou vestígios. Isso é evidentemente uma suposição gratuita, já que escapa a qualquer tipo de controle científico, por não ser documentada. "Os fatos paleontológicos são exatamente o contrário do que deixava presumir a teoria da evolução" — concluem Salet e Lafond.

O segundo tipo de objeção refere-se à independência dos grandes grupos animais. A teoria de Darwin supunha, como se sabe, não só uma evolução das espécies no interior desses grandes grupos, mas também entre os distintos ramos do reino animal. E notório o fervor com que os cientistas lançaram-se na busca dos tipos de transição capazes de confirmar tais hipóteses, mas os esforços foram em vão. "A maior parte dos tipos fundamentais do reino animal — escreve Depéret⁶⁶ — se nos apresenta, do ponto de vista paleontológico, sem vínculos entre si." Com a mesma honradez, Caullery, o porta-voz do evolucionismo, reconhece isso. "As grandes linhas do reino animal — escreve ele — já foram traçadas nas épocas mais antigas, e os diversos grupos foram separados uns dos outros por descontinuidade na ordem das linhas que comprovamos na atualidade."⁶⁵

Quando foi encontrado o arqueópteryx, os evolucionistas ficaram bastante excitados, porque queriam ver nele um tipo de transição entre os répteis e as aves. Mas, observando-se com atenção, não se pode deixar de reconhecer que ele tem todos os caracteres dos répteis e nenhum das aves. É um réptil que se parece com uma ave, apesar de que bem menos do que o morcego.

Em terceiro lugar, a doutrina darwiniana supõe a transmissão hereditária dos caracteres adquiridos. É evidentemente a condição *sitie qua non* dessa teoria. Porque, para que uma espécie se transforme numa outra, não basta que um ser adquira "casualmente" uma nova característica; é necessário que a transmita a seus descendentes. No entanto, as buscas afoitas realizadas pelos cientistas, observadores e expertos desde há mais de um século resultaram infrutíferas. O biólogo materialista e evolucionista Jean Rostand escreve com franqueza: "Os fatos nos proibem de acreditar na herança das modificações corporais."¹⁷ "Tudo ocorre — escreve Tzanck²¹ — como se os seres vivos fossem capazes de adquirir caracteres novos e transmiti-los a seus descendentes... Entretanto, não só não se pôde encontrar uma prova irrefutável de evoluções naturais similares, como também não se conseguiu que elas fossem transmitidas hereditariamente, quando experimentalmente se procurou criar mutações nos organismos."

Por outro lado, a ciência nos fez compreender a razão dessa situação quando Naegli, e posteriormente Weissmann, introduziram na biologia a distinção fundamental entre *gérmen* e *soma*. Entende-se por *gérmen* cada uma das células germinais que darão origem aos descendentes, enquanto que *soma* é o resto do organismo. Pois bem, esta separação entre *gérmen* e *soma* ocorre desde as primeiras segmentações do ovo, de modo que tudo o que daí em diante vier a acontecer ao *soma* — seus caracteres adquiridos — não terá a menor influência sobre o *gérmen* que transmite diretamente o patrimônio hereditário de geração em geração.³² Apenas no caso de algumas doenças hereditárias o *gérmen* pode ser contaminado. Ainda assim, isso é a origem de uma degeneração e não de uma evolução.

Este obstáculo fez com que a doutrina darwiniana fosse universalmente abandonada em sua forma primitiva. O evolucionismo acreditou encontrar a sua salvação na doutrina das mutações. O botânico de Vries havia comprovado, com efeito, a existência de saltos na natureza, contrariamente à doutrina de Darwin. Mas as aparições bruscas de novas variedades, que transmitiam seus novos caracteres a seus descendentes, permitiam imaginar uma evolução por seleção natural. Lamentavelmente, porém, esses saltos só se verificam dentro de uma mesma espécie e nunca entre uma e outra espécie. Constituem uma evidente forma de degeneração, uma doença hereditária, de modo que não poderiam explicar uma evolução sucessiva das espécies.

A última descarga de objeções provém dos finalistas. A formação de um órgão tão complicado como o olho — dizem — exigiria, no caso de ter sido formado por uma sucessão de seleções fortuitas, como quer o darwinismo, o concurso de casualidades de tal magnitude que isso é inconcebível. Seria necessário que vários órgãos (a córnea, o cristalino, a retina etc.) — cada um deles totalmente inútil sem os demais — tivessem se transformado, simultânea e independentemente, no que são; e isso por uma simples obra do acaso.

"O próprio Darwin dizia — escreve Cuénot — que, quando pensava na formação de um órgão tão complexo como o olho, ele ficava com febre." E o olho não é uma exceção, acrescentam os finalistas. A natureza é abundante em engenhosidades, em que órgãos de diversas origens parecem tão perfeitamente concebidos para complementar-se mutuamente que não se pode admitir que sejam frutos do acaso. O evolucionista Jean Rostand¹⁷ descreveu os "botões de pressão do ventre do caranguejo" e mostrou claramente as insondáveis perplexidades a que o seu estudo levava. Também respondeu ao argumento dos longos períodos da natureza a que se recorre com demasiada facilidade: "Invocar os milhares e milhares de séculos — diz — é, de algum modo, fazer com que o mistério se perca nessa duração."

Neste sentido, os únicos evolucionistas que apresentam uma concepção de mundo que seja admissível são os evolucionistas finalistas, isto é, espiritualistas. Lecomte de Noüy, por exemplo, do Instituto Pasteur, que permanece fiel à idéia de uma evolução progressiva, sustenta porém que ela só é concebível admitindo-se um Deus que a dirija aos fins que Ele tenha escolhido. Isso significa abandonar o acaso, elemento fundamental do darwinismo e de seu êxito no século passado, e voltar a uma explicação religiosa da natureza. Cabe recordar em relação a isso a bela teoria com que Tzanck tenta, por sua vez, sair dessa espécie de beco sem saída. Assim ele mesmo a resume:

"1. Tudo acontece como se na origem de qualquer adaptação interviesse uma possibilidade de escolha, uma consciência".

2. Tudo acontece como se as aquisições da consciência fossem automaticamente repetidas pela matéria em forma de memória.

3. Uma vez organizado o ser, tudo não apenas pode funcionar independentemente da intervenção da consciência, como também a organização existente opõe-se a novas adaptações."²³

O que impede, não obstante, o sucesso de um evolucionismo finalista é que a natureza, tão rica em engenhosidades, não é menos rica em absurdos, em complicações inúteis ou nocivas, e fica difícil atribuí-los a um Deus ou a uma consciência que presidisse essa evolução. "Observamos ao mesmo tempo a ordem e a desordem — escreve Bergson⁶⁸ — por que esses lagartos, os sáurios, têm um olho pineal que não vê?...-Temos de reconhecer que nem tudo é coerente na natureza."

* * *

Como se pode ver, o processo evolucionista chega a ser angustiante. Já há mais de um século os homens de ciência, tomados por uma idéia sedutora, inutilmente têm buscado uma descoberta científica que o confirme; mas só encontram fatos que o contradizem. O mínimo que se pode dizer é que os evolucionistas estão numa grande enrascada, e não escondem isso. Então por que ainda se ensina esta doutrina em nossas escolas como se fosse uma verdade científica, por que figura sem a menor restrição em nossos manuais escolares? Vejamos a resposta da boca de um dos cientistas mais autorizados nesta matéria, o professor Lemoine,⁶⁹ diretor do museu de Paris: "A evolução é uma espécie de dogma em que seus próprios sacerdotes não acreditam, mas o mantêm para o povo. É preciso ter coragem para admitir isso..."

Como era de se esperar, esta frase causou um grande reboliço nos meios científicos. E inquietante ouvir um cientista pronunciar a palavra dogma, justamente quando a ciência tivera a pretensão de libertar o homem de se sujeitar a dogmas. Mas se não há provas científicas, que nome dar ao evolucionismo que nos ensinaram e que, por sua vez, consagra o dogma do progresso? E se o conservam apenas para o povo, será que não é para deixar de revelar publicamente que, depois de três séculos de descobertas, a ciência encontra-se diante de um mistério mais inquietante ainda que no princípio?

Pode-se acrescentar, ao que diz o professor Lemoine, a afirmação de um outro paleontólogo, Y. Delage:⁷⁰ "Se existisse, além da doutrina da evolução, uma outra hipótese científica para explicar a origem das espécies, numerosos de seus partidários abandonariam sua atual opinião por não ter sido ela suficientemente demonstrada." Mas este cientista é ainda mais claro. "Falo na primeira pessoa — diz ele — para mostrar que o faço em meu próprio nome e não no nome dos evolucionistas, a muitos dos quais esta declaração scandalizaria. Entretanto estou totalmente convencido de que a opção de ser, ou não ser, evolucionista, não é por razões provenientes da história natural, mas decorre das próprias opiniões filosóficas de cada um."

Até mesmo os evolucionistas mais obstinados confirmam isso: "Nossa crença na evolução — escreve Lecomte de Noüy — é, até o momento, de origem intuitiva, ou metafísica, como poderia se dizer, muito mais do que de origem científica." E Caullery escreve: "Por mais que o fato da evolução se imponha, o conjunto de nossos conhecimentos atuais está longe de elucidar a forma como ela é levada a cabo." Justamente com a explicação científica de como a evolução se faz é que os evolucionistas pretendiam provar a sua verdade; pois, sem uma prova ela fica como uma mera hipótese filosófica. Voltemos a Caullery: "Foram as idéias mecanicistas que, sem dúvida, levaram os cientistas a extrapolar seres organizados ao ser simples unicelular, assim como a matéria viva à matéria inerte. O evolucionismo... tem a vantagem de ser, de algum modo, o prolongamento natural do mecanicismo." Portanto, a doutrina da evolução deve o seu êxito ao preconceito mecanicista, mas ao mesmo tempo procurou escorar a concepção mecanicista do mundo por meio do evolucionismo. Há aqui uma petição de princípio, que é o vício de raciocínio que consiste em pôr como antecedente aquilo que se quer provar.

O leitor se lembrará do que chamamos de "rejeição à filosofia". Quando se rejeita qualquer explicação filosófica do mundo, acaba-se simplesmente desembocando numa filosofia inconsciente. Já se tem consciência de que a explicação do mundo — na qual se acredita, e que se crê ser científica — é realmente, nada mais nada menos, do que uma hipótese filosófica. E, com certeza, uma doutrina grandiosa como a de Darwin — que merece ser estudada cuidadosamente —, mas não é uma verdade científica, e não resiste à evidência dos fatos.

Não estranhemos muito que haja partidarismos entre os homens da ciência. Na realidade ninguém é objetivo neste mundo, e os cientistas não o são mais do que os homens em geral. Cada um sustenta determinadas idéias por razões objetivas, e cada um toma, dos inúmeros fatos que lhe

são dados a observar, aqueles que servem de apoio a suas próprias idéias, fechando os olhos aos que lhe são adversos. Não pretendo ser mais o objetivo dos homens; eu também tomo com uma alegria não dissimulada os trabalhos e as observações que confirmam as minhas idéias. E como tenho uma posição formada, meus colegas enviam-me, por exemplo, relatos de casos clínicos de cura a partir de uma experiência espiritual. Por outro lado, um médico materialista se apressaria em supor que, nesses casos, teria havido um erro de diagnóstico; ele, de sua parte, somente revelará os casos que estejam de acordo com suas idéias filosóficas. Era uma mentira quando nos disseram que a fé no progresso e na evolução partia de um exame objetivo dos fatos.

De modo algum quero com isso criticar a ciência. Todos os aportes verdadeiramente científicos ficam fora de discussão. É de se admirar a consciência e a dedicação com que várias gerações de naturalistas observaram os fatos, coletaram e estudaram documentos, e fizeram experiências de causa e efeito. Sua obra perdura. Os fósseis que exumaram e os crânios que mediram permanecem em nossos museus. Sempre serão realidades às quais se terá de voltar para compreender melhor a natureza. Mas, sob o pretexto da interpretação dos fatos, os cientistas transformam-se, de boa fé e sem perceberem, em filósofos ou em profetas. Eles difundem teorias que depois têm de ser paulatinamente abandonadas, mas suas idéias são resistentes e continuam vivendo no espírito popular. No pensamento de nossos contemporâneos, a quem continuam ensinando oficialmente, a doutrina da evolução continua sendo o grande obstáculo à fé cristã. Como vamos acreditar na Bíblia — pensam — se suas primeiras páginas já foram refutadas pela ciência?

Nosso antepassado não foi Adão, um homem perfeito criado à imagem de Deus, mas foi um pobre ser primitivo e sem inteligência, produto de uma cega evolução animal, e que foi intermediário entre nós e o macaco. Todas as descobertas da paleontologia contradiriam a cosmogonia do livro de Gênesis.

Vejam com mais atenção o problema da origem do homem. Vimos que foi o ponto em que tropeça a evolução chamada "espiritualista". Para passar por este obstáculo, o Dr. Troillier⁶³ invocou um certo Jean d'Estienne e a sutil distinção exegética que ele introduziu na análise do texto de Gênesis. Diz ele que, quando o texto diz "Deus criou o homem", a palavra *criou* seria imprópria e significaria "formou", quer dizer, formou-o por meio da evolução animal. A fragilidade desse argumento pode ser a melhor prova de que os evolucionistas não obedecem, neste debate, a imperativos da razão, mas antes a preconceitos filosóficos: a melhor prova de que há uma mística do progresso que não se quer abandonar.

Com efeito, não se pode adotar o evolucionismo sem incluir o homem, sem admitir a sua ascendência animal, e sem, portanto, negar a criação específica do homem, afirmada não em apenas um único versículo do Gênesis, mas em toda a perspectiva bíblica.

Assim, os evolucionistas concentraram todas as suas forças na demonstração da origem animal do homem. As descobertas paleontológicas que se podem invocar neste debate são conhecidas: (1) no pleistoceno inferior, a mandíbula de Maurer, a caixa craniana de Pittdown, o occipital de Swascombe e o fêmur de Java, atribuído ao *pithecanthropus*; (2) no pleistoceno médio, os restos do homem de Neanderthal; e (3) no pleistoceno superior, o esqueleto de Grimaldi e os do Cro-Magnon.

Tudo ia muito bem enquanto nas camadas geológicas mais recentes eram encontrados fósseis mais semelhantes ao homem atual e, nas camadas mais antigas, esqueletos mais semelhantes ao macaco. Mas quando novas descobertas mostraram em camadas antigas a existência de restos humanos mais próximos do homem atual do que de seus pretensos antecessores, a situação tornou-se incômoda para os evolucionistas.

Toda a sua teoria sobre a origem do homem cai por terra se há esqueletos do *homo sapiens* em períodos geológicos anteriores ao do *pithecanthropus*. Muitos não vacilaram em questionar a validade dessas descobertas. Parecia uma luta política! G. Montandon¹⁷ escreve friamente a respeito do fóssil de Castenedolo: "Esse *sapiens* seria assim mais antigo do que todos os documentos fornecidos até agora pela paleontologia humana: isso é demasiadamente extraordinário, para ser levado em conta na atualidade."

Foi enorme a comoção provocada no mundo científico pela descoberta do crânio de Swascombe, em junho de 1935. "Notoriamente — confessa Montandon, um professor da Escola de Antropologia — trata-se de um *homo sapiens*, mas o nível em que foi descoberto corresponde ao pleistoceno inferior, ao paleolítico antigo." A importância desta concomitância fez com que se designasse uma comissão de especialistas para o exame dos lugares. Todos concordaram que de

modo algum houvera remoção de terrenos, que o crânio estava bem no seu lugar... "se os geólogos não erraram o caminho, estamos diante de um *homo sapiens* anterior a todos os neanderthais..." "Se os geólogos não erraram o caminho!" E claro: a descoberta é importante demais para ser questionada do modo como haviam sido as precedentes. Por isso insinuou-se que talvez os geólogos tivessem errado o caminho. Mas então o que vem abaixo é a totalidade da argumentação da paleontologia, pois o seu fundamento são as datas das distintas camadas geológicas. E Montandon acrescenta melancolicamente: "A descoberta de Swascombe e a afirmação que se segue, do alto valor de Pittdown, fizeram com que aflorassem à luz do dia vários achados de outros tempos que haviam sido negados por causa da morfologia de *sapiens* dos crânios detectados." Para alguns autores, o *sapiens* seria ainda anterior. Havia sido encontrados restos em terrenos terciários e até secundários. Um cientista de tanto prestígio como Boule,⁷² professor no museu de Paris, examinou honestamente os motivos que podem ter levado Herdlicke a separar da investigação antropológica todos os fósseis encontrados na América. "Herdlicke — declarou Boule — parte do princípio de que, segundo as leis da evolução geral dos mamíferos, os fósseis humanos deveriam diferir dos homens atuais." E acrescenta: "Esta afirmação está baseada numa petição de princípio..." Do mesmo modo foi descoberto, em 1896, num terreno terciário (pleistoceno inferior) um fóssil humano que foi posteriormente questionado porque "era absolutamente idêntico ao do alsaciano atual e, conseqüentemente, não poderia pertencer ao terciário".

O mecanismo é evidente: apesar de que a teoria da evolução pretende basear-se em descobertas científicas, ela serve, ao contrário, para manipular, para escolher entre essas descobertas, retendo as que lhe parecem ser favoráveis e rejeitando as que não lhe são compatíveis!

Outros antropólogos são mais prudentes. Para explicar a presença do crânio de Swascombe em terrenos mais antigos que os do homem de Neanderthal, elaboraram hipóteses complicadas. Supuseram, por exemplo, vários ramos humanos desprendidos do tronco dos macacos em diversas épocas; os mais antigos remontariam à época de nossos documentos paleontológicos. Voltamos a encontrar assim o procedimento já assinalado: é usada uma hipótese que se pode formular natural e gratuitamente, mas que não se pode provar, já que se perde na escuridão dos tempos, numa época acerca da qual documento algum nos esclareceu até hoje.

Mas a história do *pitecantropus* é o cúmulo. Em 1890, um jovem médico holandês, Dubois, entusiasmado com a leitura das teorias evolucionistas de Haeckel, partiu rumo a Java, indo atrás dos fósseis que pudessem confirmar essas teorias. Teve muita sorte, pois ao cabo de um ano anunciou triunfalmente ao mundo científico a descoberta de uma caixa craniana e dentes de macaco e, a quinze metros de distância, um fêmur de homem. Não precisou de mais nada para supor que esses restos haviam pertencido a um único personagem, que foi batizado com o pomposo nome de *pitecantropus erectus*. Na Exposição

Universal de 1900, em Paris, as multidões puderam admirar uma reconstituição desse antepassado famoso e exaltar os progressos da ciência. Todos podiam comparar-se vantajosamente com ele!

Lamentavelmente Dubois havia anunciado o achado de três dentes, mas só descrevera dois deles. O terceiro só foi descrito em 1930, e dado a conhecer em 1937. "Todos os cientistas — diz Montandon⁷¹ — concordaram que se tratava de um dente humano." Por que então Dubois não o havia descrito, assim como também não descrevera dois crânios de *homo sapiens* que encontrara em Java no ano anterior? "Simplesmente — diz Montandon⁷¹ — porque se Dubois tivesse anunciado em 1894 a descoberta de dois dentes de macaco e um dente humano, seguramente teria prevalecido a idéia de que todos os ossos não pertenciam a um mesmo indivíduo, e se teria acabado com o *pitecantropus*."

Assim, nos terrenos explorados por Dubois havia restos de macacos e restos de homens. E o pobre *pitecantropus*, abandonado atualmente pelos cientistas, voou ao país das lendas para unir-se com o Minotauro. Entretanto, ele permanece vivo na mente das multidões, que continuam acreditando que a ciência estabeleceu que a origem do homem é animal. Salet e Lafont,⁵⁸ de quem tomei essas citações, disseram: "E o mesmo que pretender, caso se encontrasse nas escavações um fêmur humano e um crânio de touro, que o Minotauro existiu."

Em *LEvolution Régressive* (A Evolução Regressiva), os autores que acabo de mencionar propõem uma nova teoria da evolução, conforme os antecedentes bíblicos. Não nos surpreende que, como qualquer coisa nova, ela tenha recebido uma acolhida bem discreta por parte dos cientistas. Apesar disso, o livro foi prefaciado por um dos mais sérios geólogos contemporâneos, o professor Raguin. "A partir de agora — escreve — o sistema... tem um selo de harmonia e grandeza. Irradia uma força de persuasão inegável e merece que se apaixone por ele."

Por trás da crítica ao evolucionismo feita nas páginas anteriores, Salet e Lafont apresentam sua hipótese na forma de um apólogo. Dizem eles: "Imagine que um mecânico de nossos dias adapte um velho automóvel para fazer funcionar uma bomba d'água. Muitos séculos depois as escavações trazem à luz do dia essa máquina híbrida. Os finalistas gritarão: 'uma máquina assim não pode ser fruto do acaso; só um espírito criador a poderia ter concebido; vejam a concordância do jogo de válvulas, dos pistões e do carburador! É evidente que tudo está organizado para que funcione em conjunto.' Seus adversários mecanicistas, entretanto, farão graves objeções: 'se for verdade que um espírito criador dirigiu esta construção, por que pôs um indicador de velocidade graduado em quilômetros numa máquina imóvel? Por que pôs faróis que nem sequer iluminam a bomba?' E depois os bergsonianos tratarão de conciliá-los: 'há um impulso vital que por vezes é cego e por vezes clarividente, que faz coisas notáveis e coisas absurdas.' Mas a verdadeira explicação seria dada por quem perguntasse: 'por que não supor que esta máquina estava muito bem adaptada a seu objetivo no princípio, e que posteriormente foi usada para uma outra finalidade, para pôr em movimento a bomba d'água, e esta seria a origem dos aparentes absurdos?'"

Do mesmo modo, ante os argumentos contraditórios de finalistas, mecanicistas e bergsonianos, Salet e Lafont supõem que "os seres atuais provieram, por meio de uma evolução regressiva, de seres vivos que foram no passado tão perfeitos em seu gênero como as criaturas o podem ser." Voltamos assim à perspectiva bíblica. A idade de ouro está no passado; o mundo criado por Deus era perfeito. Os grupos zoológicos, entre os quais nunca foram encontradas formas de transição, foram criados desde o início. Assim também o homem, cujos fósseis se acham em camadas cada vez mais antigas, teria sido criado desde o início, e era perfeito.

Assim como nada na natureza explica a morte, nada impede tampouco que se possa conceber que esse homem não teria morrido se algo não tivesse perturbado a harmonia perfeita daquele mundo perfeito. E também dá para se conceber que a menor desobediência a essa ordem perfeita pode ter afetado, pouco a pouco, não somente o homem, culpado da alteração, mas também toda a natureza, e trazido como consequência o desmatamento, as estações, a catástrofe do carbonífero, etc. Neste mundo transtornado, os seres encontraram condições novas de vida, "a evolução foi a adaptação a um mundo perturbado". Representaria em cada espécie uma degeneração em relação aos tipos primitivos perfeitos.

O homem de Neanderthal, por exemplo: "É evidente que esses fósseis podem descender também de homens semelhantes aos atuais, a respeito dos quais evidenciam uma regressão, assim como em relação aos primeiros evidenciam um progresso". De modo que, acrescentam Salet e Lafont, "não é que o animal se tenha progressivamente transformado em homem, mas que certas raças humanas... retrocederam até a condição animal."

Poderia entretanto alguém perguntar por que, assim como não se encontram vestígios do homem primitivo, não há também sinais de sua civilização. "Toda a nossa civilização — respondem Salet e Lafont — é o resultado das perturbações que ameaçam o homem." Numa natureza perfeita não haveria necessidade de proteger-se do frio nem da fome.

Não vou trazer à discussão aqui todos os detalhes da teoria. Remeto, em todo o caso, o leitor à obra citada. Recordo-o também do que eu disse no começo deste capítulo: não levemos esta questão com demasiada gravidade. Aprendamos a rir um pouco com as teorias que os homens forjam, umas após as outras, para explicar o mundo, e que com tanto entusiasmo acreditam que são definitivas. O mínimo que se pode dizer da teoria de Salet e Lafont é que ela está mais de acordo com os dados científicos atuais do que a teoria evolucionista clássica.

Não pretendo tomar uma posição. Entretanto, creio que se os pontos de vista de Salet e Lafont provocam, num primeiro momento, o nosso sorriso, é porque estamos muito impregnados da teoria darwiniana, apesar de um de seus adeptos mais autorizados ter declarado que a abandonaria caso houvesse uma outra explicação mais plausível.

E se a Bíblia tiver razão? E se o relato de Gênesis, em lugar de ser um mito, corresponder à realidade? Até agora nada se provou em contrário. E então, o que se conclui? Devem ter sido razões

afetivas as que fizeram com que homens rejeitassem a explicação bíblica do mundo. Como o adolescente a que me referi, os homens teriam forjado novas teorias para contradizer seus antecessores e se teriam aferrado impetuosamente a elas contra qualquer argumento lógico, para não serem confundidos. Digamos, em todo caso, que o mundo da natureza, com sua estranha mescla de maravilhas e absurdos, de achados engenhosos e misteriosas anomalias, é mais bem explicado com a hipótese da perversão de uma harmonia primitiva do que por meio de um progresso cego e ininterrupto.

* * *

No meu modo de entender, é imensa a influência da doutrina de Darwin sobre o mundo moderno. Supera consideravelmente o marco da história natural. O que é grave não é tanto o fato de nossos contemporâneos acreditarem piamente que todas as espécies animais tenham surgido umas das outras, quando provavelmente não tenha sido assim. O que é grave é que, junto com esta teoria, se lhes inculcou o culto a uma nova trindade: o acaso, a luta e o progresso.

Esta trindade é a divindade do mundo moderno. É inspiradora dos destinos da sociedade e dos indivíduos. Isso costuma passar despercebido porque a especialização atual fechou os olhos aos contatos interdisciplinares, de modo que os sociólogos só vêem os fatores sociológicos do desenvolvimento da história, os economistas, os fatores econômicos, os psicólogos, os fatores psicológicos. Mas a vida não se restringe aos limites de uma disciplina em particular, e a teoria da natureza que se aprende na escola influi rapidamente no comportamento e nas concepções de todos os homens.

É evidente que se ensina às nossas crianças que o reino animal se criou a partir de si mesmo, e que, progressivamente no transcurso dos séculos, sem a interferência de nenhum outro deus senão o acaso ou a luta pela sobrevivência, essas três noções fundamentais de acaso, luta e progresso começarão a ser vistas por todos como as grandes leis da vida.

O acaso.

Cada época professa implicitamente uma filosofia sem se dar conta dela até que seja questionada. O acaso é o primeiro artigo da filosofia inconsciente da nossa época. A fé no acaso tirou do homem o sentido da responsabilidade moral. Se fica doente, culpa o acaso de lhe ter trazido algum micróbio nocivo, não questionando por que o vizinho, que certamente também esteve em contato com aquele micróbio, não foi afetado. Se briga com a esposa, lamenta ter tido o azar de "cair" nas mãos de uma mulher neurótica, com quem é impossível conviver. Tudo isso faz com que não busque a sua própria responsabilidade em relação a seu destino. É isso que faz com que o nosso mundo esteja cheio de lamentações, de recriminações e de reivindicações que causam amarguras, invejas, vinganças e lutas, aumentando o caos e, conseqüentemente, as imprecações contra a própria sorte. É evidente que a sociedade não pode organizar-se harmoniosamente tendo todas essas irritações.

Se tudo não passa de um acaso, a única regra para a vida é arranjar-se do melhor modo possível, tentar a sorte. Por se considerar a felicidade não mais significando ser a bênção prometida a quem obedece às leis divinas, mas sendo apenas uma questão de sorte, isso implica em que a única regra de vida é ser o mais rápido. E, assim, tudo passa a ser intrigas, mentiras e "golpes baixos". Os conflitos e as injustiças resultantes disso, em vez de levarem o homem à reflexão e ao retorno à honestidade, levam-no a recorrer ainda mais a essas armas envenenadas para conjurar a sua má sorte: ninguém quer ser a vítima.

A luta.

O mais grave ainda é que Darwin fez com que todo o mundo acreditasse que o progresso é o resultado automático dessa luta universal onde o mais forte triunfa sobre o mais fraco, assim como o astuto triunfa sobre o honesto. A idéia fundamental da teoria darwiniana é precisamente esta, a de que a luta pela vida seria a grande lei da natureza e a fonte do progresso.

Não há praticamente ninguém que não acredite nesta luta. Apesar disso, é muito fácil

encontrar na natureza exemplos que provam o contrário. Na época dos dinossauros, cujos esqueletos podem ser apreciados nos museus, os mamíferos eram minúsculos e vegetavam. "Eram tão pequenos — conta Lecomte de Noüy — que os répteis gigantes esmagavam muitos deles com um só pé sem perceber." Entretanto, os dinossauros desapareceram (como seguramente desaparecerão muitas de nossas gigantescas instituições modernas), *porque eram demasiadamente grandes*, do mesmo modo que desapareceu o desditoso *machaerodon*, cuja dentição tornou-se tão poderosa que chegou a impedi-lo de fechar a boca para comer. E os pobres pequenos mamíferos da época dos dinossauros tornaram-se o ramo mais importante da criação.

Na realidade a natureza é neutra. Ela apresenta um espetáculo que contemplamos através dos óculos de lentes coloridas da nossa própria filosofia, na qual sempre encontramos a confirmação das nossas idéias. Depois de ter descrito a natureza como uma luta universal na qual sempre vencem os mais fortes, pode-se descrevê-la também como uma comunidade universal, onde o mais humilde e o mais fraco são tão úteis quanto o mais forte e onde cada um subsiste se cumpre a função, a vocação que lhe toca nessa grande harmonia. O que seria dos animais, incapazes de fixar nitrogênio, sem as plantas que o proporcionam?

Pode-se aderir, como Darwin o fez, a uma filosofia do progresso pela luta, o que significa pretender que essa luta se fundamente cientificamente na observação da natureza. É justamente aqui que reside o erro. Nossos contemporâneos acreditam que essa teoria corresponde a leis naturais e implacáveis; acreditam que só os que mostram os dentes, os que revidam às agressões ou ainda os que agredem primeiro é que contribuem para o progresso do mundo. Essas concepções foram abraçadas abertamente por militares, que se acham entre os principais responsáveis pelas catástrofes que comovem a humanidade. Eles diziam que a guerra era necessária para o progresso da humanidade, por ser um processo que acaba selecionando os que são mais fortes.

Mas os que os denunciam nem sempre percebem até que ponto estão contaminados pela mesma idéia.

Toda a doutrina do liberalismo baseia-se na idéia de Darwin. Supõe que o progresso econômico da sociedade será o resultado de uma luta desenfreada de competitividade nas áreas industrial e comercial; apresenta essa luta como uma lei da natureza, como a origem da "seleção natural". E crê nisso tão firmemente que não pode ver as dificuldades inextricáveis a que a economia liberal conduz, das quais são vítimas tanto os poderosos vencedores como também os mártires imolados no altar da competitividade e da luta.

Também o marxismo, que se levanta contra o liberalismo, professa na realidade essa mesma filosofia em sua base. O marxismo substituiu a luta da competitividade pela luta de classes, mas a luta continua sendo a causa do progresso. E a tal ponto crê nisso que não consegue ver as desgraças que essa luta acarreta para a humanidade que se propõe salvar.

O parlamentarismo moderno baseia-se na singular idéia de que o progresso será o resultado de uma perpétua batalha entre os partidos; o direito baseia-se na idéia de que a justiça será o resultado da luta entre a acusação e a defesa, que então a verdade surgirá do choque entre essas duas teses que não buscam, nenhuma das duas, a verdade.

Esta filosofia de luta envenenou tudo. Envenenou nossas famílias, a política interna e a política internacional. Cada um acredita que deve defender-se a qualquer preço e dar no seu próximo a maior quantidade possível de golpes para não ser por ele esmagado. Todos queixam-se dos golpes recebidos, mas são bem poucos os que procuram suas próprias faltas, e quase todos arrojam-se em denunciar as do adversário. Não obstante isso, neste caso, o que fazem não se baseia no ideal da luta, mas no ideal cristão de justiça, de equidade, de lealdade, de comunhão e de amor — que conservam, apesar de tudo.

O progresso.

Finalmente, ao se refletir com seriedade acerca deste processo, parece inconcebível que o seu encadeamento de acasos, de lutas e de injustiças dê como resultado o progresso. Entretanto, foi o que Darwin conseguiu dar a entender ao mundo inteiro; ele inculcou nos homens um robusto otimismo, resistente aos desmentidos da história.

A Bíblia apresenta o homem como a obra-prima de Deus e os seus infortúnios, como conseqüência do mau uso dessa obra-prima. O evolucionismo, ao contrário, apresenta-o como o glorioso final de uma evolução cega, que se produzirá automaticamente com a prolongação da luta.

Não resta dúvida de que o homem não é perfeito. Entretanto, não se trata de que não é perfeito em consequência do seu pecado, mas que *ainda* não é perfeito, e que o será com o progresso, num tempo indefinido da história. É uma conclusão muito lisonjeira. Esta perspectiva deu ao mundo moderno uma incrível confiança no homem. Ele já não tem necessidade de examinar-se. Chegará à salvação caminhando sempre à frente, de progresso em progresso, mediante o desenvolvimento de seus conhecimentos, de suas descobertas, de sua ciência. Poderá elevar-se a qualquer altura. "Não há nada que não possa ser conhecido — proclamou o prof. Roussy,⁷³ reitor da Universidade de Paris — por mais que seja previsível que nunca chegaremos a sondar o fundo do abismo, por mais que a prudência indique admitir que nunca esgotaremos o que é desconhecido."

Vê-se com clareza como esta confiança no homem, proveniente de Darwin, relaciona-se com o pensamento de Nietzsche, a quem voltaremos a nos referir, assim como com a influência que ele exerceu sobre o mito nazista. Mas está também na mística da técnica comum às duas grandes potências da atualidade: Estados Unidos e Rússia.

O paradoxo é que esta grande confiança no homem desumanizou a nossa civilização. "Apesar das teorias políticas e sociais que parecem exaltar o homem e o seu poder — escreve Menkès — a personalidade humana nunca foi tão desprezada."

A doutrina evolucionista é essencialmente mecanicista, de modo que o progresso é esperado como fruto de um mecanicismo impessoal e do próprio homem. A paz será o resultado de um desenvolvimento técnico do direito; a nova arte provirá de um aperfeiçoamento técnico; a prosperidade, de uma ciência econômica mais avançada.

O mito de um progresso resultante de uma rede cada vez mais intrincada de códigos e medidas que previnam tudo é a base da degeneração administrativa do nosso mundo moderno. Basta considerar o incrível grau de burocracia alcançado pelo país mais avançado, os Estados Unidos, para imaginar o que nos reserva o futuro.

E a vida? "Não resta dúvida de que o progresso tornou a nossa vida mais agradável — escreve Rougemont" — mas creio que ele não tenha favorecido a vida."

Só um cego partidarismo impediria de ver que o progresso em si é um mito. Um belo mito, se assim você quiser, um belo sonho que deu lugar a belas devoções; mas trata-se de um mito inventado pelo homem. Quiseram fazer com que crêssemos que o progresso estava inscrito na natureza, mas ela nos oferece mais exemplos de degeneração do que de progresso. Só se pode apresentar um panorama de progresso supondo-se de maneira gratuita, por outro lado, que os mamíferos e depois o homem e a consciência apareceram muito tempo depois, e de um modo mecânico e sem a intervenção divina. Acreditou-se nisso, mas isso nunca foi provado. E os que nos quiseram fazer crer nisso são os mesmos que pretendiam alicerçar a ciência unicamente no saber, excluindo a fé.

Não há mais progresso na história. Todas as descobertas, todas as conquistas e todas as instituições da humanidade não mudam em nada o seu verdadeiro problema. A que se deve, se não a isso, o êxito do livro de Carrell, *VHomme, Cet Inconnu*²⁷ (O Homem, Este Desconhecido)? Não será porque instintivamente o homem sentiu-se melhor compreendido por este grande cientista, que declarava ser o homem um desconhecido, do que pelos pequenos cientistas que tinham a pretensão de conhecê-lo? Não será porque o homem sentiu instintivamente que Carrell tinha razão em denunciar a vaidade de um prodigioso progresso técnico da medicina, que o deixava só com o mal-estar interior que lhe causava os maiores sofrimentos?

Não se trata de denegrir nem a ciência nem a técnica. O homem tem sede da verdade. A alegria de um cientista que descobre um pedaço da verdade é tão legítima quanto a do técnico que resolve um problema técnico. Sei o que é experimentar a alegria de assistir, às vezes, em meu consultório, ao incomparável espetáculo de uma vida que se transforma, de uma alma que se encontra com Deus e lhe diz "sim"; mas também sei como é experimentar a satisfação de ter construído, em meu consultório, um mecanismo engenhoso. Em meu coração há lugar para esses dois tipos de alegria, que não brigam entre si.

A filosofia do progresso priva o homem de alegrias verdadeiras, o que torna suas alegrias enganosas. Quando as investigações científicas e as invenções técnicas deixam de ser uma aventura que traz satisfação, transformando-se numa vã busca do progresso, elas terminam por escravizar o homem, e adquirem dimensões impressionantes. "Por trás de todas as comoções políticas, sociais, econômicas, culturais — escreve Maeder² — esconde-se a crise do homem. O homem desconheceu seus limites e os ultrapassou, transformou-se num titã. Nossa era é uma era prometéica."

A expressão de Bergson é conhecida: "A humanidade geme quase que esmagada pelo peso de seus progressos." Já dizia Balzac: "O progresso é um contra-senso."

Não obstante, alguém poderá perguntar-me: "Não é perigoso tirar do homem toda a esperança de um futuro melhor? Isso não seria precipitá-lo no pessimismo?" Se para salvar a moral de um paciente que considero desenganado eu lhe prometo a cura, o conforto que isto lhe daria seria muito precário. A constante evolução do seu mal não tardaria a derrubar essa confiança e, ante a proximidade da morte, estaria tanto mais desamparado quanto mais tempo eu o houvesse enganado. Uma desilusão semelhante pode ocorrer nos povos da atualidade, quando eles têm de enfrentar acontecimentos que desmentem tragicamente o belo otimismo do começo do século XX. Correm o risco de cair vertiginosamente no ceticismo total. "Cada vez que um homem escolhe, — escreve Sartre — seja qual for o seu projeto... é impossível preferir um outro projeto: não cremos no progresso."

A nossa fé cristã não participa dessa ingênua confiança no progresso do homem que só leva à cínica desesperança de Sartre. "Não é mais fácil ter a esperança de uma vida melhor — perguntam Salet e Lafont⁵⁸ — quando se pode ter a certeza de que o mundo era 'bom' quando saiu das mãos do Criador?" Com efeito, se Deus no princípio só tivesse criado um mundo imperfeito, como conceber que um mecanismo cego, automático e imanente a este mundo imperfeito poderá conduzi-lo a uma perfeição final? Ao passo que, se o que aconteceu foi que Deus criou um mundo perfeito, é claro que Ele tem o poder de restabelecê-lo em sua perfeição primitiva. Tal é a esperança cristã: não só de uma elevação da alma humana, liberta da natureza, mas também a esperança de uma ressurreição e a redenção de toda a natureza.

"A criação — escreve o apóstolo Paulo — foi sujeita à vaidade não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação venha a ser redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora. E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo."⁷⁴

CAPÍTULO 5

O Mito do Poder

A teoria do mundo que herdamos de Darwin é, assim, mais uma bela novela do que uma obra científica; mas ela tem formado a nossa mentalidade contemporânea. Não só inculca em nós a idéia de progresso, mas nos dá um *ideal dinâmico*, o que é até mesmo confirmado pela grande difusão desta expressão em nossos dias. Aqui na terra é tudo uma luta — disseram-nos — uma luta cega das espécies entre si, uma luta entre os indivíduos dentro de cada espécie, uma luta pela vida, uma luta de competitividade, uma luta de classes e de nações; é o triunfo universal do mais forte sobre o mais fraco. Provavelmente *nos* sirva de consolo pensar que esta batalha geral trará como resultado um progresso mas, antes de tudo, quer nos mostrar que a coisa mais importante do mundo é ser forte.

Vale a pena examinar atentamente esta idéia, já que ela exerceu uma considerável influência na evolução da nossa sociedade. O progresso poderia ser um fim desinteressado e abstrato, mas basta pensar um pouco para se ver que ele funciona como uma racionalização, com a qual o homem justifica o seu comportamento instintivo e egoísta: o que importa é ser ou parecer ser forte, mas isso é simplesmente por medo de ser esmagado pela vida.

O ideal de ter poder é comum a todos os movimentos contemporâneos; este ideal contamina tudo, inclusive a igreja cristã. Pratica-se a luta de classes tanto quando se está de acordo com a sua concepção, como quando se está contra ela. Cada um, seja internacionalista ou nacionalista, faz essa guerra; dedica-se a uma política de força tanto quando preconiza o partido único como quando defende a competitividade de diversos partidos: busca o poder econômico tanto quando é partidário da economia liberal como quando advoga a economia dirigida.

A salvação está no poder.

Preparei este livro na mesma região em que Nietzsche concebeu a sua doutrina do "super-homem" e da vontade de poder. "Naquele dia — escreve ele — eu percorria o bosque de Silvaplana; detive-me próximo de um enorme bloco rochoso que se erguia em forma de pirâmide. Foi ali que me veio essa idéia."¹ Em mim, o que a alta montanha provoca é a sensação da pequenez do homem e da grandiosidade de Deus. Esta é mais uma prova de que cada um toma da natureza a imagem que mais convém à sua própria tendência.

A influência exercida por Nietzsche é enorme. Há algum tempo encontrei-me com um amigo meu, capelão de uma grande organização de jovens obreiros católicos. "É incrível — disse-me ele — como o pensamento de Nietzsche penetrou em toda parte. Quantos de nossos jovens, sem jamais o terem lido, nem mesmo o terem conhecido, recitam quase que textualmente a sua filosofia!"

A doutrina nietzscheana é muito conhecida: "A moral é o pecado contra o espírito da Terra. E uma invenção dos fracos, que transformam a sua fraqueza em virtude. Por não poderem suportar nem a visão do mundo real, nem a força dos indivíduos que marcham em direção ao super-homem, canonizaram tudo o que é baixo e promulgaram como a maior virtude aquilo que é o maior vício dos fortes: a piedade."

Não é surpreendente que os adolescentes se entusiasmem com Nietzsche. Já falamos com insistência sobre a semelhança que há entre a mentalidade moderna e a de um adolescente em plena crise, que acusa os princípios morais, com que foi educado, de o terem sufocado, de o terem impedido de realizar-se, de viver sua própria vida, de desenvolver-se e manifestar o seu poderio.

Mas o que quero demonstrar aqui, acima de tudo, é que esta doutrina supera amplamente o círculo dos acólitos de Nietzsche, que de algum modo atingiu a todos nós. "Nietzsche é uma vertente, uma inclinação em cada pessoa" — escreve Maldiney.¹ Quem de nós pode gabar-se de não participar desta perspectiva moderna que vê na piedade, no perdão, na grandeza do coração e no amor uma fraqueza? Max Picard,⁷⁵ em seu livro *L'Homme du Néant* (O Homem de Pouco Mérito), cujo título alemão é ainda mais sugestivo — *O Hitler em Nós* — mostrou claramente que não basta lutar contra o nazismo alemão; que o importante é reconhecer que ele não poderia ter sido difundido do modo como foi se o mundo inteiro já não tivesse admitido um critério de poder do qual nos custa muito desprender-nos. A tese de Picard é que o mundo moderno já carecia de um princípio diretor, e que tinha substituído as noções de ordem, de harmonia e de virtude pela virtude da ação, e estava preparado para apaixonar-se por qualquer manifestação de poderio.

É certo que sempre houve e sempre haverá no homem a tentação de afirmar a força que tem e esmagar o outro. A fábula do lobo e do cordeiro é antiga. Mas a característica do mundo moderno é essa tendência tornar-se lei natural. Antigamente cedia-se a essa tentação, mas ninguém questionava o seu caráter imoral. Hoje, ao contrário, ela é justificada ao se medir o valor do homem segundo suas ações e o poderio delas.

"Os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de diversos modos. O que é necessário é transformá-los" — declara o manifesto do marxismo. Para Guillouin,¹⁹ há aqui muito mais do que uma concepção própria do marxismo; trata-se de uma concepção própria do homem. O *homo faber* e o *homo sapiens* foram substituídos no mundo moderno pelo *homo agens*. A nobreza do homem já não reside no que ele constrói, nem no que ele pensa, mas em sua ação. "O homem é o que ele faz" — diz Sartre.³ E se ele constrói ou pensa, isso só terá valor à medida que o que foi construído e pensado for algo grande. Todos nós temos este critério de poderio e de magnitude inscrito no fundo do nosso coração. Quando em minha cidade, Genebra, foi inaugurada a primeira linha de ônibus elétricos, todos os seus cidadãos puderam ler nos jornais com orgulho que aqueles veículos estavam entre os maiores, mais pesados e mais potentes da Suíça, não se preocupando se o revestimento das ruas era suficientemente sólido para suportá-los. Ocorre o mesmo em todas as áreas. Tudo deve ser cada vez maior: as casas comerciais, as fábricas, os monopólios, os imóveis, os hotéis.

Alguém poderá argumentar que as catedrais já eram muito grandes, comparadas às pequenas casas construídas ao seu redor. Eram, sem dúvida. Mas, no pensamento de seus construtores, o valor dessas catedrais não residia em suas dimensões, mas em sua harmonia. A noção de harmonia interior foi substituída pela de *recorde*. Esta evolução relaciona-se com a repressão do espiritual, de que falamos; é a negação do valor em si.

Recordemo-nos dos quatro estágios do homem, de acordo com Rougemont, que descrevemos anteriormente, e da maneira como ele definia a saúde: uma hierarquia correta *na pessoa*. Nos antípodas desse ideal, o homem moderno, para ser poderoso, procura desenvolver ao máximo o estágio em que se destaca: se tem músculos, cuida de obter uma marca desportiva; se tem imaginação, se esforçará para dominar os outros com o seu poder de sugestão; se tem qualidades intelectuais, só se dedicará a elas; e se tiver alguma experiência espiritual, se especializará nela e desprezará as realidades do mundo físico.

Como resultado dessa corrida ao poder, o mundo moderno só encontra desarmonia. Quem recebe honras na atualidade? Os desportistas, os tribunos, os ricos, os cientistas. Nunca o homem equilibrado, o humanista do Renascimento, mas aquele que desenvolveu em excesso a qualidade especial que possui.

Ao referir-se ao "ideal do combatente comunista", Pierre Hervé mencionou, como último caráter importante, "a preocupação pela eficácia". Entretanto, esta é a palavra que está em todas as bocas. A totalidade da vida é considerada do ponto de vista da tática e da estratégia, o valor de uma

idéia é medido segundo a sua eficácia, o êxito é o critério da verdade. Até a apologética cristã foi contaminada: muitas vezes trata-se de demonstrar a virtude do cristianismo em função da sua eficácia, das vitórias que assegura na vida. Mas esta é uma teologia da experiência, uma teologia do êxito, e não uma teologia da cruz. Tudo isso está relacionado com a nossa concepção darwiniana da natureza, onde sempre o forte devora o fraco, onde a verdade é esmagada se não somos suficientemente fortes para defendê-la. O elefante é muito mais forte do que o cordeiro, entretanto não o devora porque não é esse o seu instinto, sua lei interior. E certo que há, na natureza, fortes que devoram fracos, mas também há fracos que devoram fortes. A lei do mais forte não é universal. O que é universal é a lei da harmonia, que confere a cada ser na natureza o seu próprio destino e a sua função no conjunto.

* * *

Por querer legitimar a lei do mais forte em nome da natureza, minaram-se na atualidade as noções de harmonia, de sacrifício, de ordem e, por fim, a de companheirismo. Atendo a muitos casais em situação de conflito. Penso que meus colegas concordarão comigo quanto à dificuldade em ajudar a solucionar esses conflitos. Se não se consegue produzir nos cônjuges uma verdadeira revolução espiritual, nossos esforços serão em vão. Eles se encontram justamente com essa idéia tão difundida em nossos dias de que é preciso ser forte para não ser esmagado, que ceder é dar prova de fraqueza. A verdadeira grandeza que pode haver em fazer concessões, a verdadeira vitória que pode ser perdoar, assim como a verdadeira alegria que o sacrifício da própria vontade pode dar — essas coisas são noções em extinção nos dias de hoje. E evidente que uma atmosfera assim torna impossível a subsistência de um companheirismo. Cada cônjuge fala em "defender a sua personalidade", mas a sua personalidade está totalmente absorvida, deformada por essa luta. Se o outro manifesta um determinado gosto, não pode aderir a ele, porque tem medo de parecer ser dependente; e o outro cônjuge, por sua vez, aferra-se a esse gosto porque tem medo de perder a sua individualidade.

Esse temor obsessivo de ser esmagado é o motivo da moderna emancipação da mulher. Por a terem instigado a comparar-se com o homem em tudo, fizeram-na perder a sua feminilidade. Quiseram-nos fazer crer que as relações sociais são meras relações de força, e é isso o que faz com que a sociedade, em seu todo, deixe de ser o que deveria ser.

Alguém poderá objetar que, ao professar um ideal igualitário, o marxismo propõe-se a fazer exatamente isso, terminar com a opressão do forte sobre o fraco. Mas são os burgueses que lhe conferem um igualitarismo, do qual os marxistas se defendem: "... o igualitarismo não tem inspiração marxista — escreve Pierre Hervé.¹ "O marxismo — prossegue — nunca foi igualitário: se procura alcançar uma igualdade, é a igualdade de oportunidades, a igualdade no ponto de partida, a igualdade para o desenvolvimento das desigualdades legítimas e inevitáveis". Se ele quer suprimir certas desigualdades, são as que a sociedade capitalista introduz no livre jogo das vocações e das ambições legítimas." Há que se reconhecer: os burgueses conferem ao marxismo um igualitarismo que os marxistas não professam para, em seguida, refutá-los, invocando o exemplo da natureza, onde só havia injustas desigualdades e opressão do fraco pelo forte; isso, ao mesmo tempo, desculpa o regime capitalista das injustiças que comete. Entretanto, as desigualdades da natureza são muito mais de ordem qualitativa do que quantitativa, são muito menos uma correlação de forças do que uma diversidade de funções. Na realidade as duas concepções, a capitalista e a marxista, unem-se para nos apresentar a vida como uma luta do forte contra o fraco, que acaba sendo oprimido; não como uma cooperação harmônica de valores complementares.

A vida é uma luta.

Desde a nossa infância nos apresentam e nos inculcam este *slogan*. Por outro lado, é por isso que nunca se entende a luta consigo mesmo, mas sim a luta contra os outros. Isso começa na escola, que cultiva o individualismo que não se detém diante das dificuldades, que leva cada aluno a medir constantemente a sua "força", em cada campo de atividade e de estudo, em relação à de seus colegas; que condena aquele que ajuda um colega por falsear a correlação das forças. O ideal que se grava nos estudantes consiste em que se deve mostrar sempre ser mais forte do que os outros e não

ajudar o mais fraco a fortalecer-se. Não raro, como demonstrou Allendy,⁵ o próprio professor sugere que se menospreze o mais fraco, e faz com que a classe inteira o persiga. A frase "você não chegará a lugar algum na vida se não trabalhar melhor", repetida com mil variações, é falsa, em primeiro lugar, porque sabemos que nem sempre os melhores alunos são os que posteriormente terão uma vida mais próspera. Em segundo lugar, em vez de estimular o estudante, paralisa-o, fazendo-o duvidar da sua própria capacidade, e produz verdadeiros desastres psicológicos. Em terceiro lugar, apresenta o trabalho não como um serviço para uma outra pessoa, mas como uma armadilha que se deve usar para não ser esmagado.

Neste regime de perpétua competição, nesta obsessão por notas e classificações, os fracos tornam-se cada vez mais fracos, e os fortes, cada vez mais fortes. Com efeito, os fracos, inibidos pelos sentimentos de inferioridade que lhes são aduzidos, perdem a coragem; e os fortes, estimulados pelo elogio adulator de seus professores, sonham apenas em vencer seus competidores e imaginam que o seu valor na vida será medido de acordo com suas vitórias sobre os demais. A escola lança assim à sociedade dois grupos diferenciados: os opressores e os oprimidos, que acabam por colocar em risco o harmonioso jogo da sociedade.

Já citei o Dr. Allendy. Seu maravilhoso livro *l'Enfance Méconnue* (A Infância Desconhecida) dá uma boa visão desse drama da infância, pelo qual têm de passar todos os homens. Nele, a criança aprende a invejar os outros, a comparar-se constantemente com os demais, tanto em família como na classe; aprende a desprezar o mais fraco, a invejar o mais forte, a ver em seu igual um inimigo; nesse processo ela nem mesmo se sente compreendida em suas relações afetivas, nem apreciada por seu valor humano, mas somente pelo que sabe fazer.

E que solução Allendy propõe? A psicologia profana também está dominada pelo mito do poder. Por que se multiplicam os institutos de psicologia e por que nossos contemporâneos correm a eles? Para perguntarem o que fazer para serem fortes, como se tornarem fortes nesta luta universal pela sobrevivência. Mas a força que é proporcionada pela psicologia os deixa fracos ante os verdadeiros problemas da vida. A viúva de Allendy teve a trágica lealdade de publicar o *Journal d'un Médecin Malade* (Diário de um Médico Doente),⁷⁶ escrito até o último dia de sua lenta agonia. Nada mostraria melhor a vaidade de uma vida que tem tudo, menos fé. Esse homem de grande coração, essa inteligência prodigiosa, esse fino psicólogo que iluminou com tanta penetração a alma humana, só tem um cinismo desesperado diante da morte. Uma vez mais vemos os adversários unidos num erro comum: tanto a escola que desconhece as leis psicológicas como o psicólogo que busca nelas uma carta de triunfo sugerem ao homem moderno que o essencial na vida é ser forte.

É o que faz com que descubramos em quase todos os doentes que nos vêm consultar uma falsa vergonha da sua enfermidade, mais ou menos consciente, conforme o caso, e que só contribui para agravá-la. As pessoas sensíveis têm vergonha da sua sensibilidade; consideram-na, em vez de um dom, uma fraqueza; e isso contribui para o seu agravamento.

Os doentes psíquicos, inclusive os que confessam ter prazer na doença como refúgio, têm vergonha de seu estado, tratam-se mal porque não têm quem lhes dê atenção, têm uma constante necessidade de justificar-se ante o desprezo que sentem por parte dos fortes. Tudo isso falseia suas reações e complica suas dificuldades psíquicas.

* * *

Mas se este moderno critério de poder causa estragos nos fracos, para os fortes não é menos perigoso, embora isso não seja tão evidente. Citemos mais uma vez o Dr. Baruk,¹ que mostra, com muita perspicácia, que aquele que se beneficia por meio de uma injustiça recebe o tormento da má consciência. Tal pessoa rejeita então o remorso, o que falseia o seu comportamento e provoca catástrofes sociais. "Reunamos — diz Baruk — vários homens numa sociedade; o primeiro conflito surgirá quando um amor próprio for ferido, seja por ciúme, por um sentimento de inferioridade ou por um sentimento de culpa"... Então começam as reações de defesa e de justificação: procura-se desviar o descontentamento para vítimas inocentes, desviar as críticas ou as reclamações justas, artificialmente criando culpados. Os mais fracos sempre são escolhidos para desempenhar o papel de bode expiatório... As guerras civis mais atrozes, os danos causados pelo fanatismo e pelas guerras religiosas ou ideológicas são antes de tudo fomentados por agitadores de ódios; só depois é que emergem os baixos instintos das massas.

Deste modo o homem moderno, incitado pelo espírito da nossa época a rejeitar a voz da sua

consciência moral, oculta suas fraquezas sob uma atitude agressiva, não deixa transparecer o seu conflito íntimo, projetando-o num combate exterior com os outros. E tal como acontecia no caso do jovem paciente do Dr. Maeder, que se insurgia contra os seus pais, contra o seu diretor, contra a sociedade, e que se fazia de forte, levantava acusações e tinha atitudes agressivas, mas que continuava inquieto consigo mesmo. Ele tinha, se cabe a expressão, uma consciência inconsciente da sua fraqueza; ele a ocultava de si mesmo justamente porque lhe tinham inculcado um ideal de poderio propriamente inumano. Então tinha medo de si mesmo e de que os outros descobrissem a sua fragilidade. Os fortes deste mundo são fracos que escondem sua fragilidade; os justos deste mundo são pecadores que denunciam as culpas dos outros para justificar-se. E devem pregar constantemente a moderna doutrina do poder para manter cambaleante o edifício da sociedade que coroa os que parecem ser fortes e que deprecia os que parecem ser fracos.

Um de meus amigos, chefe de escoteiros, contou-me que o pai de um dos rapazes tinha vindo vê-lo. "Venho explicar-lhe — disse — porque tirei o meu filho do seu grupo: ele leva as leis do escotismo muito a sério. Como o senhor sabe, os escoteiros afirmam que 'o escoteiro só tem uma palavra', mas todos nós sabemos que na vida real isso não se pode pôr em prática. Mas meu filho leva isso muito a sério, e assim ele será atropelado pela vida."

Esse medo de o filho ser vencido pelos mais fortes se não participar das regras do jogo social é sentido por muitos pais, uns, mais conscientemente, e outros, menos. Voltamos a nos deparar aqui com o conflito interior a que me referi anteriormente. Esses pais pregam ao filho a lealdade, mas este sente claramente que eles têm medo de que a sua pregação traga conseqüências molestas. E no mundo inteiro o medo de ser vencido pelos outros impede a lealdade e provoca conseqüentemente a desordem social. Esta, por sua vez, multiplica as catástrofes e com elas o temor de ser atropelado pelos outros. Esse medo provoca a guerra, e a guerra aumenta o medo. E quanto mais o mundo avança nesse torvelinho mais se busca o poder a qualquer preço, até se chegar às armas nucleares, ou a algo mais poderoso ainda que surja no futuro, e assim poder aniquilar o mundo.

Quero evitar mal-entendidos. O mal é poderoso neste mundo; é preciso então que os fortes resistam ao mal tanto para proteger-se como para proteger os fracos e salvaguardar a justiça. Onde estaríamos agora se não houvesse existido potências para combater o poderio nazista, nascido justamente deste mito do poder? Pertença a um país pequeno que, depois da proteção de Deus, recebe os benefícios da proteção internacional e dos sacrifícios que os fortes fazem para protegê-lo. Devo reconhecer que a minha pátria lhes é devedora.

Pascal mostrou claramente que, se a justiça não for forte, a força substituirá a justiça. Mas o mito do poder não reside nisto, mas consiste em acreditar na virtude do poder em si mesmo. Que o mal triunfe é catastrófico, mas é muito pior se fizer com que o justo recorra à injustiça para combatê-lo. Se não se conseguir que o mundo retorne à consciência moral, ao valor do espírito e à sua primazia sobre a força, o poder será apenas uma fonte de destruição.

* * *

A deformação intelectualista do mundo moderno vincula-se ao mito do poder. Os governos dos países disseminaram a instrução pública, em parte, para se fazerem poderosos, e com o mesmo fim os homens buscaram penetrar nos segredos da natureza por meio da ciência e captar suas forças. Uma vez mais isso teria sido perfeitamente legítimo se não se tivesse proclamado a neutralidade moral da ciência e que ela não deve preocupar-se com o uso que se dê às novas forças que ela entrega aos homens. "Foi provavelmente um erro presunçoso confundir o progresso da ciência com o progresso da humanidade", escreve o físico George,¹ no dia seguinte a Bikini. E ele citou Louis de Broglie, que confessou: "Eu não diria como disse de um modo tão ingênuo, há alguns anos, que 'é preciso amar a ciência, porque ela é uma grande obra do espírito'."

Por outro lado, individualmente, a razão por que os homens modernos se educam é mais para serem mais fortes na luta pela sobrevivência do que por terem uma sede de conhecimentos. Muitos pais forçam seus filhos a estudar, não para que tenham uma carreira que seja do seu agrado, mas para que tenham armas para lutar pela vida. Um título secundário ou universitário lhes dá maiores possibilidades de conseguir um posto na indústria ou no comércio. Esta situação falseia a nossa noção de cultura intelectual e constitui uma grave ameaça para a universidade. De um centro

da cultura desinteressada, que foi no passado, ela transformou-se num instrumento para a corrida pelo poder. Este mecanismo é encoberto por uma ilusão: a do progresso intelectual da humanidade por meio da propagação da instrução. "Por mais que o patrimônio de conhecimentos tenha se enriquecido — escreve Badouin — as capacidades intelectuais não aumentaram durante o transcurso do período histórico."

A técnica nasceu da ciência, e a sua difusão atual também se deve ao mito do poder; junta o poder do conhecimento com o poder do dinheiro. Sendo fruto do saber, procura o poder econômico; por isso prevalece no mundo moderno. "O único imperativo que é categórico, eficaz e obedecido universalmente é o imperativo técnico-científico: inventarás, aplicarás, criarás poderio antes de qualquer outra coisa, sem te preocupar de modo algum com o uso posterior que se lhe possa dar... Como se o poder fosse o valor supremo."

À medida que vou estudando os homens com quem me encontro no dia-a-dia da minha vida, cada vez fica mais claro que são poucos os que buscam o dinheiro pelo dinheiro em si, ou pelos prazeres que ele possa proporcionar. O poder que ele traz é que constitui, no fundo, a mola propulsora da dura competição moderna para obtê-lo. Lamentavelmente há que se reconhecer que quem possui, se não o dinheiro, o crédito ou a reputação de ser rico, não só tem maiores possibilidades de subsistir como também de servir mais à sociedade do que os outros. O médico, confidente dos pobres, é a consternada testemunha da incrível injustiça da nossa sociedade moderna. De modo algum os valores pessoais dos homens e o seu talento têm valor nos dias de hoje; e isso é uma decorrência justamente da rejeição ao espiritual, o que constitui a doença do mundo moderno. Esta enfermidade, como já vimos em relação à guerra, e como podemos ver agora no caso do dinheiro, provoca reações que causam o seu agravamento. O medo de ser pisoteado pela sociedade é o que provoca a competição pelo lucro que, finalmente, falsifica a economia, desequilibra-a e cria insegurança, fechando assim o círculo vicioso.

Tudo isso acarretou em nossa época uma deformação da noção de trabalho, que tem valor em si mesmo como serviço e não vem função das riquezas que procura. Em meu consultório tenho constatado algo que considero grave, cujas imensas conseqüências econômicas deixo à consideração do leitor: os homens que atendo, em sua maioria, não gostam do seu trabalho, que para eles só significa uma maneira de ganharem a vida. "Alguém pode sobressair-se — escreve o prof. Spoerri⁵⁰ — mostrando que é capaz *de fazer* algo em particular: uma mesa, um balanço, uma máquina, uma canção, ou mostrando *que possui* algo em particular: um relógio de ouro, cartões de banco, uma coleção de selos, um diploma, um título... (Entretanto) a dignidade do homem baseia-se no fazer e não no ter."

* * *

O mito do poder é também uma das causas das ações que mais caracterizam os acontecimentos da evolução social moderna: a busca das massas, o advento das massas. Uma vez mais voltamos a nos defrontar com uma tendência que não pertence a nenhum dos diversos partidos em particular, mas que é comum a todos eles. O mesmo medo de aniquilamento é o que leva a economia liberal a organizar-se em monopólios cada vez maiores e a que os operários constituam massas cada vez mais disciplinadas. A infinita criatividade dos homens fica absorvida por um padrão universal de conduta que os desumaniza. É impressionante constatar quantos homens se acham *sós*, de um modo desumano, nessa massa anônima, que formaram por medo de ficarem *sós* na luta pela vida. E como essas massas têm em si mesmas a inexorável lei do poder, os homens necessariamente têm de se enfrentar numa luta infinitamente mais destruidora do que as lutas individuais de outros tempos. Mas provavelmente o pior não seja tanto a colisão entre as massas, mas o aniquilamento da pessoa no seio das massas. E a tragédia que Arthur Koestler⁷⁸ descreve em *Lê Zero et l'Infini* (O Zero e o Infinito), em que mostra o seu herói Roubachof destroçado pelos mesmos princípios de disciplina do partido que ele professara, e cujos verdugos são tão vítimas desses princípios quanto ele. "Tudo aquilo em que eu acreditara e pregara, — escreve Koestler — tudo aquilo pelo que tinha lutado durante quarenta anos foi invadido pelo espírito como uma onda irresistível. O indivíduo não era nada, o Partido é que era tudo; o ramo que se desprendia da árvore devia ser queimado." E sabemos que seria possível escrever um livro semelhante sobre o

capitalismo, que sacrificou à sua lei inflexível tanto os capitalistas como os proletários.

A mesma evolução se dá no âmbito político. Encontramos o mito do poder no que está por trás da constituição moderna dos grandes Estados. E a sua maior desgraça consiste justamente em serem demasiadamente grandes, apesar de todas as falsas teorias sobre nações ricas e pobres. Ademais, como *ocorre com os indivíduos, às vezes são os países* ricos que se encarregam das mais vivas reivindicações, como se fossem muito pobres. A grandeza dos Estados modernos é tanto a causa de suas desventuras internas — uma vez que a sua gigantesca administração centralizada já não é mais compatível com a possibilidade humana — como também de seus infortúnios externos, pois não têm como evitar conflitos cada vez mais amplos.

Gostaria de evitar um farisaísmo suíço: sei que o período de *nossa* história que é glorificado nas escolas e em nossas festas cívicas é o do poder militar e o do crescimento territorial do país. Acrescenta-se a isso, por certo, algum elogio à missão pacífica da Suíça do pós-guerra, como pela Cruz Vermelha, por exemplo. Entretanto, sei muito bem que muito mais do que a uma virtude pacifista, nós suíços devemos o privilégio de sermos um país pequeno às divisões internas e às fragilidades do nosso sistema federativo, que detiveram no passado a Suíça em sua corrida ao poder político.

Também a necessidade de agir com poder perante os demais países fez com que a maioria dos Estados buscasse uma centralização total, o que reduz a célula viva, que foi em outros tempos o município, a um papel impessoal de simples divisão administrativa.

Entretanto, por uma curiosa reviravolta neste mundo moderno — que acreditou poder reprimir o que é moral e o que é espiritual —, a consequência mais grave do advento das massas não é econômica nem política, mas antes é moral e espiritual. Refiro-me aos danos provocados pela propaganda, ao seu amplo poder, e ao procedimento universal de recorrer a esse poder.

Eram sinceros, sem dúvida, os que sonhavam, no século passado, com a salvação da humanidade pela instrução. Pensavam que, quando o homem soubesse ler e escrever, aperfeiçoaria o seu discernimento pessoal e conquistaria independência moral e maturidade espiritual. Quem poderia imaginar que, ao contrário, chegaríamos à situação atual, ao triunfo do pensamento dirigido a fins interesseiros, simplificado até o *slogan*, unificado e imposto mediante uma repetição em massa, indo contra qualquer objeção de ordem lógica? A liberdade de consciência não se conquista pela instrução, mas pela experiência espiritual.

É de se estranhar, realmente, quando se comprova que pouco interessa ao homem conhecer um pensamento diferente do seu. Há povos em que a propaganda foi estabelecida oficialmente como meio de governo; as informações que eles têm sobre os países vizinhos são apenas o que as autoridades lhes queiram dar a conhecer. Mas também os povos que vivem numa atmosfera liberal têm uma situação semelhante: o público se compraz em consumir uma informação unilateral muito mais restrita ainda que nos séculos anteriores. Como a grande massa dos homens lê todos os dias o mesmo jornal, e esse jornal é obrigado a dizer o que agrada a seus leitores, e dizer o que diz de uma maneira suficientemente simples para dar a ilusão da verdade, a instrução pública acaba tendo um empobrecimento incrível no pensamento e na liberdade de pensamento. Até mesmo os protestantes só sabem do catolicismo o que a propaganda protestante lhes diz, e vice-versa. E assim vemos que povos inteiros, ou quase inteiros, abraçam as mesmas idéias, e surpreendem-se e ficam indignados se um outro povo, com a mesma unanimidade, professa idéias diferentes. Cada um denuncia os sofismas da propaganda estrangeira e transforma esse protesto num instrumento de propaganda uniformizante. Cada um de nós não tem, por acaso, o seu pequeno ministério de propaganda?

Quando, de repente, se produz um despertar brusco e uma desilusão cruel, escutam-se — como escutei na Alemanha do pós-guerra — expressões do tipo: "Toda propaganda é uma mentira." Mas a propaganda, como a morfina, faz surgir a necessidade. Os homens estão tão acostumados a receber o pensamento dos outros que se desorientam quando o alto-falante se cala. Ficam na expectativa de novas propagandas. "Atualmente— escreve o Dr. Tzanck²³ — a propaganda, esse falso testemunho multiplicado e modernizado, ataca o homem desde a sua infância."

O psiquiatra Carl G. Jung, numa reportagem feita no dia seguinte ao armistício que decidiria o destino da Alemanha, tentou dar uma explicação psicológica para as atrocidades do nazismo. Deu ele uma interpretação histórica que se aproxima muito da que eu proponho. Relembrou a velha noção de demônio que se acreditava erradicada; demonstrou que a Europa pretendia caçar os demônios pela ciência. Mas recordou as palavras do Evangelho: quando se caça demônios, eles vão

para um outro lugar, onde podem ser ainda mais perigosos, tanto mais quanto eles não sejam reconhecidos como tais. Mostrou também que é nas massas que eles preferencialmente trabalham. "O poder dos demônios — diz ele — é prodigioso, e os instrumentos modernos de sugestão às massas, como a imprensa, o rádio e a televisão, estão a seu serviço." Ele disse aos suíços, tão orgulhosos da sua autonomia espiritual, que, se eles fossem oitenta milhões, bem poderia suceder-lhes uma aventura semelhante à da Alemanha. Por fim recordou a verdade histórica de que um vencedor sempre pode ser contaminado pelo perdedor. Esta é, sem dúvida, uma das tragédias do nosso tempo. O nazismo foi vencido, mas tem discípulos. Para destruir o poder da sua propaganda foi necessário recorrer às suas próprias armas e instituir na maioria das nações uma propaganda estatal. É estranho observar a adaptação universal a ela depois do levante contra o poder da Igreja.

E a própria Igreja está em perigo. Neste mundo desgarrado por ideologias diversas, há uma forte tentação de apresentar o cristianismo como uma ideologia, de querer ser forte também para Deus, de agrupar massas, não segundo o método evangélico de "um por um", ao qual se refere Jung, mas pela síntese de uma propaganda pensada em termos de tática, de estratégia e de estatística. A propaganda exige uma simplificação do evangelho, em que só os pontos positivos são apresentados, para que se consiga uma maior persuasão. Isso justifica-se em função de se querer alcançar as massas, e se condena perante os demais cristãos, a quem deixam o mundo abandonado a seus destinos sinistros. Um colega escreveu-me: "Há quem esteja tão absorvido pelo seu cristianismo que gostaria que ele fosse uma doutrina do governo graças à qual o nosso mundo se transformaria, num piscar de olhos, no reino de Deus. Outros pensam; o homem em si mesmo não é mais do que pecado, só Cristo é ativo neste mundo e conhece os seus;... esperemos, ... tremendo,... porque somos incapazes de qualquer boa ação. É como se entre dois extremos se dançasse na corda bamba."

Voltamos a encontrar assim, em relação à Igreja, a separação que caracterizamos como sendo a enfermidade do nosso tempo. Não quero com isso criticar nenhuma das tendências que se manifestam no seio do cristianismo, mas mostrar a vaidade de sua discussão e propor uma síntese: uma Igreja que saia de sua situação de recuo, que volte a falar em nome de Deus, que demonstre que a sua mensagem refere-se à totalidade da vida, isto é, tanto à política, à economia e à ciência, como à teologia; mas também que seja uma Igreja que saiba cuidar-se da moderna contaminação da propaganda.

* * *

O mito moderno do poder causou um grave empobrecimento em nossa civilização; privou-a de qualquer outro valor. O belo, o bom, o verdadeiro não podem ser medidos. O conhecimento verdadeiro é o conhecimento espiritual que o mundo não tem como avaliar, e que a nossa civilização desconhece: "Demonstrou-se que conhecer é medir" — escreve Brunshwicg. Isso restringe incrivelmente o horizonte do homem moderno, para quem o que não se pode medir não tem valor. Como se pode — perguntou Raymond Charmet — medir uma personagem histórica, um acontecimento, uma obra de arte?"⁸ E Péguy explicou: "O homem sempre preferirá medir a si mesmo, em lugar de ver a si mesmo."

Já me referi aos artistas, aos poetas, às pessoas sensíveis, emotivas, de alma delicada, que a sociedade moderna deprime e paralisa com o seu desprezo, e que acorrem cada vez em maior número ao consultório do psicólogo. Sofro por ver tantos valores verdadeiros condenados a vegetar fora da corrente do mundo — valores muito mais preciosos do que os tonéis de petróleo e dos quais o mundo, sem ter disso conhecimento, tanto necessita. Eles são, porém, rejeitados e subestimados a ponto de ficarem cheios de sentimentos de inferioridade diante do industrial e do banqueiro.

E quantos homens hoje em dia sabem, no fundo do coração, que o valor supremo é a fé, mas que não se animam a admitir isso, por medo de parecerem fracos. E isso acontece por ter a religião se desvalorizado tanto, sendo até apresentada como refúgio dos fracos! Esta abstenção sistemática dos homens de forte personalidade faz com que nossas igrejas, em sua grande maioria, sejam freqüentadas por homens marginalizados, por mulheres e por doentes.

É verdade que São Francisco de Assis era fraco fisicamente. Segundo a expressão de Pio IX, ele tinha "um corpo que dava apenas para suportar a sua alma." Também Pascal ou Vinet foram indecisos, atormentados, fracos segundo os padrões de nossos dias; mas tinham uma força de outra ordem, muito maior, ainda que não pudesse ser medida pelas vitórias obtidas sobre os demais: a

força de reconhecer a própria fraqueza e de contar com Deus; de respeitar os outros, de ajudá-los a se fortalecer, em vez de se aproveitarem da fraqueza deles.

O mais trágico do mito do poder é que impede o homem de ter uma honesta consciência da sua fraqueza, e o lança a uma ilusória confiança em suas próprias forças. Essa confiança em si mesmo priva-o da força da fé, a única capaz de romper o círculo vicioso em que a corrida ao poder o aprisionou.

Creio ver nos jovens de hoje sinais precursores de uma revolução mais profunda do que as já conhecidas, que não faziam senão prolongar a direção que a nossa sociedade tomara três séculos atrás. Cansados das lutas intelectuais, econômicas, ideológicas, esses jovens dão mostras de uma saudade dos valores eternos e universais, da arte, da poesia, do espírito.

Que esta geração possa persuadir o mundo de que a fantástica perseguição ao poder sempre foi uma utopia, fazendo-o voltar a um ideal de harmonia e de hierarquia dos valores, de acordo com a ordem da criação.

CAPÍTULO 6

A Cura

Depois do diagnóstico, a terapia.

Às vezes se dá o caso de que os problemas do diagnóstico são tão interessantes que temos a tentação de ficar discutindo-os a fundo. Mas um verdadeiro médico nunca perde de vista o seu objetivo principal; ele precisa de um bom diagnóstico para poder realizar um tratamento eficaz. Nosso objetivo, ao examinarmos aqui as delicadas questões que a doença do mundo nos apresenta, não é o mero gosto acadêmico pela dialética. A angústia do mundo atual é tão urgente; são tantos *os* sofrimentos acumulados até hoje, e de tal gravidade são as ameaças que pairam sobre ele que devemos deixar que só o coração nos guie. Queremos pôr a seu serviço as nossas faculdades intelectuais de análise.

Desde o princípio referi-me às dificuldades do diagnóstico; as do tratamento são ainda maiores, por certo. Não creio que muitos de meus leitores queiram estar no lugar dos chefes de Estado de hoje. Eu também não! Entretanto, a doença do mundo não é somente uma enfermidade do organismo em seu conjunto; ela alcança cada célula do mundo, cada um de nós: a cura do mundo depende da nossa cura pessoal.

Diante disso, gostaria de esboçar agora, com convicção e entusiasmo, as diretrizes para um verdadeiro tratamento, segundo o meu ponto de vista. Frequentemente o médico, na falta de uma terapêutica específica e causai, vê-se reduzido a fazer um tratamento sintomático da doença. Este é o nosso caso, em relação à sociedade. Ante a urgência dos males, os governos de todos os países vêm-se obrigados a improvisar medidas para evitar o pior. Essas apressadas medidas às vezes podem causar dano ao paciente; em todo caso, elas não impedem de buscarmos também um tratamento causai.

Se, como sustentamos, for verdade que a causa de nossas catástrofes reside na separação que dissociou, tanto no homem como na sociedade, duas realidades inseparáveis — a material e a espiritual — só a reintegração possibilitará a cura. Unicamente Deus, que criou o homem ao mesmo tempo corpo, alma e espírito, pode operar em nós e na sociedade essa síntese harmoniosa. Sem Ele podemos conseguir sobrepor de algum modo as nossas medidas econômicas, os esforços da nossa imaginação, as nossas conclusões intelectuais e as nossas aspirações espirituais, mas nunca poderemos fundi-las em um todo orgânico.

Estou convencido de que vivemos a hora da Igreja. Instituída por Deus, serve de Deus, a Igreja deve voltar a ser um instrumento que opere esta síntese da qual todos os homens do nosso tempo têm saudade, de forma consciente ou inconsciente. Refiro-me à Igreja em seu mais amplo sentido: não só os pastores e as igrejas constituídas, mas todos aqueles que são guiados por Jesus

Cristo.

Creio que poderei destacar numerosos sinais de que vivemos a hora da Igreja.

Em primeiro lugar, a modéstia que hoje se apoderou do mundo científico, e que contrasta particularmente com o orgulho, com a auto-satisfação e com o otimismo do século XIX.

O Dr. Leriche,⁷⁹ professor do *College de France*, escreve em seu último livro: "Desde o momento em que se quis compreender por que as coisas são como são, desde que se procurou encontrar os motivos ocultos das doenças, os livros não trazem outra coisa senão explicações superficiais, às vezes pueris, por trás das quais não se encontra nada ou então muito pouco..." E quem cita essa declaração na revista *Revue Medicale de la Suisse Romande* é ninguém menos do que o professor Roch, um dos mais importantes mestres da medicina suíça. Isso certamente não teria acontecido no começo do século XX!

Os físicos de hoje, que por certo se debatem com os fantásticos e insondáveis problemas atrelados à teoria dos quanta, de quem se poderia dizer que são os mais científicos dos cientistas, são também atualmente os mais modernos. Até há pouco consideravam que sua disciplina era a ciência exata por excelência, e que as ciências biológicas e morais tinham leis meramente estatísticas. Entretanto, quanto mais avançam em suas investigações, eles estão comprovando que as leis físicas e matemáticas também são estatísticas, e que suas conclusões, em vez de "exatas", estão entre múltiplas possibilidades, das quais uma é escolhida com base em convenções arbitrárias e incertas. Acabo de receber a tese de doutorado em ciências físicas de meu sobrinho, Pierre Bouvier.⁸⁰ Não entendo uma só linha de seus cálculos matemáticos cheios de símbolos convencionais, no entanto compreendo a enorme importância filosófica de trabalhos de especialistas desse campo. Revolucionam a nossa concepção do mundo e voltam a introduzir nela, como nunca antes, a noção de mistério, bem no momento em que os cientistas anteriores achavam que o mistério estaria sendo eliminado do horizonte do seu pensamento.

Agora é a hora da Igreja. E a hora em que a elite intelectual de todas as disciplinas retorna da falsa esperança de uma idade de ouro da ciência. É a hora em que, por todo o mundo, compreende-se que quanto mais o conhecimento se enriquece, mais numerosos, misteriosos e inesgotáveis são os problemas que surgem.

Reportei-me anteriormente à audácia com que há alguns anos Freud acreditou ter podido deduzir, a partir da sua nova ciência, uma explicação definitiva da religião, da filosofia e da poesia, que ele pretendia reduzir a simples funções psíquicas. Também mostrei que já hoje seus discípulos mais fiéis o estão abandonando neste aspecto fundamental, reconhecendo que o mundo dos verdadeiros valores espirituais escapa à análise psicológica.

Fiz muitas citações neste livro, muito mais do que teria incluído num livro feito para agradar o leitor. Não tive essa pretensão; meu objetivo foi outro: quis mostrar, com as citações feitas, que hoje em dia homens de diversos campos — médicos, juristas, economistas, homens de ciência ou de letras e ainda livres pensadores e ateus, judeus e cristãos, católicos e protestantes — todos estão em busca de algo novo; de algo que não seja o simples prolongamento do que foi a cultura no transcurso dos últimos séculos, mas de algo que rompa essa linha, algo que não pertença à ordem da análise científica, mas à ordem da síntese intuitiva, algo que em vez de fragmentar o homem, venha restituí-lo em sua unidade.

Agora é a hora da Igreja. A linguagem desses homens — Menckès, Tzanck, Baruk, Lecomte du Noüy, Bergson — não é, evidentemente, a mesma linguagem de quem foi educado nas sacristias. Inclusive temos uma certa dificuldade, nós cristãos tradicionais, de nos comunicarmos com eles. Entretanto, há algo estranho em todas as suas aspirações, e fica evidente que a sua busca é religiosa; assim, só a igreja de Cristo poderá responder a essa busca. Mas para que a Igreja o faça, terá de abrir o coração, aprender com esses homens, e lembrar-se das palavras do seu Mestre: "Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente..."⁸¹ E tem de se cuidar para não repetir a frase de Natanael: "De Nazaré pode sair alguma coisa boa?"⁸²

Estou convencido de que aos cristãos cabe unir duas coisas que costumam opor-se e que, entretanto, Jesus juntou: por um lado, ter plena consciência de sua própria vocação e escutar a voz de Deus, que é a única que verdadeiramente responde aos tormentos do mundo; e, por outro, evitar que a sua pessoa divina seja motivo de divisão entre os cristãos e os demais, evitando rejeitá-los sob o pretexto de que não possuem a verdade que nos foi dada. Sem calar a nossa fé, busquemos o que nos aproxima deles, esta necessidade comum de renovação espiritual, ainda que eles a formulem em termos diferentes dos nossos.

Estará a Igreja de Cristo à altura de sua tarefa diante desta inquietude de nossos contemporâneos? Saberá suscitar, não uma discussão que os rejeite, mas uma comunhão viva que responda à sua confusa aspiração? Estas são as perguntas com que muito me preocupo.

O professor von Weizsäcker disse-me que fez a seguinte pergunta a Jung, num congresso de psicanalistas: "Para você, qual é a essência da neurose?" E ele lhe respondeu: "Todos os neuróticos buscam a religião."

Vimos, com efeito, que o mundo moderno assemelha-se muito com o neurótico. Jung não se apresenta como cristão, mas distingue melhor que muitos cristãos o verdadeiro sentido da angústia de nossos tempos.

Fico sempre surpreso quando ouço tantos eclesiásticos lamentando a indiferença religiosa de nossos contemporâneos.

"Como você faz — me perguntam — para que seus interlocutores se interessem pelos problemas religiosos?" Não tenho resposta para esta pergunta. Na verdade não me preocupo em despertar uma inquietação religiosa em meus interlocutores, porque sei que eles estão conscientemente preocupados com problemas religiosos muito mais do que confessam. Se os considerarmos indiferentes aos assuntos religiosos, não poderemos estabelecer com eles um clima que lhes permita abrir o coração para revelar as principais coisas que os atordoam. Aprendamos em primeiro lugar a discernir o que o homem moderno está buscando.

O homem de hoje tem sede de Deus. "O corpo crescido espera um suplemento da alma — escreve Bergson — e ... a mecânica exige uma mística." Resta saber se a religião que agora se oferecerá ao homem é a verdadeira, sem a qual continuarão inventando outras, que irão se desmoronando, umas após as outras. Na atualidade todos buscam resposta para os problemas que a ciência desconhece: o destino, o mistério do mal, o mistério da morte. Não quero dizer que a Igreja cristã atual não responda a esta problemática, mas sim que o faz em termos que nossos contemporâneos não compreendem. Eles empregam uma linguagem diferente para expressar suas dificuldades pessoais e sociais, uma linguagem concreta e direta que a Igreja, para ser compreendida, deve adotar. Se por um lado o mundo descartou as coisas espirituais, por outro a Igreja desencarnou-se. Existe assim um grande mal-entendido que provém, com certeza, tanto da Igreja quanto do mundo. "A quantidade de homens — escreve Lecomte du Noüy — que... não encontram na religião as respostas que desesperadamente buscam é considerável... Não se pode dizer que a Igreja tenha vencido brilhantemente os problemas surgidos como conseqüência da civilização industrial."

* * *

É claro que se o mundo não ouve a Igreja é, muitas vezes, porque não quer ouvir a Deus, contra quem se rebelou. Mas a Igreja desculpa-se com demasiada rapidez, pensando que a responsabilidade é do mundo, e não sua. Como estamos buscando agora um tratamento, retomemos o caso do Dr. Maeder e vejamos como este médico procedeu. Poderíamos optar pela atitude daquele pai, reprovando o filho por sua rebeldia, denunciando a vaidade de suas fanfarrônicas e reclamando a sua submissão. Entretanto, o médico esforçou-se por compreender o adolescente. De imediato o rapaz lhe confessa a confusão que tem dentro de si, mas diz também que seu pai o decepcionou, e que essa decepção foi um golpe terrível que minou sua confiança no ideal moral que o pai lhe ensinara. E a imagem vai se tornando mais clara: o que decepcionou o rapaz foi a inércia do pai ante as injustas críticas que a mãe havia recebido. Assim, a falta de unidade dos pais é a primeira causa da rebelião do filho. O que o levou a rejeitar os princípios morais eternos foi ver como seus pais traíam *esses* princípios, pela dissensão entre si, pela falta de amor entre os dois.

Chegamos a comparar a Igreja com esses pais e o homem moderno com o filho rebelde. A história nos ensina que o que contribuiu muito para separar o homem moderno do cristianismo foi a divisão interna que há na Igreja, e também seus erros. O pai — cuja trágica história nos foi contada por Maeder — perdeu toda a sua autoridade perante o filho por não aplicar a moral de amor que lhe competia aplicar, porque não amava sua esposa. Do mesmo modo a Igreja começou a perder ascendência sobre o mundo a partir de suas dissensões internas.

Um psicólogo não pode deixar de notar até que ponto as discussões que ocorrem entre as igrejas parecem-se com as de cônjuges em conflito. Entre os casais com freqüência se dá o fato de que a tenacidade das críticas mútuas depende do afeto que os une.

Se não sentissem nada um pelo outro não ficariam assim tão furiosos e ávidos por combater qualquer opinião que o cônjuge tenha, diferente da sua. Briguinhas de namorados! Também entre os casais, assim como entre as igrejas, há algumas discussões acerca de princípios essenciais, mas desempenham um papel secundário em relação aos fatores emocionais que os separam. Os ciúmes, os rancores, as feridas no amor-próprio, a suspeita e a falta de honradez são os sentimentos que põem fogo no conflito. E, muitas vezes, devido ao fenômeno da racionalização, as discussões sobre idéias parecem ser o resultado da discórdia emocional, e não sua causa, como é. Para os cônjuges unidos por um amor verdadeiro, as discussões deste tipo encontram solução ou, pelo menos, se suas opiniões não se conciliam, cada um respeita as do outro, e procura não condená-las intransigentemente. De modo contrário, quando há uma tensão emocional entre eles, quando há falta de amor, essa situação provoca as discussões ideológicas, e as envenena. São as tensões emocionais que separam os homens.

Não desconheço a importância dos problemas teológicos que uma aproximação entre duas denominações implica. Mas de modo algum as divergências teológicas bastam para explicar a prevenção mútua que impera com muita freqüência entre as igrejas. E esses embates de fé certamente encontrariam solução se fosse possível superar as paixões.

Por outro lado, não quero dizer que o problema da unidade da Igreja está na divisão existente entre católicos e protestantes. Mil matizes dogmáticos e eclesiásticos separam ortodoxos, luteranos, batistas, renovados, etc. Dentro da igreja evangélica muitas pequenas comunidades pretendem fanaticamente ser as possuidoras da verdade, assim como também por trás da Igreja Romana há inúmeros debates teológicos.

O médico consegue perceber que um cristão de uma denominação passa para uma outra denominação não por razões teológicas, mas principalmente devido a um conflito com a família ou com um eclesiástico. Esse médico vê que, principalmente entre os cristãos, como num casamento, o conflito se perpetua porque cada um denuncia as faltas do outro, em vez de reconhecer as próprias faltas; isso acontece porque se prega o perdão, mas raramente ele é praticado.

Relembremos que nossos reformadores não quiseram fundar uma igreja, mas simplesmente reformá-la, e assim estaremos conscientes de não estarmos sendo infiéis a eles quando encontramos um caminho de aproximação entre as distintas denominações.

Um médico judeu convertido ao cristianismo, o Dr. Zwiebel,⁴³ mostrou com muita clareza que tanto judeus como cristãos estão com plena razão nas críticas que fazem entre si, e mostrou ainda que essas críticas não só são estéreis mas constituem o grande *obstáculo a conversão aos judeus*.

Vimos como Maeder falou aos pais do seu paciente, como os ajudou a ver que as suas diferenças é que eram uma das causas importantes da crise do rapaz, e os convidou a voltarem-se um para o outro e a unirem-se mais estreitamente. Do mesmo modo, penso que se vivemos a hora da Igreja, agora é, antes de mais nada, o momento de um grande movimento de reconciliação em seu meio. "É uma lei dos fantasmas — escreve Goethe — que eles só podem sair pela abertura por onde entraram." O fantasma moderno da incredulidade introduziu-se pela brecha que se fez na unidade da Igreja.

Houve divisões, é verdade, entre os homens do mundo antigo e os da Idade Média, mas no mundo moderno elas atingiram proporções inauditas. O que se vê são lutas entre os Estados e entre grupos de Estados, entre classes sociais, entre competidores. O grande problema atual é devolver ao homem a fé, numa condição de solidariedade que supere as divergências. O mundo só ouvirá a Igreja se ela conseguir resolver suas próprias divisões. A Igreja pode dar e dará seguramente essa demonstração, já que só uma unidade espiritual pode ser firme e, ao mesmo tempo, respeitar as convicções de cada um. Acontece aqui o mesmo que com os casais em conflito: nunca sobrevirá uma verdadeira reconciliação se não for por um movimento do espírito. Só o espírito pode estabelecer um laço que permita que cada um permaneça sendo fiel a si mesmo. A harmonia não passa de uma ilusão quando é o resultado da tirania de um cônjuge sobre o outro, ou quando os dois, para se entenderem, são obrigados a evitar falar de qualquer tema que possa ser motivo de discussão.

A unidade da Igreja será uma unidade espiritual. Não mediante abraços circunstanciais que ocultem as dificuldades, nem pela utópica busca de uma comunidade do mesmo ponto de vista teológico, já que as discussões intelectuais mais separam do que unem as pessoas. Mas se o mundo moderno sofre tão graves divisões, como é o caso, isso se deve à perda da hierarquia espiritual a que

nos temos referido, *esse* vínculo espiritual que supera e harmoniza elementos diversos, deixando a cada um suas características próprias e sua vocação. A Igreja pode e deve demonstrar isso.

Que os membros de cada denominação estejam de acordo com a sua denominação! Mas que se estabeleça, entre todos os cristãos, uma unidade espiritual! Assim o mundo retornará à Igreja para buscar o segredo para a cura de seus males.

E emocionante ler a homenagem que o Dr. Zwiebel, o médico judeu a que me referi, rendeu a quatro companheiros católicos de cativo: um médico, um padre médico, um padre e um dentista. Revelaram-lhe a verdade de Cristo e da vida cristã, mas foram tão isentos de partidarismo que, apesar de serem católicos, o recém-convertido recebeu o batismo cristão na igreja evangélica.

Restaurar a unidade da igreja cristã é hoje muito mais do que uma pregação piedosa. O desenvolvimento de um movimento pela unidade da Igreja, os caminhos que este movimento tem diante de si são sinais dos tempos que alentam a nossa esperança. Com efeito, o Conselho Mundial de Igrejas soube evitar tornar-se uma espécie de conferência diplomática, não cedeu à tentação dos compromissos mundiais nem impediu nenhuma Igreja de se manter fiel a si mesma. Tampouco não deixou de procurar estabelecer uma verdadeira unidade entre elas. Seu método foi formulado pelo Dr. Visser't Hooft, seu secretário geral, no momento da inauguração do Instituto Ecumênico de Bossey. "Não se trata de federalizar as igrejas, mas liberar a Igreja de Jesus Cristo no interior das igrejas dos homens." E a própria atitude da Igreja Romana, que enviou mensagem de saudação à reunião de Genebra, mostrou também claramente a proximidade da hora da unidade cristã.

* * *

Para precisar melhor ainda esta tarefa, voltemos ao trabalho de Maeder. Uma vez esclarecida a relação entre os pais, ele passa a mostrar-nos a possibilidade de uma aproximação deles com o filho, em função da cura do rapaz, isto é, fazendo uma analogia com a atitude justa que a Igreja deve ter ante o sofrimento do mundo.

O que lamentavelmente estamos acostumados a ver quando tratamos um neurótico é que o comportamento dos pais, ainda que compreensível, agrava as dificuldades do paciente. Isso se dá principalmente quando o julgam e o criticam. No caso do Dr. Maeder, por exemplo, o pai poderia, com razão, muito bem ter dito ao filho: "Você está doente porque se rebelou. Se tivesse me escutado, se não tivesse rejeitado todos os princípios que lhe indiquei, se você tivesse trabalhado em vez de ficar sonhando com o *jazz*, você não estaria assim tão atormentado. Cuidado, você está trilhando um mau caminho; se continuar assim vai arruinar a sua vida." Mas uma palavra como esta em geral só serve para fazer com que o adolescente mergulhe ainda mais em sua rebelião e em sua neurose.

Do mesmo modo, tomaríamos um caminho errado se tomássemos uma atitude de julgamento com respeito ao mundo atual. Condenar o mundo sob o pretexto de convertê-lo é uma tentação perigosa para os crentes. Não foi o que me propus neste livro e, se em algum momento dei essa impressão, peço perdão ao leitor. Sustento o que acredito ser verdadeiro: que os sofrimentos da humanidade provêm do seu afastamento da fé; mas a humanidade é vítima disso, está enferma; temos que nos compadecer de seus sofrimentos, sobrelevando-os. Se há culpa, essa culpa é de todos, e principalmente de nós, crentes, muito mais do que dos incrédulos, porque nós temos a fé.

Temos a obrigação de compreender esta situação. Mesmo nas críticas atérias dos marxistas, dos nazistas, dos nietzscheanos e dos existencialistas existe a expressão de uma dor interna capaz de suscitar o nosso amor por eles. Seus argumentos contêm muitas verdades. Quem seria capaz de dizer a Marx que a religião nunca serviu de ópio ou a Sartre que nós nunca apenas aparentamos amar, em vez de amar de verdade?

Não há um partido cristão e um partido anticristão, nem um combate entre os dois. Não estaremos encarnando o cristianismo, assim como não o fez o pai do jovem neurótico, se só dissermos como ele disse: "Volte para mim". Uma atitude desse tipo só pode contribuir para reforçar as prevenções do mundo contra a Igreja. Um movimento espiritual verdadeiro não nasce de uma discussão nem de uma crítica; só surge quando Deus intervém. Então, igualmente vencidos, todos se fecham.

O mundo está enfermo; ofereçamos-lhe o nosso respeito e o nosso amor. Recordemos as palavras de Inácio de Loyola: "Ser dócil e gentil com o nervoso." E a mesma atitude que o teólogo

protestante Karl Barth propõe em seu livro sobre a Europa, e de quem, não obstante sendo quem foi, não se pode suspeitar de que não soube combater em prol da verdade.

Numa breve publicação, Jean de Rougemont conta, de maneira emocionante, como o médico pode, de repente, compreender a miséria humana quando toma consciência da sua própria miséria. Mesmo sendo prestigiado e influente, tendo diante de si um "caso", se permanecer apenas como cientista, poderá dar bons conselhos, mas nunca alcançará o homem em seu infortúnio. Poderá recordar-se de um determinado momento de sua vida, em que não esteve realmente satisfeito consigo mesmo, e compreender que o seu prestígio, o seu conhecimento, os seus títulos e a sua consideração social são apenas a máscara atrás da qual ele esconde a sua miséria. Então se sentirá verdadeiramente irmão do doente que tem diante de si, cujo coração poderá ser agora por ele alcançado.

O capelão de um hospital contou-me que, por diversas vezes, teve dó dos enfermos, ao ver que certas almas piedosas e de caridade, de diversas comunidades religiosas, vinham ao hospital para convertê-los. Os doentes sentem que essas almas piedosas, em vez de se identificarem com o seu sofrimento, aproveitam-se do fato de que estão confinados a uma cama, frágeis e incapazes de qualquer resposta, para doutriná-los.

Esses visitantes obtêm uma grande satisfação; encontraram uma oportunidade de extravasar o seu entusiasmo religioso. Chegam inclusive a valer-se da doença da pessoa como um argumento para convencê-la. Falam arduamente e não se preocupam em ouvir a pessoa. Satisfazem-se, sem perceber, com o domínio que exercem numa luta desigual.

Lamentavelmente a vontade de poder introduz-se rapidamente, mesmo num ministério espiritual; dela ninguém escapa. Mas nada obstrui mais um verdadeiro movimento do espírito do que o imperialismo cultural. Recordemos a severidade com que Cristo condenou o proselitismo dos fariseus.

Recordemos também que foi o imperialismo cultural da Igreja que provocou, no final da Idade Média, a forte reação que estudamos: a rejeição do que é espiritual. Mesmo na atualidade, a Igreja ficaria alienada do mundo caso viesse a se aproveitar dos males existentes para tentar recuperar o seu domínio, para impor ao mundo um sistema de pensamento e valer-se de uma vingança dialética.

O cristianismo não é uma ideologia contraposta a outras. É uma vida inspirada pelo Espírito Santo. Suas vitórias são apenas vitórias sobre si mesmo, e não sobre os outros. Ele se propaga mediante a humildade e voltando-se para si mesmo, não por meio de vitórias.

De modo que, se quisermos ajudar o mundo na crise atual, não devemos acreditar que há dois lados que se enfrentam: o de Cristo, do qual fazemos parte, e o dos demais, que são nossos adversários. Paremos de dizer: "Voltem a nós, porque possuímos a verdade". Mas digamos: "Voltemos todos juntos a Cristo". Diz Péguy: "Não fica bem termos uma postura de que somos sábios."

A mentalidade secular, cujas características principais foram por nós observadas, invadiu a própria Igreja, que passou a ter uma confiança otimista no homem e no progresso, aceitando o mito do poder, da quantidade, da estatística, e a hipertrofia do "estrato intelectual" da pessoa humana, pela repressão da consciência ante a miséria social.

Diante do que Pierre Hervé escreveu: "A primeira coisa que se deve pedir ao comunismo é ter uma postura humana ... que mergulhe na massa dos homens conhecendo suas necessidades, suas preocupações", devemos reconhecer o que a Igreja deveria ter feito em relação aos comunistas. Diante do que Nietzsche escreveu: "Os bons sempre foram o começo do fim", temos de reconhecer que o moralismo, tão severamente condenado por Cristo, penetrou na Igreja, e isso é grave. Diante do que o professor Ellul⁵² escreveu: "O homem vive numa civilização materialista. E não somente na Rússia, onde existe uma filosofia materialista, mas no mundo inteiro...", temos de reconhecer que a Igreja muitas vezes se acomodou com o poder do dinheiro. Também o pastor Henri Ochsenschein,⁴⁶ depois de ter denunciado com vigor o materialismo do mundo profano moderno, consagrou um capítulo não menos severo ao "materialismo religioso" dos membros da Igreja. Diante do que disse um chefe comunista a Ellul:⁵² "Hoje se faz vista grossa à dignidade humana, aos direitos do homem, ao respeito pela pessoa etc", devemos reconhecer que a Igreja também contribuiu para a perda de valor dessas instruções, ao repeti-las à sociedade sem fazer com que seus fiéis se submetessem a elas em sua própria vida social.

Finalmente, reconheçamos que o individualismo — esta grande praga dos tempos modernos

que mergulhou o homem numa solidão atroz — reina particularmente na Igreja, que está muito longe de ter a imagem da verdadeira comunidade que foi a Igreja primitiva. Está muito longe de ser aquele "organismo absoluto",³ aquela sociedade perfeita, da qual falava o filósofo Charles Secrétan, e que ele queria considerar como um expressivo exemplo para as relações harmoniosas entre a pessoa e a coletividade.

Quando eu digo Igreja, não me refiro a uma noção vaga e abstrata, mas a cada um de nós, cristãos, que participamos desta grande separação entre o espiritual e o temporal. Conservamos piedosamente as verdades espirituais do evangelho, mas já não as vemos em todas as exigências práticas da nossa vida material e profissional. Esta incoerência dos cristãos salta à vista, é a principal causa do desafeto do mundo para com Cristo e, com efeito, não temos moral para dar lições a nossos contemporâneos.

Um domingo à tarde, durante o serviço militar, encontrei-me a sós com o meu comandante, médico como eu. Todos os nossos companheiros do refeitório estavam de licença. Tomamos um café num belo jardim, contemplando uma esplêndida paisagem montanhosa. De repente, duma maneira totalmente imprevista, meu superior revelou seus sentimentos a meu respeito:

— Quando há algumas semanas me informaram que você tinha se incorporado à minha unidade — disse ele — pensei: "o que vamos fazer com *esse* beato?" Eu não imaginava como tão depressa você se tornaria um de meus melhores amigos!

Abria-se a possibilidade de uma conversa profunda. Como querendo responder a uma pergunta que eu nunca lhe havia feito, meu comandante explicou os motivos da sua hostilidade para com os cristãos. Episódios da sua vida de médico me foram relatados, um após outro. Por exemplo, falou-me de uma visita que fez ao luxuoso apartamento de uma família piedosa e muito bem considerada na igreja, para examinar uma empregada doméstica que gemia gravemente enferma, e sem cuidados, por vários dias num sótão minúsculo e sem janela. Ele havia tratado também de um casal em que a mulher, muito devota, por ciúmes exercia uma tirania demasiadamente cruel sobre o marido, a ponto de ter feito um estrago total na vida conjugal. Usando uma máscara de virtude, perseguiu-o implacavelmente, quando buscou consolo de um outro lado.

Eu não dizia nada, se bem que tudo isso era verdade — são coisas que um médico vê atrás dos bastidores da sociedade.

Meu amigo conhecia inclusive histórias escandalosas de eclesiásticos. Durante horas continuou com a sua exposição. A noite levou-me a um bairro próximo para jantarmos juntos. Falou-me então de seus próprios infortúnios. Naquele momento perguntei:

— Você tem outra solução para as injustiças do mundo, que não o poder de Deus? Esse poder que pode fazer com que tanto um cristão como um incrédulo examine-se a si mesmo, e que pode obrigá-lo a reconhecer seus erros e a repará-los?

E, por minha vez, contei-lhe meus próprios casos, histórias minhas e de outras pessoas, e do que pode acontecer quando sopra o Espírito de Deus.

Algumas semanas depois, quando aquele oficial ficou encarregado da inauguração de um hospital militar, ele veio até mim e me disse:

— Ouça-me, estou organizando um banquete para a inauguração, e quero de você o seguinte: procure um capelão e peça a ele que venha abençoar a casa. Você poderá entender-se com ele melhor do que eu. Não quero que ele faça um longo sermão, mas quero que os nossos homens saibam que nada de bom se pode fazer na terra sem a bênção de Deus.

Sim, esta é a hora da Igreja. Não se trata só de uma humilhação do mundo, mas também de uma humilhação e de uma profunda transformação da Igreja.

* * *

Quero agora esclarecer melhor um aspecto desta transformação, tal como eu a vejo. Nossa época sofre as conseqüências da separação que houve entre o espiritual e o temporal. Não há somente o fato de o mundo ter perdido a dimensão espiritual, mas também a Igreja sofre uma desencarnação. Parece-me que ela se retirou da vida real, abandonou o mundo, deixando-o com suas dificuldades vivenciais, e refugiou-se numa torre de marfim. Aqui residem suas maiores responsabilidades pela crise atual. Certamente continuou pregando, mas longe dos lugares públicos

onde a vida dos homens se desenvolve. "A moral — escreve Zwiebel — não é uma teoria que se demonstra, mas é uma vida que se mostra." E em seguida acrescentou, com respeito aos debates sociais e intelectuais que haviam feito palpitar a sua inteligência e o seu coração: "A minha geração, que se formou e chegou à maturidade no tempo entre duas guerras mundiais ... foi dominada principalmente por correntes políticas das quais geralmente o cristianismo esteve ausente." O mundo em que ele vivia era um "mundo sem Jesus". Penso também no que Péguy dizia acerca dos cristãos: "Têm as mãos puras, mas não têm mãos."

O cristianismo é a religião da encarnação, e em grande medida esquecemo-nos disso. O mundo teve de enfrentar grandes problemas. A revolução industrial, a era da ciência, os progressos da técnica, o enorme desenvolvimento das necessidades econômicas, a constituição de grandes massas e muitos outros fatores tiveram repercussões trágicas. Foi necessário improvisar medidas, procurar exorcizar o mal maior. Cometeram-se erros, com certeza, mas ao menos inúmeros homens de boa vontade procuraram fazer alguma coisa; muitas vezes, apesar de suas doutrinas erradas, fizeram trabalhos que foram menosprezados, mas que deram o exemplo da sua consagração ao serviço de um mundo torturado. A Igreja esteve praticamente ausente de todo esse esforço político, social, econômico e cultural. Desinteressou-se do mundo, deixando-o prisioneiro de seus próprios problemas, e refugiou-se no mundo espiritual que certamente não deve ser deixado de lado, mas que é onde se deve procurar as soluções práticas para a organização da sociedade e para dar orientação à cultura.

Assim como a Igreja deve humilhar-se, ela deve também formular claramente o significado do Evangelho para a vida econômica, política e intelectual; deve formular, como se diz, uma ética profissional e social evangélica, que ainda está por ser descoberta.

Encontramo-nos, não obstante, no começo de uma nova época que talvez assista à união dos dois ramos do mundo humano, desgarrados já há alguns séculos. Refletindo um pouco a respeito, é incrível que isso pareça ser uma novidade. Como foi possível a Igreja desinteressar-se a tal ponto, em relação ao mundo e seu destino? Como os mestres deste mundo puderam edificar a civilização sem ter uma noção do homem? Como puderam acreditar que seria possível exercer a medicina, dirigir a economia, compreender a história ou a sociologia, sem uma clara compreensão do que é o homem? Pois bem, a ciência, mestra indiscutível da universidade, pretendeu derrubar a concepção do que é o homem baseada na revelação bíblica e, no entanto, aquela a que chegou — a concepção de uma aglomeração absurda e fortuita de elétrons — é, segundo a confissão de um biólogo que a professa, Jean Rostand, realmente insustentável.¹⁷

De modo que ninguém pode hoje responder satisfatoriamente à simples pergunta: "O que é o homem?" Nem mesmo a Igreja, que não se envolve com ela há séculos. Karl Barth publicou uma antropologia evangélica que trouxe uma importante contribuição. Nossos contemporâneos, em sua quase totalidade, têm uma visão de homem mais platônica do que cristã; uma visão que vê, por um lado, uma alma imortal e, por outro, um corpo restrito ao papel de invólucro transitório, nocivo e depreciável. Entretanto, Edouard Schweizer⁸⁴ mostrou, ainda assim, em contundente estudo bíblico, que "a nossa atual noção da morte é mais de origem helênica do que bíblica", e que "doença e morte podem chegar a ser para nós noções positivas", mas somente a partir da perspectiva bíblica do "acontecimento totalmente transcendente: a cruz e a ressurreição".

Por que se surpreender então com o fato de nossos médicos, historiadores e sociólogos terem ficado cegos em relação ao papel primordial que o espírito tem na vida individual e coletiva do homem? Pois, como diz o prof. Leriche,⁷⁹ "a verdade é que, muitas vezes, não conseguimos enxergar nada mais, além do que já conhecíamos anteriormente." E tido como um revolucionário aquele que descreve fatos que são os mais evidentes, facilmente comprováveis por qualquer um, quando mostra, por exemplo, que um certo paciente — mesmo no caso em que o agente da sua enfermidade tenha sido um micróbio conhecido — só foi vítima da enfermidade por ter tido anteriormente um remorso que lhe fizera perder toda a esperança e desejar a morte.

Durante séculos a ciência acumulou documentos sobre o papel dos fatores materiais na história pessoal e coletiva. Com a mesma paciência, teremos de acumular agora documentos sobre o papel dos fatores espirituais, senão continuaremos condenados a não compreender o homem. É certo que só os marxistas têm uma concepção materialista da história. Antes deles, porém, os positivistas haviam visto na história um simples jogo de forças em conflito.

De modo que teremos de enfrentar um imenso trabalho do pensar, o que requererá uma estreita colaboração entre teólogos e intelectuais das diversas disciplinas.

Mas não se trata só de pensar.

Se voltarmos a encontrar na Bíblia uma noção justa do homem isso nos levará a ter experiências novas que, por sua vez, serão uma demonstração mais eloqüente do que as melhores elaborações intelectuais. "Em primeiro lugar — escreve Ellul⁵² — antes de elaborar teorias, antes de criar doutrinas econômicas, o que importa é ter homens. A função da Igreja é ter homens."

A separação entre o espiritual e o temporal não só divide o mundo em geral; também desarmoniza a própria pessoa em cada um de nós. Se quisermos ajudar o mundo a superar essa separação, precisaremos que superá-la em nós mesmos. E não se trata de um problema de puras concepções ou noções, nem tampouco de um problema estritamente espiritual ou intelectual. Trata-se do problema da soberania de Jesus Cristo sobre a totalidade da nossa vida.

A Igreja deve proclamar, mas também mostrar, o que acontece quando um homem de negócios quer ser verdadeiramente honesto, quando um médico respeita verdadeiramente a pessoa humana, quando um artista busca verdadeiramente sua inspiração em Deus, quando um jurista aplica verdadeiramente a sua fé em sua profissão. Trata-se portanto de uma verdadeira revolução.

Mesmo em nosso mundo atual, tão profundamente pagão, qualquer pessoa pode ter experiências de uma situação totalmente nova quando deixa que Deus dirija de fato a sua vida, além de inspirar seus sentimentos. Uma nova civilização nunca surgirá do cérebro de um teórico, mas por uma audaz obediência por parte de inumeráveis cristãos. Todos os homens seguem um caminho estreito e bem conhecido; só submetem ao exame de sua consciência aquilo que foi consagrado pelo consentimento universal. Basta que alguém saia do jogo convencional dos costumes para que o seu exemplo se espalhe. Mas é preciso uma violenta paixão para provocar um gesto tão insólito.

É uma paixão semelhante à profunda comoção que nos toma em nossa totalidade quando Cristo se apodera de nós. Mas é uma paixão que harmoniza a pessoa em lugar de nela promover uma desordem. O que significa então essa hierarquia na pessoa, da qual falamos? O que significa para nós? Não só a nossa adesão a uma concepção espiritual do mundo e do homem, mas uma entrega da totalidade do nosso ser à autoridade de Jesus Cristo. E permitir que Deus nos dirija no uso do nosso corpo e dos nossos bens, do nosso trabalho e do nosso dinheiro, assim como no uso dos nossos sentimentos e idéias. E bem aqui que reside a solução daquela "separação". A nossa consagração a Jesus Cristo libera a Ele não só a nossa vida interior e pessoal, mas também a social. Busquemos, dia após dia, em meditação, a inspiração divina para cada detalhe de tudo o que fazemos.

Devo responder aqui a uma questão que algumas vezes me é proposta: a relação entre espírito e Espírito Santo. Falei muito sobre espírito neste livro. Mostrei que, desde a criação, o espírito do homem é o seu elemento específico, aquilo que faz dele *uma pessoa*, um ser essencialmente distinto dos animais. É um elemento comum e próprio de qualquer homem, seja cristão ou não, e que lhe dá uma dignidade própria, sejam quais forem suas deslealdades ou o seu infortúnio. Mas este espírito, que deveria presidir e dirigir a totalidade da *pessoa*, encontra-se como que eclipsado, enfraquecido pelo desencadeamento desordenado da nossa vontade pessoal. Em que pese todos os nossos esforços, nunca poderemos restaurar por nós mesmos sua soberania primária sobre a "fina ponta" da nossa *pessoa*. Para conseguir isso, precisamos que nos seja dado um novo espírito, proveniente de Deus: o Espírito Santo.

Somente homens iluminados — isto é, homens que tenham aceitado *este* Espírito Santo, aceitando Jesus Cristo como Senhor — podem contribuir verdadeiramente para a restauração da hierarquia do espírito no mundo. A Igreja crê no Espírito Santo, mas não insiste muito na sua importância. Do mesmo modo que Deus encarnou na história, na pessoa de Jesus Cristo, este mesmo Deus encarna-se em nós mediante o Espírito Santo. Ele exerce assim uma influência tanto sobre o nosso corpo como sobre a nossa mente, tanto sobre cada uma de nossas células como sobre nossos sentimentos.

É um efeito da graça. Muitos leitores ficarão surpresos ao lerem aqui a frase de Claude Bernard, o genial fisiólogo cujos seguidores quiseram transformá-lo em criador da doutrina de que há um rigoroso e exclusivo determinismo para o homem. Diz ele: "A graça é necessária; isto é, sem ela o homem não tem como mudar."

Com efeito, é necessário que algo mude verdadeiramente no mundo, e isso só pode provir de homens que, por sua vez, tenham mudado. Mas quando alguém muda pela ação da graça, não muda simplesmente o seu estado de ânimo, mas a totalidade do seu comportamento. De repente se vê livre de velhos costumes dos quais era prisioneiro, de rancores e de remorsos, e torna-se incapaz de

cometer as injustiças que antes cometia.

Aceita também os sacrifícios a que deve sujeitar-se por causa da sua fé. "Não há meio de sair de um sofrimento sem sofrer" — escreve Stocker.¹⁰ A sociedade persegue os que não participam do seu jogo. Haverá empresários que vão falir, médicos que serão impedidos de ganhar a vida, advogados que perderão clientes, romancistas que não poderão fazer concessões para agradar ao público, tribunos que serão alvo da hostilidade de multidões.

Mas só a este preço é que algo mudará na história, surgindo então uma nova civilização em que o espiritual e o temporal voltem a unir-se.

Não quero confundir essa civilização com o reino de Deus. Estou certo de que o eterno problema do pecado subsistirá, que somente será resolvido no fim dos tempos. Nossa grande e única esperança é o retorno triunfal de Jesus Cristo.

Mas não se trata de um problema eterno e, sim, de um problema histórico, o da crise pela qual, em particular, o mundo passa desde o Renascimento. Do mesmo modo que a cura do paciente do Dr. Maeder foi marcada pelo despertar da sua fé, creio que a nossa crise atual pode ser resolvida através de uma "integração".

E o retorno final de Jesus Cristo — que esperamos, porque isso nos foi anunciado por Ele mesmo —, não só trará "um novo céu", mas uma "nova terra".⁸⁵ Até em suas promessas para o fim dos tempos a Bíblia mantém-se dentro da perspectiva da encarnação.

Se queremos, portanto, curar o mundo atual da sua neurose de oposição, se acreditamos que isso é possível, se entendemos que assim poremos um fim à desarmonia que há em nossa vida moderna, se nos dispomos a buscar o caminho para uma civilização em que todas as disciplinas recebam a iluminação de Deus — é porque Deus nos chama a isso. Como no tempo dos profetas, sua voz sobressai, a despeito de toda degradação acumulada.

Obras Citadas

- 1 - Les Grands Appels de l'Homme Contemporain: *ANDRÉ GEORGE*, "L'Humanisme Scientifique"; *HENRI MALDÍNEY*, "UHomme Nietzschéen"; *PIERRE HERVE*, "L'Homme Marxiste "; *GABRIEL MARCEL*, "UExistence et Ia Liberte Humaine ChezJ. P. Sartre"; *PAUL ARCHAMBAULT*, "LHumanismeLaique, Gide, Valéry, Alain"; *R. P. BOISSELOT*, "LeChrêfie* • Ed. du Temps Présent, Paris, 1946.
- 2 - *ALPHONSE MAEDER*, Vers la Guérison de l'Âme, *Delachaux et Niestlé, Neuchâtel, S^hk^a-1946.*
- 3 - *JEAN PAUL SARTRE*, L'Exisrencialisme Est un Humanisme, *Nagel, Paris, 1946.*
- 4 - *WILHELM RÖPKE*, Le Problème Allemand, *Payot, Lausanne, Suíça, 1945-*
- 5 - *RENÉ ALLENDY*, L'Enfance Méconnuc, *Ed. Du Mont-Blanc, Genebra, 1946.*
- 6 - *CARL GUSTAV JUNC*, "Werden die Seelen Frieden FindenV, entrevista, Weltwoche, lide maio de 1945.
- 7 - *HILAIRE THEURILLAT*, "Interview de M. André Malraux", La Suisse, Genebra, 20 d* dezembro de 1946.
- 8 - L'Avenir de Ia Science: *Louis DE BROCLIE*, "L'Avenir de Ia Physique"; *R. P A- P-SERTILLANGES*, "Science et Scientisme"; *RAYMOND CHARMET*, "Le Mythe Moderne de Ia Science"; etc, *Plon, Paris, 1941*
- 9 - *CARL GUSTAVJUNG*, Essais de Psychologie Analytique, *Stock, Paris, 1931.*
- 10 - *A. STOCKER*, Le Traitement Moral des Nerveux, *Ed. du Rhône, Genebra, 1945.*
- 11 - *JEAN DE ROUGEMONT*, Vie du Corps et Vie de l'Esprit, *Paul Derain, Lyon, 1945.*
- 12 - *JOSEF GANDER*, "Die Entwicklung der Medizin von Vircbow zu Tournier", em *Civiras 9, l.Jahrgang, 1947.*
- 13 - *HENRI BARUK*, Psychiatrie Moralc Expérimentale, Individuelle et Sociale, *Presses Universitaires de France, Paris, 1945.*
- 14 - *ROGF.R REYSS*, "Les Asiles de Eous", *Le Semcur, novembro de 1946.*
- 15 - *CH. DURAND-PALLOT*, Biologie et Bonheur Conjugai, *Delachaux et Niestlé, Neuchâtel, Suíça, 1946.*
- 16 - *WERNFR KAEGI*, "Le Chrétien et les Grands Problèmes du Droit du Temps Présent", conferência em Zurique em 12 de maio de 1943.
- 17 - *JEAN ROSTAND*, La Vie et Scs Problèmes, *Flammarion, Paris, 1939.*
- 18 - *GUSTAVE THIBON*, Diagnostics, *Librairie de Médias, Paris, 1940.*

- 19 - RENÉ GUILLOUIN, *Problèmes Français, Problèmes Humains, Ed. du Milieu du Monde, Genebra, 1944.*
- 20 - HENRI BERGSON, *Les Deux Sources de la Morale et la Religion, Albert Skira, Genebra, 1945.*
- 21 - EMILE BRÉHIER, *Histoire de la Philosophie, Alcan, Paris, 1938.*
- 22 - NOËL FIESSINGER, *Le Raisonnement en Médecine, Vigot, Paris, 1945.*
- 23 - ARNAULT TZANCK, *La Conscience Créatrice, Cbarlot, Argel, 1943.*
- 24 - THEODULF RIBOT, *Les maladies de la personnalité. Paris, 1914.*
- 25 - HENRI MENTHA, "A Propôs de Médecine Psychosomatique", *Revue Médicale de la Suisse Romande, Lausanne, 25 de junho de 1945, p. 386.*
- 26 - VICTOR VON WEIZSÄCKF.R. *Arzt und Kranker, Koehler und Amerlang, Leipzig, 1941.*
- 27 - ALEXIS CARRÉLL, *L'Homme, Cet Inconnu, Plon, Paris, 1935.*
- 28 - AD. FERRIERRE, *Le Progrès Spirituel, Fórum, Genebra, 1927.*
- 29 - LEÍIA, *Le Symbolisme des Contes de Fées, Ed. Du Mont-Blanc, 1943.*
- 30 - DIIBOIS, *Les Psychonévroses et Leur Traitement Moral, Masson, Paris, 1905.*
- 31 - FRANK ABAUZIT, *L'Énigme du Monde et Sa Solution Selon Charles Secrétan, Delachaux et Niestlé, Neuchâtel, Suíça e Paris, 1938.*
- 32 - LECOMTE Du Nouÿ Y, *L'avenir de l'Esprit, Gallimard, Paris, 1947.*
- 33 - A. STOCKER, *Désarroi de l'Homme Moderne, Ed. Du Mont-Blanc, Genebra, 1946.*
- 34 - THEÓPHILE SPOERRI, "La Politique du Confédéré" em *La Suisse Forge Son Destin, Ed. de la Baconnière, Neuchâtel, Suíça, 1942.*
- 35 - MARCEL SENDRAIL, "L'Homme et Ses Maladies", *Revue des Deux Mondes, Royat, Paris, 15 de janeiro de 1943. M*
- 36 - E. BOINFT, *Les Doctrines Médicales, Flammarion, Paris. -*
- 37 - ROLLAND DAÍ.BIEZ, *La Méthode Psychanalytique et la Doctrine Freudienne, Desclée de Brouwer, Paris, 1936.*
- 38 - PIERRE PONSOYE, *L'Esprit, Force Biologique Fondamentale, Impr. Causse, Graille et Castelnaud, Montpellier, França, 1942.*
- 39 - ARNAULT TZANCK, *Immunité, Intolérance, Biophylaxie, Masson, Paris, 1932.*
- 40 - GEORGE MENKÈS, *Médecine sans Frontières, Ed. du Mont-Blanc, Genebra e Annemasse, 1945.*
- 41 - PHILIPPE KRESSMANN, *Humanisme Médical Contemporain et Recherche d'une Médecine Chrétienne, Impr. Castera, Bordéus, 1945.*
- 42 - AGOSTINO MALTARELLO, "Spiritualità dei Medico", *Tabor, Roma, abril de 1947, p. 64.*
- 43 - JOSEPH ZWIEBEL, *Juif, Parce que Chrétien, SPB, Paris, 1947.*
- 44 - GEORGES LIENGME, *Pour apprendre à Mieux Vivre, Attinger, Neuchâtel, Suíça, 1930.*
- 45 - L. D. WEATHERHEAD, *Psychologie, Religion et Guérison, A. Jeheber, Genebra.*
- 46 - HENRI OCHSENBEIN, *Les Compagnons de la Vie, Oberlin, Estrasburgo, 1946.*
- 47 - PIERRE DELORE, *Introduction à la Médecine de l'Homme en Santé et de l'Homme Malade, Masson, Paris, 1944.*
- 48 - ROGERSCHQTZ, *Introduction à la Vie Communautaire, Labor et Fides, Genebra; Je Sers, Paris, 1944.*
- 49 - CHARLES ODIER, *Les Deux Sources, Consciente et Inconsciente, de la Vie Morale, Ed. de la Baconnière. Neuchâtel, Suíça, 1943.*
- 50 - RENÉ LAUVE DÉPINAY, *THÉO SPOERRI e outros. Pouvoir et Travail, Ed. de la Baconnière, Neuchâtel, Suíça, 1944.*
- 51 - CÔNEGO FERNAND BOILLAT, *La Société au Service de la Personne, Ed. de l'Œuvre de Saint-Augustin, St.-Maurice, 1945.*
- 52 - ' JACQUES ELLUS, PAUL TOURNIER, RENÉ GUILLOUIN, *L'Homme Mesure de Toute Chose, publicação do Centro Protestante de Estudos, Genebra, 1947.*
- 53 - EDOUARD BIRNIER, *La Maison du Potier, E Roth, Lausanne, Suíça, 1944.*
- 54 - *Citado por GUSTAVE ROUSSY em "L'avenir de la Science", Presse Médicale, Paris, 16 de outubro de 1946.*
- 55 - HENRI FLOURNOY, "Um Cas de Psychopathologie", *Archives de Sciences Physiques et Naturelles, maio/junho de 1944, p. 67.*

- 56 - ERNEST RENAN, L'Avenir de la Science, *Calmann-Lévy, Paris, 1934.*
- 57 - H. POINCARÉ, La Science et l'Hypothèse, *Flammarion, Paris, 1920.*
- 58 - GEORGES SALET e Louis LAEONT, U'Évolution Regressive, *Aux Editions Eranciscaines. Paris. 1943.*
- 59 - CH. EVG. GUYE, C'Évolurion Phisico-Chimique, *Hermann. Paris, 1942.*
- 60 - ANDRÉ GIDE, L'Immoraliste, *Mercure de France, Paris, 1926.*
- 61 - A. STOCKER, U'Amour Interdit. Trois Anges sur la Route de Sodome, *Ed. du Mont-Blanc, Genebra, 1943.*
- 62 - HENRI BERGSON, Alocução no terceiro centenário do "Discours sur la Méthode", 1937.
- 63 - GUY TROILUET, L'Évolutionnisme Spiritualiste, *Impr. Delmas, Bordéus, 1946.*
- 64 - M. ENCELSON, L'Homme dans l'Espace et dans le Temps, *Ed. du Mont-Blanc, Genebra, 1942.*
- 65 - " M. CAULLEW, Le Problème de l'Évolution, *Payot, Paris, 1931.*
- 66 - C. DEPÉRET, Les Transformations du Monde Animal, *Elammarion, Paris, 1929.*
- 67 - L. CuÉNOT, "U'Adaptation Chez les Animaux", *Buli. Soe. des Sciences de Nancy, 9 de dezembro de 1937.*
- 68 - HENRI BERGSON, L'Évolution Créatrice, *Skira, Genebra.*
- 69 - P. LEMÚINE, Encyclopédie Française, *Paris, 1937.*
- 70 - Y. DELAGE, L'Hérédité et les Grands Problèmes de la Biologie Générale, 1930.
- 71 - G. MoNTANDON, L'Homme Préhistorique et les Préhumains, *Payot, Paris, 1943.*
- 72 - M. BOULE, Les Hommes Fossiles, *Masson, Paris, 1921.*
- 73 - GUSTAVE ROUSSY. "Le Vain Secret", *Presse Médicale, Paris, 19 de fevereiro de 1944.*
- 74 - Romanos 8.19-23 (Almeida, *Revista e Atualizada, da S.B.B., 2ª edição*).
- 75 - MAX PÍCARO, L'Homme du Néant, *Ed. de La Baconnière, Neuchâtel, Suíça, 1945.*
- 76 - RENÉ ALLENDY, Journal d'un Médecin Malade, *Denôel, Paris, 1944.*
- 77 - CHARLES BADOUIN, La Force en Nous, *Ed. du Mont-Blanc, Genebra e Anemasse, 1942.*
- 78 - ARTHUR KOESTLER, Le Zéro et l'Infini, *Calmann-Lévy, Paris, 1945.*
- 79 - R. LERICHE, Thromboses Artérielles, *Masson, Paris. 1944. Citado em Revue Médicale de la Suisse Romande, 23 de março de 1947.*
- 80 - PIERRE BOUVIER, Sur l'Interaction du Rayonnement avec la Matière en Théorie de Champs Quantifiés, *Impr. A. Kunding, Genebra, 1947.*
- 81 - Mateus 8.11 (Almeida, *Revista e Atualizada, da S.B.B., 2ª edição*).
- 82 - João 1.46 (Almeida, *Revista e Atualizada, da S.B.B., 2ª edição*).
- 83 - JEAN DE ROVGEMONT, Culture et Misère Humaine, *Impr. Nouvelle Lyonnaise, Lyon.*
- 84 - EDOUARD SCHWEIZER. "Jésus-Christ Maître de la Maladie et de la Mort", *Le Smeur, novembro de 1946, p. 15.*
- 85 - Apocalipse 21.1 (Almeida, *Revista e Atualizada, da S.B.B., 2ª edição*).
- 86 - G. DEREYNOLD, Conscience de la Suisse, *Ed. de La Baconnière, Neuchâtel, 1939.*